ANNO XXV — N.º 33
Rio, 15 de Agosto de 1931
PREÇO: 1$000

O CONTO BRASILEIRO

FATALIDADE

DE J. C. NOGUEIRA RIBEIRO

OSCAR adormecêra finalmente. O effeito poderoso do calmante vencêra a excitação da natureza, e elle mergulhára em um somno entrecortado, de quando em vez, de fundos suspiros, que vinham revelar a immensa dôr que o possuia.

Eram cinco horas da manhã. As primeiras tintas da madrugada salpicavam o horizonte de matizes arroxeados, prenuncios do advento do sól, e os ruidos naturaes do momento soavam lá fóra, nas ruas que se começavam a movimentar. Cuidadosamente, agazalhei melhor meu amigo, mergulhado naquella modorra artificial que não era bem somno, e me dirigi á sala ,transformada em camara ardente, onde parentes velavam o cadaver daquella que fôra, em vida, a cortejada Edith Moreira.

Embora a lividez da morte puzesse em suas faces uma brancura que me causava calefrios, minha priminha, em seu ultimo somno, ainda encantava e parecia adormecida apenas. Um leve tom de sorriso estava impresso em seus labios, e as mãozinhas cruzadas sobre o peito eram aquellas mesmas mãos divinas que, tanta e tanta vez, haviam executado Chopin e Liszt, em maravilhosos recitaes que a critica recebia calorosamente.

E, emquanto fitava a face pallida de Edith, eu me puz a recordar sua existencia, vivida quasi toda a meu lado, primos e vizinhos que foramos.

Primeiro, sua infancia feliz de menina mimada, e nossas brincadeiras innocentes e divertidas de crianças... Depois, a adolescencia da priminha. Seus primeiros amores e as confidencias que ella me fazia, ao pedir-me conselhos que eu de bom grado lhe dava, homem que era, e conhecedor, portanto, da maldade dos homens... E, a par dos primeiros namoros, a jornada do Conservatorio... Os estudos acurados do fim do curso, quando, até altas horas da noite, o instrumento em surdina, se applicava desesperadamente ao piano... E os exames afinal, e os applausos vibrantes que recebêra ,ao obter o premio de viagem á Europa, categoria de concertistas... Em seguida, sua ausencia de poucos annos, época na qual eu comprehendêra, perfeitamente, quão grande era a affeição que me ligava a Edith... Por esse tempo, seu successo no Velho Continente, e as referencias enthusiasticas que lhe faziam os jornaes de lá... E, mais tarde, sua volta e a alegria que experimentára e que transbordára luminosa, de sua alma, ao revêr a terra natal e a casa onde nascêra... E, depois, aquella recepção na qual viéra a conhecer Oscar Villalva... A attração que ambos haviam sentido, um pelo outro... Mezes passados, a participação do noivado... E na vespera, finalmente, o casamento... A capella ricamente ornamentada... A belleza deslumbrante dos ramilhetes que embalsamavam o ambiente e a formosura maravilhosa da noiva... E depois...

Elle. — Tu me promettêste, hontem, que irias ao "five o clock tea", e não cumpriste a palavra.
Ella. — Eu não tenho culpa, querido: pois si te esquecêste de dizer-me a hora...

Pobre Edith! Desde o dia em que, criança ainda, uma cigana lhe predissêra que morreria em um desastre de trem, evitára, o mais possivel, as viagens por estrada de ferro. Ao embarcar em um comboio, coisa que raro acontecia, mercê de seu pavôr, tremula o fazia e tremula se conservava até o ponto final da viagem. O destino, porém, a poupára, até a vespera de seu matrimonio, esse dia que devia ser — e teria sido, não fôra o fatidico accidente — o mais feliz de sua vida...

E, mais uma vez, parecia-me ouvir a vóz alterada e soluçante de Oscar, quando, os olhos pejados de lagrimas, nos narrava como se déra o desastre:

"Era a fatalidade, pobre querida!, que a perseguia... Para evitar qualquer accidente que porventura nos reservasse o destino, desistiramos da viagem de nupcias e combináramos, como vocês sabem, passar a lua de mél em minha fazenda, indo para lá de automovel. E, effectivamente, o faziamos, quando sobreveiu o desastre. Foi em um daquelles sitios em que a estrada de rodagem atravessa a linha ferrea. Ao alcançarmos a passagem, como um comboio se aproximasse, bem longe ainda, embora, Edith, apavorada, me pedira que não transpuzesse os trilhos antes que elle passasse... E eu, ignorando o que a fatalidade nos reservava, a attendi de bom grado. Depois, não sei bem o que houve... Só me recordo de que o comboio, avalanche immensa de aço, veiu sobre nós, impetuosamente attingindo o automovel e, embora eu escapasse illeso, arremessou Edith a grande distancia, causando assim um choque tão forte, que a matou instantaneamente... Pobre querida! Maldito descarrilamento!..."

E, emquanto uma lagrima corria-me pela face de homem que, uma vez — adulto, jamais chorára, eu continuava a fitar o rosto pallido da morta, onde a claridade vacillante dos grandes cirios imprimia estranhos aspectos, que se me afiguravam mudas imprecações á fatalidade...

UMA MULHER QUE AMAVA...

Um estremecimento agitou-a.

— Passado! Tu não morreste — dizia comsigo. — Passado! Levantas-te como fatidico espectro, julgando-te o unico autorizado a marcar em minha vida presente: erro que não comprehendi, peccado que não commetti.

Balbuciou, incoherente, algumas phrases.

Aproximei-me de seu leito. Timidamente, accomodei-lhe os travesseiros, puz-lhe a bolsa de gêlo na cabeça, e, com doçura, lhe tomei a mão. Pobre Vitza!

Que mysterio havia em sua vida? Que forças occultas a obrigaram a refugiar-se em minha casa, pobre casa de artista e bohemia, pedindo-me amparo e protecção?

Por pudor, calei, muitas vezes, a pergunta que surgia em meu espirito audaz e desconfiado.

Conhecia Vitza desde menina. Ella era muito mais velha do que eu, mas fomos, apesar da differença de idades, excellentes companheiras. Em nossa alegre vida de estudantes, essa vida cheia de emoções simples e justificaveis, passei ao lado de Vitza horas inolvidaveis, graças aos exames fantasticos de mathematica. Eu era má, mesmo pessima alumna nessa materia: o contrario della. Chegado o momento, e conhecedora de minha impericia, por baixo do banco, ella me passava uma folha de papel onde, em numeros pequenissimos, escrevia o resultado do problema ou a solução do exercicio geometrico. Certo dia, notaram-no, e fomos ambas suspensas. Desde então, e como que arrependida do injusto castigo que lhe impuzeram, me tornei sua amiga e confidente.

Soube que, quando terminasse o anno escolar, se casaria. E assim deve ter occorrido, porque ella não voltou mais ao collegio.

Destinos differentes, nossas vidas se bifurcaram.

Ella ter-se-ia casado; eu dediquei minhas actividades á arte. Nada mais soube, até quando, ha dias, timidamente, soou a campainha de minha casa. Ao abrir a porta, ouvi que uma velha, uma mulher de rosto fanado, me dizia:

— Não me reconheces?

Um clarão fugaz illuminou-lhe os olhos.

— Vitza! — exclamei. — Tu! Entra, minha amiga! Quanto prazer em rever-te! Senta-te, conta-me a tua vida! Casaste, não é verdade? Quanto a mim, estás vendo. Quem havia de dizer que eu seria pintora, hein? E tu? Conta-me!...

Um sorriso cruel bailou em seus labios descoloridos.

— Tenho fome! — disse-me.

Fiquei sobresaltada. Fome? Seria possivel?! Vitza com fome?

Corri á despensa e preparei-lhe uma frugal refeição. Os pensamentos mais contradictorios dançavam-me no espirito. Dei-lhe alguma coisa para comer. Quando ella terminou, estreitou-me as mãos.

— Obrigada! — balbuciou. — E' sempre a mesma. Si soubesses...

— Teu marido? — perguntei, com mêdo.

Ella não me respondeu. Uma lagrima rodou-lhe pelas faces pallidas. Julgando ter dito alguma inconveniencia, pedi-lhe perdão. Docemente, acariciei-lhe os cabellos grisalhos, a fronte pequena. Ella abriu os olhos, e exclamou:

— Como és bôa! Tu, não é verdade?

— Não — respondi-lhe, adivinhando o que queria saber.

— Eu poderia ficar em tua casa?

— Sim. Mas sabes que a vida de uma artista não é methodica, e eu, filha, sou desordenada como artista e como mulher. Não estranhes, pois, si nada encontrares em ordem, aqui.

— Não importa. Si eu pudesse descansar um pouco...

— E agora mesmo.

Levei-a, então, para meu quarto de dormir.

Nos dias que se seguiram a vi vagar, como um espectro, pelos compartimentos de minha solitaria casa. Era uma sombra, uma sombra de Vitza que eu recordava. Parecia-me impossivel que aquelle pobre rosto descolorido e fanado, onde a dôr traçára seu rastro inconfundivel, fosse o mesmo rosto alegre e malicioso da minha antiga collega. Seu corpo delgado e angustiado não parecia aquelle corpo esbelto e agil da garota forte e cheia de vida, amante dos sports, que era a Vitza de então.

Imaginei em torno de minha nobre amiga uma grande tragedia. Com delicadeza, quiz abordar o thema; entretanto, delicadamente também, ella se esquivou.

Certa noite, eu lia, como de costume, no meu gabinete, quando ouvi um grito, um grito horrivel, que me alarmou. Levantei-me, e corri para perto de Vitza. Encontrei-a de joelhos, com as mãos postas, o olhar feroz, a bocca espumante, e exclamando:

— Perdão, por piedade! Foi por amar-te muito! Perdão!

— Vitza! — disse eu. — Que ha? Que tens? Acalma-te!

— Defende-me tu! — gritou ella. Tu, que és mais forte. Ali! Ali está, elle!... Não o vês? Olha-o!

Immediatamente, comprehendi que era victima de uma allucinação.

Continuou delirando. Anniquillada pela falta de forças, cahiu desacor-

O *bebado* — Isso de a gente morar na rua tem suas vantagens; porque... com que cara me iria apresentar em casa, neste estado?...

De E. Luque Castells

dada a meus pés. Todos os recursos scientificos que eu podia ter á mão, empreguei-os nesse momento, e, assim, pouco a pouco, lentamente, ella voltava a si. Ligeiros calefrios sacudiam-lhe o corpo, banhado em copioso suor. Parecia electrizada. Uma febre altissima a devorava.

Chamei um medico: ataque cerebral, foi o diagnostico.

Presa de constante delirio, gritava, chorava, falava: seu passado, seu horrendo passado... Mesmo comprehendendo que a gravidade de seu estado era muita e que não podia ser levado em conta o que balbuciava, não deixou de inquietar-me esse fatidico passado que se erguia tétrico em sua vida.

Levaria Vitza, para o tumulo, o segredo tão esperado por mim? Devia eu, porventura, obrigál-a a falar, em um momento de lucidez? Podia confiar-me seus segredos, tão cuidados, e que não cessavam de martyrizál-a, levando sua imaginação e idéas á beira mesmo da loucura? Era eu digna de saber? Debatia-me em falsas hypotheses e infinitas supposições.

Que havia sido de sua familia? Que era do marido de minha amiga? Um abandono, talvez, pensei.

Varios dias assim transcorreram. Travara-se uma encarniçada luta: a morte reclamava essa presa, e a vida não estava disposta a ceder esse corpo.

Uma tarde, suavemente, ella me chamou.

— Estás ahi? Como és bôa, como és santa! Aproxima-te.

Tive um angustioso médo. Comprehendi que Vitza ia falar, e não me considerei bastante forte para ouvil-a.

— Agora, que sei que vou morrer, quero que não me interrompas — murmurou, adivinhando meu receio. — Não me engano: agora, que sei que vou morrer, quero confiar-me a ti. Devia ter-te contado antes, mas, sabendo que estavas só, não me atrevi. Uma mulher solteira pensa de modo differente.

Calou-se. Uma penosa fadiga impedia-lhe de continuar.

— Não fales mais, Vitza. Quando ficares bôa, me contarás o teu segredo.

— Piedosa mentira... Tenho pouco tempo de vida, e não quero morrer sem falar. Acredita-me: depois de contar-te tudo, me sentirei mais alliviada. Serás a unica pessôa que o saberá.

Endireitou-se um pouco, no leito, e, apertando-me a mão, continuou:

— Vem. Escuta: sou assassina. Estás ouvindo? Sou assassina!

Riu convulsamente. E proseguiu:

— Escuta-me: tu te lembras que me casei, não é? Amava com loucura a meu marido. Com loucura e paixão excessiva.

"Elle era medico. Um estudioso, um abnegado do bisturi... Mas era, ao mesmo tempo, sabes?... era morphinomano... Fui muito desgraçada. Chorei, chorei muito, mas o perdoava. Seu vicio era mais forte que sua intelligencia, que seus estudos, que tudo... Comprehendendo isso, nunca lhe fiz uma censura.

"Avózinha, o unico ser de minha familia, havia morrido. A quem, pois, confiar minha pena e minha tragedia? Tu, talvez não me comprehendesses. Carreguei minha cruz resignadamente e sem uma queixa.

"Um dia, em seu consultorio, ouvi rumor de pranto, abri a porta, e fui encontrál-o chorando. Faleilhe. Não me reconheceu. Toqueilhe... Continuou nesse estado lastimavel.

"Pedi a presença de um collega seu, que me falou rudemente, brutalmente, como os medicos só falam deante de um caso em que a sciencia é impotente. Paralysia parcial, depois, progressiva. Assim para toda a vida. Não havia cura possivel. Suas loucuras condemnavam-no a uma morte em vida.

"Seu espirito entrou na inconsciencia mais absoluta: estava idiota e só reconhecia uma agulha hypodermica. Pedia, aos gritos, seu entorpecente. Elle, minha vida, meu amor, nesse estado!

"Foi bem rude o golpe que eu recebi. Meus olhos não tinham mais lagrimas, minha bocca sentia o gosto acre do sangue. Tratei-o maternalmente. Todo o meu carinho, toda a minha ternura, toda a minha dedicação eram para elle.

"Nada eu podia fazer, mas não me conformava em vêl-o nessa situação. Roguei a Deus por elle. Refugiei-me na religião. Só um milagre poderia salvál-o, e eu tinha fé. Salval-o-ia esse Deus bom e justo.

"Não. Illusões minhas. Passaram-se dias, dias longos, eternos... Não pude mais: enchi a seringa com morphina e a colloquei perto delle. Sahi. Quando voltei, elle agonizava, suavemente, silenciosamente, sem queixas e sem dôres. Depois...

"Só, sem affectos, sem amigos, perambulei pelo mundo. Quiz esquecer. Vim procurar consolo junto de ti. Perdão!"

Vitza calou-se penosamente.

A respiração tornou-se-lhe rouca e suffocada. A mascara da morte desenhava-se-lhe no rosto...

Morreu tranquillamente em meus braços, horas depois de sua confissão, a 26 de agosto de 192...

Leitor, tu julgarás. Foi assassina ou foi, apenas, uma mulher que amava?...

— Quem é essa formosa mulher?
— E' minha esposa; colloquei o quadro de cabeça para baixo.

TRES POEMAS EM PROSA

I

ALEGRIA

Sou feliz, radiosamente feliz!

Dentro de meu peito, o coração canta doido de alegria. O sangue lateja-me nas veias, alvoroçado e estuante. Sou toda vibração. Sou toda um grito exaltado de alegria.

Meus olhos, tontos de luz, beijam tudo quanto olham... Meus labios beijam as palavras que murmuro... Trago na garganta o eco de todas as harmonias do universo. Caminho como que ébria, ébria de luz e de felicidade.

Oh! como eu hoje quizera ser arvore, arvore frondosa e bôa, para acolher no frescor da minha sombra o caminheiro exhausto... para abrigar no carinho de meus ramos a ventura dos ninhos...

Arvore que désse sombra e désse fructo, arvore que désse flor e désse perfume...

II

O DESTINO DE MINHA ALMA

O' minha alma, eu te banhei nas aguas purificadoras do Grande Rio!

E as aguas do Grande Rio apagaram-te todas as imperfeições...

O' minha alma, quando eu te vi pura e limpida como uma lagrima, rasguei todos os véos que te cobriam e te elevei bem alto, deante do Sol!

E os raios do Sol, derramando-se sobre ti, fizeram-te refulgir como uma estrella!

O' minha alma, quando eu te vi pura, limpida e refulgente, fiz de ti a Arca Preciosa do Amor, da Bondade e da Sabedoria!

E desde então tens sido o vento que espalha todos os nimbus; tens sido o nivelador que aplana todos os caminhos; o facho que afasta todas as sombras e illumina todos os recantos; a mão que arranca todos os espinhos... Tens sido enthusiasmo, sorriso, fé!

O' minha alma, que bello é o teu destino!

III

O CANTO DO CYSNE

Bemdita seja a Morte, que me vem libertar da gaiola doirada de meu corpo!

Eu amo a luz e amo o espaço...

Bemdita seja a Morte, que vem abrir as portas da prisão á alma torturada e carregada de ferros!

Os sentidos são cadeias pesadas...

Bemdita seja a Morte acolhedora!

Eu tenho sêde e tenho fome! Quero comer o fructo da Arvore da Sabedoria, quero beber a agua da Fonte que jamais se ha de extinguir...

Tenho frio tambem, e quero aquecer-me aos raios do Sol do Unico Amor!

Bemdita seja a Morte libertadora!

Eu quero ser livre, quero partir os meus grilhões...

REGINA RIZZO.

A ANGUSTIA

A formosa Mercêdes Brandes accendeu um cigarro e se envolveu em uma nuvem azulina perfumada.

— Nossas anecdotas sobre o medo não lhe produziram impressão? — disse um dos narradores.

— Interessaram-me, mas não me impressionaram — respondeu Mercêdes. E é que uma vez senti tal angustia, que já tudo me parece pallido quando o comparo á minha aventura.

— Conte-nos essa aventura.

— Minha historia se desenrolou no vagão de primeira classe de um rapido. Eu ia ao encontro de meu marido, e viajava acompanhada de minha amiga Luisa Danvier. Deante de nós, cochilava um homem. Cahia neve, e, na escuridão da noite, o expresso marchava a toda velocidade. Não sei como se iniciou a conversação. O viajante só respondia com monosyllabos. Offereceu-nos uns jornaes que Luisa começou a ler.

"— Olha! Aqui fala do assassinato da villa Hadaly! Que horror!

"Reparei, então, que nosso companheiro de viagem estremecia e empallidecia.

"— Deve ser muito impressionante — pensei.

"Luisa offereceu-me o jornal e eu li os detalhes do crime que dias antes fôra a actualidade palpitante. Ia deixar o jornal, quando observei que algumas linhas da informação estavam assignaladas a lapis azul. Assombrada, perguntei ao viajante, que me olhava fixamente:

"— Este crime o apaixonou?

"Sentia-me invadida por uma sensação de mêdo.

"— Sim, senhora — respondeu elle, tremulamente. — Segui-o dia a dia, e bem de perto.

"— Ah!

"— E cheguei á conclusão de que a policia não descobrirá nunca o assassino.

"— O senhor acha?

"— Repito que nunca! Segui os trabalhos policiaes passo a passo, e estou certo de que todas as pistas são erradas.

"Brilhavam seus olhos e tremiam suas mãos. Inquieta, guardei silencio. Minha amiga, mais impressionavel, olhava o homem, com terror!

"— O senhor é da policia? — perguntou, tremula.

"— Oh, não! — respondeu elle, com uma especie de tremor selvagem.

"Recolheu os jornaes. Era de datas differentes.

.·. GENIPAPEIRO! .·.

GENIPAPEIRO! Meu genipapeiro sympathico e plebeu! Genipapeiro amigo da meninada do Norte, da criançada do littoral, a lhes fornecer pistolas de brotos tenros com os projecteis de jurubeba verde, terror dos *coleiras* nas varzeas, dos *chupa-arroz* nas lagôas, dos *sanhassús* nas goiabeiras!

Como que te vejo, meu pobre genipapeiro, de caule cinzento, a abrir-se em franças irregulares, inestheticas, a quebrar a chatice dos alagadiços, a monotonia das varzeas nos engenhos de Alagôas.

Como que te vejo, Genipapeiro, a amparar casinhas de *João-de-Barro*, a supportar os horriveis ninhos das ingenuas *Casacas-de-Couro*, a balouçar nas pontas de teus galhos como coivaras de gravetos!

E o maliçal a te servir de tapete esburacado pelos rasgões das lagôas onde as jaçanãs esgaravatam ariscas...

Mas, Genipapeiro, queres saber de uma coisa que vi hoje aqui no Rio de Janeiro, a teu respeito?

Olha só: — os teus fructos, que nos dás aos milhares; que apodrecem ao solo humido pela incapacidade industrial dos homens dahi; os teus fructos, que no Norte mal servem para chilro vinho, bom nas maleitas, em menino que *bate papo*, na pharmacopéa das vóvós do tempo do primeiro *cola*; do velho mexedor de farinha no seu receituario contra menino amarello, doente da *mofina*, ensinado em noite de luar, no terreiro da mandioca, emquanto os porcos fussam as gamellas da manipueira; o teu fructo desacreditado, que a tostão a tonelada ainda é caro; o teu fructo, Genipapeiro, eu o vi aqui, em casa de luxo, em confeitaria da Avenida, ao lado das uvas de Malaga, das ameixas da California, das tamaras da Argelia, de peras e maçãs, a 10$000 (dez mil réis!) a duzia, Genipapeiro, mais caro do que as fidalgas fructas da California e da Hespanha!

Estás ouvindo?! E' isso correcto? Isso é lá papel?! Pensas que isto aqui é a China?...

Olha, deixa de goga, idiota! Conta a tua historia direito e baixa aquelle absurdo de preço para 500 réis a duzia.

Aqui tambem é Brasil. Nacionaliza-te, para que não te estraguem a origem *cahaté*. Baixa o preço. Ha no Rio tambem muitos empambados a necessitar das tuas virtudes therapeuticas!

Genipapeiro! Genipapeiro!
Eu te conheço, Genipapeiro!

GUSTAVO ALENCAR.

De Claude Orval

e todos narravam o assassinato da villa Hadaly. Com o olhar no vacuo, o viajante falou, em vóz surda.

"Foi como que um longo monólogo. Não nos olhava. Não esperava pergunta nem resposta alguma. Parecia experimentar uma estranha alegria seguindo em vóz alta o pesadello silencioso que, sem cessar, devia desfilar por seu cerebro. Horrorizadas, ouvimos todos os detalhes do crime até chegar a ver ante nossos olhos o corpo desolado da infeliz mulher assassinada.

"Luisa e eu nos olhámos e tivemos o mesmo pensamento. O assassino da villa Hadaly era o homem que viajava comnosco!

"— Estamos perdidas — pensei. — Logo que [illegible], vae comprehender que suspeitamos quem é, e vae assassinar-nos.

"O homem olhou-nos fixamente durante um minuto que foi uma interminavel agonia. De repente, uma mão invisivel pareceu apertar-me o coração.

"O homem acabava de [illegible] uma especie de rugido, e, nervosamente, mettia a mão no bolso. De repente, se levantou, de um salto, e eu ouvi um grito de Luisa, e perdi os sentidos.

"Quando os recobrei, o trem parava."

— E... o homem?

— Fugiu como um louco. Deve ter fugido. O trem esteve parado vinte minutos. Apanhámos nossas valises, e fomos ao restaurante. De lá, iriamos para outro carro onde h o u v e s s e mais gente.

"Entrámos no restaurante, sentámo-nos, e, de repente, abafámos um grito. O homem do trem se dirigia para nós.

"— Perdoem, minhas senhoras. Notei um pouco tarde que minha estranha a t t i t u d e deve tel-as assustado.

"E proseguiu:

"— Quando, ha um momento, sahi do carro onde as senhoras viajavam, ia resolvido a suicidar-me. Acavaba de reviver com muita intensidade o assassinio de minha pobre Carlota, o momento em que encontrei a infeliz sem vida e a tomei nos braços. Mas venci novamente esta crise de desespero. Quero viver para vêl-a vingada.

"Olhou-nos, e accrescentou:

"— A assassinada da villa Hadaly era... minha mulher!

"Suffocou um soluço e se afastou."

O pretexto para matar

— Estavamos os tres abancados ao redor de uma mesa, no bar Z. O nosso logar era junto á porta e, emquanto Alfredo se envenenava com absyntho (nove essencias differentes, todas toxicas) e Alberto ingeria o terceiro calice de "chartreuse", eu contemplava o ondular proteifórme da multidão que passava. Um autor, quando escreve na primeira pessôa, mostra-se sempre um typo normal, intelligente e sóbrio, de meias attitudes e meias medidas, para dar a entender que não contribuiu, com alguma possivel leviandade, para a trama do enredo. Pois bem. Emquanto Alfredo e Alberto se envenenavam respectivamente com nove differentes essencias toxicas e tres "chartreuses", eu contemplava, apenas, o mar de gente que ia pela rua. Da massa humana se destacou um homem. E' o protagonista desta historia. Como veremos no fim, é um máo homem. Mas ninguem diria. Como um correctivo ao physico esbelto da juventude, tinha, no olhar, o brilho sereno da madureza. Parou á porta do "bar", percorreu-o com a vista, fixou-nos um instante, hesitou e sahiu.

— Conhece-o? — perguntou-me Alfredo.

— Sim; é o heróe de um drama vulgar — respondi. — Matou a mulher que o trahia e foi absolvido.

— Quando devia ser condemnado — tornou Alfredo. — Infelizmente, a Justiça tem os olhos vendados.

— Perdão! — objectei. — Elle tinha um nome honrado, que ella manchou. E o especifico contra as manchas da honra é o sangue.

Alfredo sorriu:

— Qual!... Você leu isto nos jornaes, hein? A historia, de facto, é muito mais interessante. Querem ouvil-a? Pois, si estão dispostos, escutem:

"— Este homem era meu amigo. Um dia, elle me surge pressuroso, porejando alegria, ébrio de felcidade. Estava apaixonado: — pretendia casar-se. E eis que me desfecha um nome: Marina! Eu a conhecia — todos nós a conheciamos — de modo que não podia crer no que ouvia. Era a peor reputação do bairro. Então, entristecido e alarmado, tentei dissuadil-o:

"— Mas, homem, repara no que se diz por ahi, á bocca pequena. Coisas de arrepiar os cabellos, coisas infamantes!...

"— E ia entrar pelo lodaçal de historias, quando Julião (como sabem, é o seu nome) me interrompe, generoso, desprendido:

"— Ora, o passado não interessa. Demais, Marina ama-me e me fará feliz.

"— Pois, olha, — insisti. — Eu não creio em regenerações automaticas. Nós somos o producto da hereditariedade pelo meio e, mais cêdo ou mais tarde, as más tendencias se revelam.

"Julião fez, então, uma scena melo-dramatica para evidenciar o seu amor, extra-terreno, como dizia. Verberou a sociedade e as convenções, indignou-se contra mim e minhas idéas e, já da porta, gritou-me, em puro estylo communista, umas tiradas rebarbativas contra a nossa hypocrita moral e os nossos costumes que... Bem. Tolices. Emfim, elle casou-se. Ella engana-o. Que mais se podia esperar?... Julião conhecia Marina tão bem quanto eu. No emtanto, mata-a, ao saber da traição, que devia prever. Como vêm, merecia ser condemnado".

— Sim, — murmurou, lugubremente, Alberto. Devia ser assado a fogo lento.

— Conheceste-o? — perguntei, curioso.

— Demais, até — respondeu Alberto. Fui amigo, intimo amigo delle. E, tambem, amante da mulher... Julgou mal, Alfredo, pensando ser o crime fruto de uma leviandade imperdoavel. Si querem ouvir-me, ficarão convencidos de que este assassinato foi a coisa mais torpe de que já se teve noticia.

Eu considerei, desconfiado, os tres calices de "chartreuse" alinhados na mesa. Alberto, no emtanto, continuou, pausadamente:

— Já ouviram falar em crime perfeito?... Dizem que sem

Quando a saudade floresce

(Ao Bastos Portela)

Estou só no meu quarto. O abat-jour côr de rosa
rica, em reflexos debeis e dourados,
na parede, uma luz, maravilhosa,
como a desse crepusculo cinzento
de tons enevoados
que se alonga lá fóra ao morrer do sol-pôr...

Ha pouco o reposteiro entreabriu-se um momento,
sem quasi nenhum rumor,
e um ar macio e frio encheu todo o aposento...
— Pensei em ti, meu amor....

Como agora esta sala é mais deserta,
e é mais silenciosa toda a rua!
Meu coração, em tristeza, mais se aperta
crendo ainda escutar esta voz que foi tua...

De Eurico Nogueira França

pre o criminoso olvida um minimo detalhe, um pormenor na apparencia insignificante, mas sufficiente para entregál-o á justiça. A morte de Marina, no emtanto, foi engendrada com uma tão infernal astucia, que, não só os juizes, mas a propria opinião se sentiu no dever de conceder ao matador uma absolvição illibadora.

"Desde o inicio das minhas relações com Julião que se me tornou estranha a sua attitude. Elle me prodigalizava attenções demasiadas, excessivas; era um passeio hoje, um jantar amanhã, convites para festas e — imaginem! — chegou ao cumulo de recusar um negocio vantajoso, só por lhe informarem que eu estava interessado no mesmo. Quando soube, pasmei. Julião mal me conhecia; no emtanto, atropelava-me com aquella avalanche de gentilezas, talvez capazes de sensibilizarem, si não fossem, antes, descabidas. Por que seria? Uma coisa, tambem, logo se firmou no meu espirito: a indifferença total, absoluta, com que Marina era tratada. Julião, além de não ligar, realçava a sua displicencia com palavras desdenhosas, quasi causticas. E o inevitavel se deu uma noite, em que iamos ao theatro. Eu cheguei á hora justa, mas Marina explicou-me, desolada, que o esposo não viéra jantar. Dali a pouco, o telephone tilinta. Era Julião, retido por negocios, pedindo-me a especial fineza (oh! ironia das palavras!...) de fazer companhia á gentilissima consorte. E eu nem a amava siquer, meus amigos. Mas... ella tinha uns olhos tão singulares, intraduziveis, mesmo, que, a cada giro pela orbita, as côres morriam, esmaecidas no branco das pupilas, logo superpostas por tonalidades imprevistas, fulgurantes. Olhos incoherentes, indefiniveis. Pareciam a photogravura da sua alma versatil... Tão singulares, emfim, que eu não resisti... Dias após, como estão lembrados, estoirou a tragedia. A principio, as brumas que envolviam, como um sudario, o meu espirito, eram tão espessas, que eu não comprehendia nada do que se passára. Só depois, muito depois, é que adquiri uma certeza: todos os actos de Julião, que me pareciam illogicos, reveladores de um caracter fraco e irresoluto, — que culminaram na morte de Marina — eram, na realidade, consequentes, e tendiam para um fim determinado. Desde o casamento ao assassinato, tudo aquillo obedecêra a um plano delineado e posto, com firmeza, em execução. Analysando o drama e, sentindo mais do que raciocinando, eu cheguei a estabelecer toda a verdade: Ella, era rica; elle, pobre. Antes de desposál-a, tivéra tempo de conhecêl-a a fundo. E, decerto, sabia que uma moral tão fraca não resistiria ás tentações. Talvez isso pareça fantasia, — elocubrações de um cerebro exaltado; para mim, no emtanto, é verdade intuitiva. Vejo tudo claro, agora que o tempo esbateu os acontecimentos. E' como certos quadros de arte moderna, que, de perto, parecem amontoados de côres. Só de longe lhe aprehendemos a significação. Carlos matou a esposa em nome da sociedade e da justiça, tolerado pela lei, applaudido pela galeria. E ficou com o dinheiro della..."

— Infame! — rosnou Alfredo.

Eu calei, numa prudente expressão dubitativa. Antegozava, entretanto, o conto que iria escrever. Mas, nisto, entrou violentamente pelo "bar" o protagonista desta historia, prompto para representar o ultimo acto:

— Com licença! Passei, vi-os juntos, e percebi que iam falar de mim. Ouvi tudo. Não! Não sou um inconsciente, nem sujeito tão engenhoso para armar todo este enredo. Desculpe-me, o senhor ahi, que escreve. Talvez lhe estrague uma bonita novella. Mas que quer? O meu caso é muito differente do que architectaram. E eu preciso contál-o para que façam, afinal, um juizo certo a meu respeito: — Quando desposei Marina, talvez a amasse. Talvez tivesse a illusão de amál-a. Não sei. Mas fui sincero. E como me prezo de ser um homem su-

(Continúa na pag. seguinte)

Sobre a mesa uma rosa branca floresceu,
e um perfume agradavel se espalhou
pelo ambiente... O perfume que era o teu
e eu adorava: — "La rose Jacqueminot"...

O rôxo-azul-crespuscular, em riste,
cerrou sobre a cidade uma pupila a arder,
emquanto junto a mim, que estou tão triste,
a lampada velada apagou-se, a tremer...

Não has de vir... A noite fria, quasi acesa,
cobre de treva as casas da cidade
que ainda alveja, numa opacidade,
sob a ultima sombra do sol-pôr...

A ultima sombra!... Que tristeza,
para augmentar a minha dôr,
pensar que tu não vens matar-me a ansiedade,
vida de minha saudade, meu amor...

De Sterio de Sá

A CITAÇÃO — De Lucio Kemp

Ao regressar da estação de aguas, onde passára uma temporada, Santiago Sempreux recebeu da porteira de sua casa, uma carta concebida nestes termos:

"Departamento de Policia. — Solicita-se a V. S. que se apresente amanhã em meu gabinete, ás nove horas, para um assumpto que lhe diz respeito. — *O commissario.*"

Santiago subiu a seu quarto tremendo de mêdo, pois era muito impressionavel. Lá, se deixou cahir em uma cadeira e se poz a fazer exame de consciencia. Esta só o accusava de ter viajado uma vez, no trem, em primeira classe, com uma passagem de segunda. Mas o conductor o havia descoberto, e elle teve que pagar uma multa. Fóra disso, só podia accusar-se de ter, certa occasião, levado uma colherinha de um café.

No dia seguinte, tremulo ainda, foi á delegacia.

Para entreter-se na viagem, comprou um jornal, e empallideceu ao ler, em grandes caracteres, esta noticia:

"O caso da rua Vaugirard.

"Espera-se que muito em breve serão levadas a effeito para a elucidação desse mysterioso facto. Um anonymo recebido no Departamento poz a Policia na pista do verdadeiro culpado. Trata-se de um morador do bairro, que será detido de um momento para outro.

"Nesse caso, as autoridades estão resolvidas a proceder com toda a energia, para evitar a repetição de factos semelhantes."

Santiago Sempreux julgou que o detido seria elle. Seu primeiro pensamento foi fugir immediatamente para um porto onde pudesse embarcar no primeiro vapor que zarpasse para a Europa. Mas, já estava na delegacia quando teve essa idéa, e, ao levantar-se, para sahir, o fizeram entrar no gabinete do commissario.

— Até que, emfim, podemos dar com o senhor! — exclamou a autoridade, ao vel-o.

E, muito solemne, acrescentou:

— Mandei-o chamar, cavalheiro, para que se digne responder-me a algumas perguntas que devo fazer-lhe a requerimento do Ministerio da Instrucção Publica.

— Senhor commissario — balbuciou Santiago. — Eu só poderei responder em presença de meu advogado.

O commissario soltou uma gargalhada que deixou gelado Santiago Sempreux.

— Não pediu o senhor uma cathedra ao Ministerio da Instrucção Publica? — perguntou. — Pois bem; precisamos de seus antecedentes como morador deste bairro.

E Santiago, afinal, respondeu.

— E' verdade. Já nem me recordava. Mas podia indicál-o na citação.

Depois de dar as informações necessarias, Santiago Sempreux deixou a delegacia, saltando alegremente. Mas, ao chegar em casa, teve que se metter na cama, com uma febre espantosa. E, delirando, gritava, de maneira a ser ouvido pela porteira:

— Mas sou innocente, senhor commisario!

O PRETEXTO PARA MATAR (conclusão)

perior, nunca liguei ao que contavam della. Todavia, depois de casado, uma idéa atormentou-me. Não eram ciumes do presente. Nem ciumes retrospectivos. Foi, apenas, curiosidade. Um sentimento esquisito, que me invadia, pouco a pouco, de saber si o seu passado estava morto, ou si reviveria no futuro. Queria fazer o cálculo das probabilidades. Conhecer-lhe a alma tanto quanto o corpo. Curiosidade de psychologo...

"Não se é obrigado a ter ciumes. Eu não os tinha. Deante do jury, o meu advogado falou duas horas para demonstrar a força avassaladora deste sentimento, — para mim mesquinho e primitivo — que, quando ferido, envenena o cerebro e reclama sangue; bastante, não só para justificar, mas tambem até para ennobrecer o crime que eu commettêra... No emtanto, a verdade é muito outra. Marina, trahindo-me pela primeira vez, acordára, em mim, um instincto talvez adormecido ha muitos seculos. A necessidade de matar. Sim, não se espantem! É um desejo que vive em todos nós, lá no fundo do sub-consciente. E com inteira independencia de todos os outros desejos. Sómente, é retido pelas tendencias oppostas, ou, quando estas faltam, pelo mêdo da justiça, dos homens e de Deus, conforme o caso. Eu, que não temia a justiça divina, nem os homens, pois estes me davam carta branca, aproveitei, apenas o pretexto. Sem ciumes; sem despeito; sem odio. Quem dirá, afinal, si muitos criminosos que, invocando a honra manchada, foram absolvidos, fizeram outra coisa sinão lançar mão do pretexto que se lhes apresentava? Commigo foi assim. Era o momento azado. O instincto de matar pedia-me, insistente: "Deixa-me, deixa-me sahir!" E eu matei..."

Então, o protagonista desta historia, tendo representado com um cynismo, que enganaria a qualquer um, o ultimo acto, levantou-se para ir embora. Foi quando Alberto teve a má idéa de esclarecer uma duvida:

— Um momento! Si o seu desejo era matar, matar sómente, sem motivo e sem causa, por que não matou tambem a mim?...

E Julião, a voz cheia de desculpas:

— Mas, como?... Si você fugiu pela janella!!!...

— O senhor Varella?
— São dois irmãos; por qual pergunta?
— Pelo que tem uma irmã em Minas...

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre efeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

:: O AMIGO ::

A criada acabava de entregar a Octavio Bersant o cartão de Carlos Quinout.

— Este cavalheiro insiste em ver o senhor.

— Que quer elle?

— Não mo disse.

— Prohibo-te que o recebas! — ordenou a senhora Bersant, que odiava Carlos.

Octavio e Carlos viam-se com frequencia noutros tempos. Haviam sido collegas de collegio. Mas, pouco a pouco, se tinham affirmado as differenças de seus temperamentos. Octavio entrára prosaicamente em um ministerio, onde tinha garantida uma existencia tranquilla e modesta. Carlos, entretanto, prolongando sua juventude até limites extremos, se obstinava em guiar-se apenas pela fantasia.

Octavio, lógico comsigo mesmo, casára-se com uma joven que, quando noiva, se mostrava doce e obediente, e que, depois de casada, se revelára uma mulher violenta. Carlos continuava solteiro.

Havia cinco annos que os dois amigos não se viam. Triumpho conseguido pela senhora Bersant, temerosa que influissem em seu marido, pacifico e facil de dominar, as idéas de independencia daquelle bohemio.

— Certamente virá pedir-te dinheiro emprestado — disse a esposa de Octavio. — Elle sabe que tens agora, um bom logar de chefe, e ha de querer teu auxilio para as suas vagabundagens. Como si nadassemos em dinheiro! Quando não me pódes offerecer nem o vestido de quinhentos francos que ha dias vimos na rua da moda!

— Sim, aquelle vestido tão bonito...

— Repito que não o recebas!

Mas, mulher... e si elle estiver em situação difficil? Talvez nem tenha o que comer...

— Pois que morra de fome! Afinal, a culpa é sua. Que trabalhe!

— Prometto-te não dar-lhe mais de vinte francos. Mas, permitte-me que o receba. Nunca elle me incommodou para coisa alguma, e eu não posso esquecer que foi meu amigo.

— Perfeitamente. Mas dá-me todo o dinheiro que tens no bolso. Fica só com vinte francos. Serias capaz de dar-lhe tudo.

Minutos depois, Carlos Quinout entra no gabinete de Octavio Bersant, e os dois velhos amigos se cumprimentam. Octavio, a quem sua mulher tornou desconfiado, apenas responde ás perguntas de seu amigo. Carlos parece não notar sua seccura, e recorda scenas da mocidade, até que Octavio o interrompe:

— Mas, e o fim de tua visita?

— Saber noticias de ti, e nada mais.

— Nada mais?

— Sim, nada mais; e vejo que estás bem e que teus negocios caminham em progresso. Tens uma casa magnifica, formosos moveis...

Octavio Bersant, vendo appro-

De Albert Acremant

ximar-se o momento do pedido de dinheiro, se prepara para evitar o golpe forte, disposto que está a dar só os vinte francos.

— Meus negocios não vão assim tão bem como suppões.

— Mas, tua mulher não trouxse um bom dote nupcial.

— Sim. Mas perdi tudo na Bolsa. E quanto a minha casa, não tardarão em sahir daqui, pouco a pouco, estes moveis que acabas de elogiar. Si eu te dissesse que não pude comprar para minha mulher um vestido de quinhentos francos que ella desejou possuir...

— Olha o pobrezinho!

— Não brinques! Asseguro-te que sou digno de pena.

— Nesse caso, te lamento. Realmente, deve ser horrivel viver com tanta escassez. Eu, felizmente, estou livre dessas preoccupações.

Carlos Quinout disse essas palavras simplesmente, sem fanfarronice

— Que dizes? — pergunta-lhe Octavio.

— Que agora sou rico. Imagina que, passeando um dia pelo Boulogne, tive a idéa de que seria um negocio transformar um edificio em restaurante. Falei a uns amigos, que acceitaram a idéa, e se formou, então, uma sociedade. De maneira que, ha quatro annos, ganho, diariamente, perto de mil francos.

— E sendo rico, continúas trajando como um bohemio?

— E por que não?... Mas... si precisas de alguma coisa, aqui estou para te servir.

— E' verdade! Emprestar-me-ias dinheiro?

— Agora mesmo. Quanto queres?

— Não, não acceito.

— Não acceitas? Deixa de ser tolo! Vamos ver quanto tens no bolso. Eu bem o imaginava. Vinte francos! Que vaes comprar hoje com vinte francos? Toma estas notas. Oitocentos francos.

E como Octavio Bersant, cheio de remorsos, vacillasse, Carlos lhe pergunta:

— Si tu fosses o rico e eu o pobre, não me ajudarias?

— Naturalmente!

— Então toma o dinheiro, sem escrupulo, e venha de lá uma abraço...

Saibam

OMBRE (Capital) — Ainda bem! Ainda bem que, pouco a pouco, surgem novos e encantadores espiritos, para o encanto da pagina de "Saibam todos"...

Citemos Maria Claudia, a deliciosa visionaria; Djenam, a fantasista e platonica de sensibilidade fina; gauchita, fidalga e sentimental; Ombre, que é uma evocadora de miragens...

E' um prazer para os leitores deste consultorio e um allivio para mim, que, deste modo, me vejo um pouco livre dos poetas cacetes e prosaicos, de cartas dactylographadas em frio estylo commercial e dos missivistas fatigantes, grammaticophilos bolorentos, que nos desolam com as suas exigencias vernaculistas — esquecidos de que os literatos os que amam é o lado artistico das letras, e não os rigores philologicos que sacrificam quasi sempre a espontaneidade do que se escreve...

Felicito-me por esse advento, ou antes, essa Renascença do "Saibam todos"..., onde os espiritos de élite triumpham sobre os mediocres e vulgares.

A sua missiva nada diz de novo, é verdade, mas reflecte qualquer coisa de bello, que contrasta com o prosaismo da generalidade das cartas endereçadas a este questionario...

"Yves. Estamos em tempo dos buguevilles florirem, a minha varanda tornou-se um deslumbramento lilas.

Recolho-me no meu formoso retiro; a gentilesa de seu balcão transporta-me ao passado. Ao passado das lendas de mouras e pagens.

Sorrio para o mar que se estende, enfrente, calmo, azul, com alguns barcos a vela.

Escuta a musica dos sinos evocadores de saudades, portadores de melancolia e advogados da fé.

Então murmuro em surdina, para que o céo, o mar, o espaço escutem o canto de minh'alma.

... La mia rimembranza é lisla, una rimembranza triste, dolorida, tormentatora, una rimembranza stordirente di profumo, profumo imprecisi...

— La mia rimembranza é color del mare, variabile, motteggiatora; ribenta in onde alte come castelli a stendersi in carezzie...

— La mia rimembranza é color del cielo, diafana, transparente; la mia malinconia, il mio dolore si concretizono nella luna, i miei pianti spargeono in fulmini di lunare, le mie speranze fulgurono come stelle e morrono per lo opazio...

— La mia rimembranza é come i canti dolenti e delicati, e le preghiere misteriose dello silenzio...

— La mia rimembranza non ha bene aparenti; non desidera, non vuole, non spera...

Vive di se sola, vive del suo soffrire. — *Ombre.*"

De resto, que delicioso perfume. Quando uma missiva não diz nada de interessante — não é o seu caso, está visto — deve, pelo menos, dar uma boa impressão da pessôa que a escreve.

E que melhor impressão que um bom perfume!

VIOLETA (S. Paulo) — Ah, não fosse v. ex. uma bella paulista, (haverá paulistas que não seja bella?) não fosse isso, e eu seria capaz de dizer...

Não! Leiamos primeiramente a sua missiva. Vamos vêr de que lado é que está a razão...

Eis a sua epistola:

"Querido Yves "Dize-me com quem andas, dir-te-hei quem és". O proverbio não é mentiroso.

A força de andar lendo os bons poetas... "Para bom entendedor meia palavra basta."

Eu, caro Yves, desde creancinha tenho sentido verdadeiros extasis deante da bela natureza.

Ser sensivel sempre foi o meu fraco. Tenho feito innumeros versos que sempre avara guardei nos meus escrinios.

Mas ao ler a secção do Saibam todos (sabiamente dirigida pelo preclaro, poeta illustre, que é você, caro Yves) notei que a complasencia é o seu mais elevado expoente.

E animada, por isso envio-lhe, este meu mais cinselado sonetto afim de ser o dito publicado, (si V. excia. achar que eu mereço essa honra).

Tenho outras publicações litterarias em vista aguardando, ansiosas que o soneto irmão delas seja devidamente com todo o apreço julgado benevolamente.

Enviando comprimentos sinceros deponho-lhe minhas sinceras homenagens de grande conceito, em que tenho o seu juizo, a respeito da minha humillissima producção litteraria.

A mais humilde de tuas admiradoras. — *Violeta*

S. Paulo.

Lá vae o sonetto.

DESESPERO

Como jaz a minh'alma dolorida
Que enterrei nos estos da paixão!
Si soubesses ó minha querida
Como aperto nas mãos o coração!...

Terias de mim compungida
A idea de uma consolação.
Que necessito em toda a vida
Eu que soffro sem consideração.

Oh!... minha amada!... Vem
Consolar-me sim? O' porque
Hei de sempre ó meu bem

Gostar tanto de você?
Si amasse você tambem,
Não faria assim, não vê!..."

.. ..

A série de reticencias que alli fica, quer dizer que esta resposta foi interrompida, durante uma semana. Sabe qual a razão?

Muito simples: desmaiei ao ler a sua carta, e nesse estado vertiginoso (ou cataleptico?) estive oito dias e algumas horas.

O desmaio não foi muito por causa do *sonetto*, foi pela carta. Li o "querido Yves"; passei pelo brocardo; dei um salto por cima do "ser sensivel sempre foi o meu fraco"; admitti aquelle "preclaro" e "illustre poeta" (pensei que fosse "illustre politico"); a tudo isso, resisti com um heroismo quixotesco lampeanesco, setecoroesco, etc e tal. Mas ao chegar ao "complasencia", não tive outro remedio senão cair com uma syncope, *D. Violeta.*

todos . . .

E não houve reacção que me reanimasse. Porque, toda vez que abria os olhos, e via deante de mim, como fantasmas, estas letras apavorantes, C-O-M-P-L-A-S-E-N-C-I-A — tornava a desmaiar.

Assim, como qualquer mortal, estive entre a vida e a morte.

Só agora, magro, cadaverico, mal convalescente desse traumatismo... literario, é que me ergo, sorriso engatilhado e solicito, para lhe dizer nada e dizer tudo: Parabens, D. Violeta.

CARMEM RITA (?) — Mas, como? V. ex. já me passou uma descompostura tremenda, certa vez, e declara candidamente, na sua missiva *salmon*, que tem medo de mim?

Afinal, não sou nenhum leão do Jardim Zoologico. E si quem tinha medo, no caso de que tratamos, esse medo é todo meu. Medo de nova descompostura...

V. ex. me faz lembrar uma consulente a quem acolhi com as mais vivas sympathias.

A uma palavra de galanteio, ella resolve ficar em silencio: nem muito obrigado. Depois ella se arrepende da *gaffe*, e, para se penitenciar, me pede recebel-a, numa visita de cortezia.

Para isso ella me telephona. Aproveitando o ensejo, — e por simples cavalheirismo — afim de deixal-a á vontade, sem constrangimento — lhe digo uma gentileza qualquer. Pouco habituada á vida dos salões, ella me bate com o phone. Como vê, o meu receio tem seus fundamentos. Sei que v. ex. é capaz de aggredir epistolarmente... Será capaz de fazel-o tambem pelo telephone?

MARISA DE LEONI (Capital) — A sua cartinha é dessas que se lêem com grande encanto. Sabe por que? Porque traz um excellente perfume; e eu, francamente, sou escravo das essencias finas...

Escreve v. ex.:

"Yves. Estou tambem atacada da grave, gravissima mania que tem quasi tôdos neste nosso Brasil: Querer fazer litteratura.

Ainda não completei 18 annos e já passo as tardes a escrever, e, hoje, quasi sem piedade, venho amolar a sua paciencia (já tão gasta!...) com os meus primeiros escriptos.

Qual será o parecer do Yves sôbre elles?...

Torturante interrogação!... que me pertuba tanto, que um medo immenso de lhe escrever chega a paralysar-me a mão... Mas, a vontade de ouvir a sua fina critica, por vezes tão cruel para nós (pobres escriptores sem merito!) é mais forte do que eu...

E depois, porque o escolhi, sabendo-o o mais ironico, debiquista e *sincero* critico que conheço!...

Não gosto de viver de illusões... E você Yves, é tão requintado na arte de desencantar poetas e contistas... que...

Sou muito corajosa, não?...

Tôda admiração de — *Marisa de Leoni*."

Ora, o magnifico extracto de que está impregnada a sua missiva foi a razão unica que me levou a lel-a até ao fim, com sympathia. Sim, por que a sua letra é de desanimar, logo no começo...

V. ex. é capaz de escrever lindas paginas. Vem na duvida sobre isso. Mas, por emquanto, a sua *obra* está eivada de logares-communs.

Uma prova? Não se apresse muito que lh'a dou aqui...

EVOCANDO O PASSADO

Apparecem, então, ante os meus olhos os dias de ventura... de esperança... de alegria!...

E lembro-me de você...

Como já vae longe o tempo em que nós nos quizemos bem...

Hoje, não o amo mais, mas ainda não o esqueci... A gente depois que amou verdadeiramente póde deixar de amar, póde mesmo amar muitos outros, mas esquecer nunca!... O Coração nunca esquece daquelle que foi uma vez o seu Amor.

E' por isso que ainda me lembro de você...

... E Você?...

Não creio... E' impossivel que tudo tenha se acabado...

Meu amor! é mesmo verdade que já me esqueci de você... que já não o amo mais?...

Accresce que o seu estylo é defeituoso. Ou por outra, a sua fórma não é bonita. Diz: "Hoje não o amo mais, mas ainda"... etc. E' uma série *mamomaks*...

Adeante: "O coração não esquece daquelle".

O verbo, no caso em apreço, é reflexivo: "não *se* esquece daquelle"...

CARLINO LEAL (S. Paulo) — Não póde ser publicado.

ROSA DESFOLHADA (Minas) — Tenha paciencia. A culpa não foi minha. Colloquei o seu soneto sobre a cesta, e elle, por uma attracção natural, se *desfolhou* dentro della... *D. Rosa desfolhada*...

ARAKEN (Capital) — Não sei a que correspondencia se refére. E' provavel que a sua carta não me tenha chegado ás mãos. E isso é facil acontecer: basta, ás vezes, que não venha endereçada a Yves, como se exige no pé desta secção. Ha ainda outras razões para que se extraviem.

Que fazer?

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 15-8-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

CARTAS EM GREGO

"*Minha amiga*. — A serie enorme dos escandalos em que tem visto o meu nome envolvido, devo-a somente a você, pois, a cada um, me endereça amaveis e encantadoras reprimendas. Na sua ultima carta, verberou meu procedimento com aquella adoravel creatura que lhe apresentei no chá-dançante do Casino e as desagradaveis consequencias do meu genio arrebatado.

Que quer?

Não comprehendo o amor sem aquellas creancices; todos nós reproduzimos no occaso da vida os ridiculos commettidos na mocidade.

Você casou logo, dedicando ao marido, depois aos filhos, todo seu affecto. Commigo, porém, o caso é differente.

Solteirão, de nascença, tenho vivido a me enganar, na ronda fatigante de um caçador de borboletas... "Ella" foi mais uma que escapou ao meu sport. Julguei-a sincera na sua amizade, predispondo-me a fazer o pedido, abandonando essa bohemia, quando o incidente daquella festa veiu acabar com tudo.... Continúo solteiro... e desilludido.

Ah!, minha amiga, os velhos, como eu, quando amam, são perigosos pela insania que os domina. Tudo desapparece aos nossos olhos: sociedade, familia, honra, fortuna, ficando, immutavel, num halos divino, maravilhosa, irradiando fulgor, em esplendente e excelso prestigio sobre os nossos sentimentos, o vulto da mulher amada, e da todas as nossas fraquezas e miserias. A mulher tem esse dominio infernal nos homens da minha idade. A amizade é o amor envelhecido, mas, quando se começa a amar depois de velho, o amor toma outro nome: é paixão, é loucura, é suicidio. O que hontem censuravamos em outros, praticamos hoje e não admittimos commentarios. Tambem sou assim. Hontem, seria incapaz de ficar junto ao bico de gaz,

UM CONTO DE FADAS MODERNO

VOU contar-vos um conto de fadas moderno. Um conto de fadas é a historia de Cinderella, de quem se apaixona o principe encantador. Um conto de fadas moderno é a historia de uma mulher qualquer que consegue um millionario.

A Cinderella, como sabeis, dormia em uma agua-furtada, sobre um enxergão, emquanto suas irmãs tinham camas luxuosas e alcovas esplendidas. Passava o dia cosendo os vestidos das irmãs, para que estas fossem, á noite, ao baile, emquanto ella serzia seus molambos.

Do mesmo modo Cady tinha, não duas irmãs, mas t r e s protectoras, que se alegravam de ter a seu lado uma companheira que não soube chegar. Um vestido usado, um convite para comer quando estão sozinhas, e, em troca disse, exigiam de Cady serviços que não podem ser confiados a uma criada.

Pensaes que a minha Cady falta uma madrinha? Pois ella a tem. Mas é um padrinho. Um velho pintor que conheceu Cady muito pequena, que talvez tenha conhecido sua mãe, e que dedica o maior carinho á pequena. Em seu genero é tão *fada* como a madrinha de Cinderella. Um pincel de pintor não é, porventura, uma varinha magica? Por exemplo: Um dia Cady lhe disse: "Padrinho, eu queria jantar em um *palace*, como Maud e Daisy". quatro dias depois recebeu umas letras suas: "Vem amanhã ao *atelier*. Jantarás no *palace* que desejas". Foi, incredula e um pouco confiada. Jantaram em um *palace*, com effeito; um *palace* cuja decoração pintára em uma telas antigas.

Mas a madrinha de Cinderella, quando esta quer ir ao baile, tem apenas que tocál-a com sua varinha para transformar suas roupas molestas em ricos vestidos de ouro e prata. Do mesmo modo o padrinho de Cady basta tocál-a com um pincel.

— Eu queria sahir desta situação padrinho. Queria chegar, tambem... comprehendes?... Ha um typo, neste momento, que vi em casa de Maud e Daisy, e que estas querem conquistar. Arthur Boggy, um americano, o rei das fructas.

— Queres possuil-o? Têl-o-ás! — disse-lhe o padrinho — *fada*.

E, com uns metros de fazenda, as côres de sua palleta e seu pincel magico, lhe confecciona os trajes mais bellos do mundo.

— Onde encontra você

De Adonai de Medeiros

sob o balcão do sobrado, a conversar com a filha do sr. vereador; hoje, as coisas mudaram, não ha rheumatismo, nem achaques, que me impeçam de permanecer uma, duas, tres horas, á porta da casa de chá, aguardando a hora da entrevista com a filha do capitalista Martins Soares para, ao fim de tudo, aquella ridicularia...

Si esbofeteei, em pleno salão, o rapaz, foi porque, durante a contradança, "ella" se não fartara de conversar e sorrir para elle. "Quem ama tem ciume", e, confesso, naquelle momento estava por demais sobreexcitado para ouvir a razão. Era um escarninho á minha idade e quiz provar ainda ter forças para castigar insolentes.

Muito certa andou quando me disse, naquelle dia, no porto, ao embarque do commendador Teixeira Silva, velho argentario casado com a pupilla do bacharel Gomes, não comprehender a fidelidade de quem se consorciava com um velho, e imbecil. Não por me considerar cretino; mas, sou velho, e eis toda a desgraça. Previ na conversa dos dois a ameaça de futuro sombrio, si casassemos. Fui louco: amava-a.

Como todo impulsivo, deploro hoje as consequencias da minha attitude. Sei me chamarem de senil, crápula, e a série enorme de adjectivos adequados. Uma mulher bonita sempre tem direito, mormente quando está para contrahir nupcias com um velho argentario e babão, como eu.

Fiz tudo para evitar que as gazetas noticiassem o facto; nada consegui. Os jornalistas encontraram no escandalo o "furo" para o retaliamento da minha vida de negociante afastado da actividade commercial.

Tudo passa... minha amiga.

Beijo-lhe as mãos. Velho admirador. — *R.*"

De André Birabeau

essas preciosidades? — Perguntam-lhe.

Já não é uma desconhecida para o rei das fructas.

— Pesco-o, padrinho! — diz, satisfeita, a seu protector.

— Pois continúa. Mas escuta. Quando tiveres dominado teu rei, não vás depois impressionar-te por um qualquer.

Um dia, Cady, em casa de sua protectora Daisy, estava no quarto de banho, quando entrou o rei das fructas. Lançou um grito. Não estava núa. Tinha apenas descobertos os braços; mas no direito havia um coração transpassado por uma flecha, e estas palavras: "De Julio até a morte". E o rei das fructas via aquillo, e ella não encontrava nada para tapal-o. Mas, como homem rico, era um homem enfastiado e caprichoso e um homem assim... Pouco depois, a pobre Cady era a amiga official de Arthur Boggy.

Não vos dizia que este conto de fadas é moderno?...

Bellos vestidos, valiosas jóias, luxuoso hotel, elegantes automoveis, sorrisos de invejosos; a fortuna e a gloria. Havia realizado seu sonho. Mas...

— Desconfia do amor, pequena — disséra-lhe o pintor.

Ella não desconfiou bastante, e o amor chegou. Quando o amado a attrahiu para si, e o joven viu, como o vira Arthur Boggy, a tatuagem: "De Julio até a morte." Mas o joven não era um enfastiado como Arthur Boggy. A idéa de amar a uma antiga mulher da vida não tinha, para elle, attractivo algum. Ao contrario, lhe repugnava.

Um dia, ao visital-o, encontrou o homem arrumando suas malas para partir.

— Não vás! — gritou a joven. — Não sou quem pensas. Olha, imbecil querido.

Ensaboou o braço e esfregou. A tatuagem havia desapparecido.

Mas quando se ama, se esquece a hora. Cady deu um salto: "Seis e meia! E Boggy que está á minha espera! Toma côres e pincel. Faze-me de novo a tatuagem, meu amor."

Não. A louquinha não havia desconfiado do amor. Era muito feliz e não notou que o joven se enganava de braço e pintava a tatuagem no esquerdo, em vez de fazél-o no direito.

E foi Arthur Boggy quem o notou na noite seguinte...

Então Cady se viu, novamente, pobre, humilde e despojada, como a Cinderella do conto quando se encontrou de novo no parque do castello, sem carruagem e vestida com andrajos, porque se esqueceu que não podia continuar na festa depois das doze horas...

Um poema profundamente humano

(Para a fibra mais sensivel de um coração de mulher)

COM a curiosidade natural dos seus pequeninos tres annos, Mariosinho, um peraltazinho de alguns palmos de altura, dá vida, animação á casa humilde.

Desde manhã bem cêdo, até á noite, pelo dia todo, movimenta, agita a todos a toda a casa, pondo tudo em polvorosa. Logo manhãsinha, quer seu banho de chuva — coisa que muito aprecia — e é de se ver o traquinas ficar minutos recebendo aquella agua fininha que lhe molha da cabeça aos pés. E grita, e pula, e canta, cantiga á sua moda, satisfeito, feliz. E quanto trabalho tiral-o dali! Faz beicinho, carinha de chôro, fica amuado. Vae, então, ao jardim, fazer gymnastica. Que gymnastica complicada! Pula, corre atraz do gatinho, atira pedras para o Lulú ir buscar e zanga por coisas de somenos e bate o pésinho nervoso e manda com voz forte como si fosse alguma coisa mais que um pirralhosinho.

Depois, quando a mãe o vem buscar para o café, vae saltando, de mãos dadas, contando na sua linguagem atrapalhada, que nós tão bem comprehendemos, qualquer coisa que lhe prendeu a attenção. A's vezes, apanha uma flôr ao alcance de suas mãosinhas marotas e, fazendo uma mesura, mil trejeitos, entrega á mãesinha.

Toma o seu leite, café, com bolos, bolacha e tanta mistura, e sáe batendo na barriguinha cheia...

E vae traquinar. Corre a casa toda, toca em tudo que lhe fica ao alcance e quantas vezes lá vae um vaso, uma jarra ao chão, quebrando ante os olhos espantados do garotinho! Olha para o que fez e não dá importancia. Passa adeante. A mãe, occupada nos arranjos da sala, não nota o Mariosinho que vae de mansinho ao escriptorio e, subindo para uma cadeira, toma da penna, rabisca papeis, risca livros e não se esquece de inutilizar algumas paginas.

Vae á cozinha e quer provar de tudo, quer de tudo se informar.

E tem seu tempo tomado até o almoço. Exige sua cadeira, presente dos tios, seu pratinho, seus talheres, ganhos dos avós no dia de seu natalicio, e não se cansa de contar de quem os recebeu. Collocado o guardanapo, tem pose, parece um senhor. Faz a refeição calmamente, provando de tudo. Quer a sobremesa e vae tratando de dar o fóra. Não pensem, porém, que elle vae logo para o quintal. Não. Vae abrir a gaveta da escrevaninha donde retira um cigarro e o traz ao papae. Faz questão de accendel-o. Só então, vae novamente para suas peraltices. Alinha os soldadinhos de chumbo; distribue um

e verdadeiro, que não virá : : :

aqui, outro ali; reune-os; bate neste; atira aquelle á distancia; conversa.

Corre em seu velocipede, quasi do seu tamanhinho, por toda a casa, fazendo grande ruido. Si uma roda sae do automovel minúsculo, vae em procura da mamãe para concertal-o. Movimenta seu trem, que, qual um comboio do paiz dos pequeninos, deslisa sobre trilhos em circulo. E bate no gatinho, e faz tanta maquinada, que a mãe fica zangada. Parece admirado de que ralhem com elle, julgando-se, talvez, innocente de tudo. Chora. A mãe, coração de ouro como todas as mães, — grande verdade da vida — consola-o, e logo o marotinho quer o café, quer o *lunch*. E por ahi vae. Ao jantar, toma somente a sopinha e a sobremesa. Nada mais o interessa.

Depois, no jardim, brincando, correndo, vae, de vez em vez, conversar com a mamãe, com o papae, inquirindo, attento a tudo com seus olhinhos espertos.

Quando o vovô e a vovó vêm com os tios visitál-o, fica radiante, cheio de si, sem mesmo saber o que fazer. Mostra tudo, sobe e desce das cadeiras, agrada, fala, sorri e canta. Quando uma visita traz um outro menino da sua idade, alinha seus brinque e faz questão que o outro os toque. Não é egoista. Quer sempre doces para presentear suas amizades.

Em visita, comporta-se, compenetra-se da sua posição. Responde ao que lhe perguntam e, si a interlocutora é uma senhorita, sorri...

No cinema, fica alheio a tudo, vendo e ouvindo o que se passa na tela, interessado. Em casa, retornando, indaga disto e daquillo, pontos que lhe attrahiram a attenção e mais se lhe gravaram.

Engraçado é ver o trabalho que dá para vestil-o. Não tem modos, quer pó de arroz, mirase ao espelho e tanta coisa mais. Depois de prompto, com paletot, calça, camisa, gravata, chapéosinho delicado, sapatinhos e meias da mesma côr — assim o exige — vae se pôr á janella ou portão, exhibindo-se. E' mesmo engraçado o garoto!

Aprecia o radio, ouvindo-o todas as noites, sendo tambem amante das victrolas. Lembra-se sempre de dar as bôas noites á mamãe, ao papae, ao gatinho e ao Lulú. Sabe repetir a oração e dorme contente.

Esse mimosinho de tres annos, esse pirralhosinho, leitor amigo, será o meu filhinho um dia, o filhinho dos meus sonhos, a criança viva que completará a alegria do meu lar do futuro...

De A. Beltram de Sousa

NOTAS DO CARNET DE UM AVIADOR

15 DE AGOSTO. — Tive uma pessima idéa no dia em que declarei, em presença de um jornalista, que ia tentar atravessar o Atlantico. Fala-se muitas vezes sem pensar que uma palavra pode prejudicar a gente, sobretudo si se está em pleno verão.

Os reporters, que precisam de assumptos, não me deixam em paz e eu me vejo obrigado a tentar o golpe...

Hoje faz um dia maravilhoso, e eu não tenho necessidade de ir consultar a estação meteorologica para saber si chove. Cáe um tenue orvalho e sopra um vento de quatrocentos metros ao segundo. Vou dar uma voltazinha por Le Bourget, afim de ver meu avião...

Não me arrisco nessa aventura. Só um louco poderia subir nestas condições. Se isto durasse, Senhor!

16 DE AGOSTO. — Os jornalistas perguntaram-me quando pretendo partir. Respondi com grande energia: "No primeiro dia em que se annunciar bom tempo!"

Os jornalistas assaltam-me. Dir-se-ia que estão empenhados em que eu arrebente a cabeça, para poder publicar minha photographia.

E' verdade que um desastre torna conhecido o nome da gente; mas era preciso que se estivesse certo de não soffrer muito.

Não me terão os jornalistas!

Só partirei quando não houver outro remedio. Tinha resolvido escolher outro ponto de destino que não fosse Nova York. Quando dissesse isto em Maxims, era evidente que teria mais outra copa.

17 DE AGOSTO. — Chove. Faz um tempo horrivel! O céo está commigo!

18 DE AGOSTO. — Chove! O Atlantico está furioso... Bravos!

25 DE AGOSTO. — Durante oito dias não vivi tranquillo: o tempo melhorava. Quando vi que todo mundo se preparava para partir, eu tambem me apprestei para isso. Mas, como a esperança de que o tempo se decidisse novamente pelo vento e pela chuva...

Hontem, passei muito bem. Declarei que já havia esperado bastante e que estava resolvido a partir immediatamente.

Todo mundo me deteve: os amigos, os mecanicos, os officiaes e até os jornalistas. "Não faça loucura!" — diziam-me. Fizeram-me, assim, desistir de meu proposito, levando-me á estação meteorologica. Lá esta manhã, os artigos dedicados á minha louca temeridade...

Brava gente!

30 DE AGOSTO. — Os que partiram voltaram... Exemplo excellente. Si me apertarem muito, decollarei com meia carga de essencia, irei tomar um copo de vinho em Croydan e voltarei, annunciando, com a voz tremula pelo desespero, que os elementos se conspiraram contra mim.

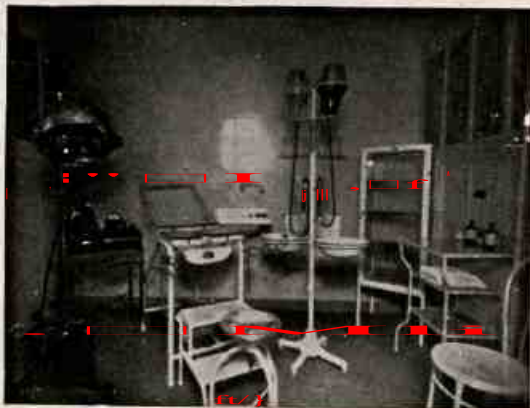
31 DE AGOSTO. — Bom tempo! Vou tirar meu "cinc" e dar uma voltazinha... Isso fará transcorrer a tarde. Ao descer, sempre poderei dizer que não estou satisfeito com meu apparelho.

1 DE SETEMBRO. — Lindo passeio.

UM RAPAZ INTERESSEIRO..

POR ter assassinado a senhorita Fatrineau, a velha negociante de hervas, Eustachio Pestrinasse, a despeito da eloquente defesa de seu advogado, que tentou convencer os jurados de que seu constituinte praticára o hediondo crime impellido pela urgente necessidade de adquirir uma pequena quantidade de folhas medicinaes, foi condemnado á morte.

— E guilhotinam-me por causa de um franco e cincoenta! — gritou Pestrinasse, ao ouvir a leitura da grave e desconsoladora sentença que o tribunal lhe impunha.

Era verdade. Seu crime só lhe produzira aquella pequena importancia, e por esse motivo Eustachio estava inconsolavel. Porque elle era um rapaz interesseiro. Adorava o dinheiro, e talvez se deixasse executar por uma somma que valesse a pena. Mas ser guilhotinado por um franco e cincoenta era para maldizer da justiça humana!

Felizmente para o condemnado, se procederam ás eleições para presidente da Republica, e, como é costume em taes casos, o novo chefe de Estado demonstrou sua satisfação concedendo indulto geral, e assim Eustachio, em vez de subir á guilhotina, foi remettido para a Guyanna franceza. E, alli chegando, só teve uma idéa: fugir. E fugiu.

Da Guyanna hollandeza poude embarcar, tranquillamente, para a França, refugiando-se em Paris, onde a influencia de delinquentes permitte viver sem receio a ser descoberto pela policia.

Eustachio teria vivido

::: De R. Dieudonné :::

Meu avião decollou maravilhosamente. Por um momento me encontrei tão bem no ar, que pensei em continuar. Mas, quando divisei o mar, comprehendi a imprudencia que ia commetter, tanto mais quanto não sei nadar.

Voltei a Le Bourget acclamado como um heroe.

Agora, é que se pagam os melhores minutos. Esta manhã, nos jornaes, leio uns titulos que me aterrorizam. Meu avião está preparado, e eu só aguardo um segundo annuncio de bom tempo, etc., etc.

3 DE SETEMBRO. — Eis aqui mais outra coisa. Uma americana, ao ler os artigos que me consideram como o primeiro piloto da época, me offerece cem mil dollares para que eu a leve aos Estados Unidos. Cem mil dollares! Está bem paga a passagem... Mas, si eu capotar com minha passageira no mar...

8 DE SETEMBRO. — Continúa o máo tempo... Minha passageira se enerva... E' encantadora, por outro lado... Loira, leve, alegre... Depositou o preço da passagem no Banco e agora só temos que partir e chegar...

Procurei fazel-a comprehender que havia viagens muito mais agradaveis que esse grande "raid" monotono por cima das ondas... Propuz-lhe uma *tournée* pelas praias da moda. Paris-Plage, Deauville, Dinard, La Baule, Arcachón, Biarritz, etc., etc. ... Mas ella é uma gentil teimosa e não se apercebe do perigo a que se expõe sua preciosa existencia... e a minha.

10 DE SETEMBRO. — Partimos esta tarde! Deixo meu *carnet* sobre a mesa...

20 DE SETEMBRO. — Voltei a Paris esta manhã, recebi os cem mil dollares e vou casar-me com a joven americana.

A coisa se passou muito agradavelmente.

Decollamos de Le Bourget no meio dos photographos e dos operadores cinematographicos. Mas não haviamos passado ainda o canal da Mancha, quando a joven americana divisou ao longe uma mancha negra.

— Tempestade? — perguntou-me.

— "Yes!" — respondi-lhe.

E o vento sopra violentamente contra o cinc.

Eu não dizia nada. Mas pensava que ia aterrissar em territorio inglez, em menos de dez minutos... Tanto peor si o apparelho se avariasse ao descer. Mas a joven americana agarrou-me pelo braço e disse-me:

— Quero descer!

— Nunca na vida! — respondi eu, com grande decisão.

— Deixo-lhe o dinheiro!

— E minha reputação, minha honra de piloto, o prestigio da aviação franceza?

— Offereço-lhe minha mão: sou filha unica. Meu pae tem dez milhões de dollares!

— Já que é assim...

Desci na praia de Cabourg. Ali, julgaram que chegavamos de Nova York, e nos receberam triumphalmente.

E' muito bonita esta pequena Rosy!...

de Rodolpho Bringer

em paz o resto de seus dias si não lêsse, uma manhã, em certo jornal, que as autoridades offereciam por sua cabeça de evadido a somma de dez mil francos. Vendo que a justiça tinha sua pessôa em tal consideração e estima, Eustachio sentiu um natural sentimento de orgulho. Mas, passado este, pensou:

"A verdade é que aquelle que me agarrar não sahirá perdendo: dez mil francos! Uma bella somma... Quando penso que tive que assassinar uma pobre velha para conseguir um franco e cincoenta, e que, agora, a um individuo qualquer, só pelo trabalhinho de denunciar-me á policia, querem dar dez mil francos!... E depois dizem que ha justiça!"

A idéa de que outro homem pudesse receber os dez mil pesos o fez a ser mais desgraçado do mundo. E um dia pensou:

"Não! Não admitto que outro venha a ganhar esse dinheiro! Não admitto!"

E, correndo, afim de chegar antes que qualquer outro, dirigiu-se á delegacia.

— E' verdade — perguntou ao commissario que os senhores dão dez mil francos áquelle que Eustachio Pestrinasse?

— Sim — respondeu o commissario.

— Não é uma pilheria o offerecimento?

— Todos os jornaes o publicaram, e a policia não costuma pilheriar.

Então Eustachio exclamou:

— Pois faça o favor de dar-me esses dez mil francos: Eustachio Pestrinasse sou eu.

Para que os leitores vejam até onde póde chegar o amor ao dinheiro em um rapaz interesseiro...

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 33

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 15 de Agosto de 1931

UMA IDÉA GRANDIOSA

A guerra mundial trouxe para o mundo, que já se debatia numa grande e bastante longa crise moral filha do materialismo, formidavel anarchia de valores mentaes, sociaes e politicos. Ella parece ter sido o cadinho gerador de futuras fórmas da sociedade, tanto é certo não corresponderem as de agora ás necessidades das massas que trabalham e soffrem. De tamanha epopéa de horrores uma unica construcção ideal sobrenadou: a Sociedade das Nações. E é ella ainda quem de quando a quando faz lembrar ao mundo que deve prevalecer sobre a força politica, economica ou militar dos povos a sua força moral ou intellectual. Assim, os espiritos cultos e equilibrados se alegram todas as vezes que a Sociedade das Nações, alheiada das incandescentes idéas deflagradas pelos effeitos da guerra, immersa no seu idealismo que acima dos Estados e das Raças vê pairar a imagem da Humanidade, trabalha pela aproximação cultural ou moral dos povos, unico meio delles se comprehenderem, estimarem e respeitarem. Cheia do idealismo que sempre lhe norteou os passos e de que é rica a sua gloriosa historia de baluarte oriental da civilização christã, a Polonia, por proposta de sua secção na Sociedade das Nações, agiu no sentido da mesma instituir um premio annual de 100.000 francos suissos "destinado a recompensar uma obra literaria de alto valor que exprima idéas communs a todas as nacionalidades quanto á fé no Homem, á idéa do aperfeiçoamento moral e intellectual e á do bem estar universal." Deante de tão formosa e elevada these, nenhum homem de letras póde deixar-se ficar em silencio, nenhum homem de sciencia póde esconder sua satisfação, nenhum homem de bem ou de coração póde ser indifferente. Ella une os pensadores e escriptores de todos os paizes no desejo de cooperar pelo aperfeiçoamento humano e na emulação pela recompensa do concurso, não a da somma promettida, máu grado seu alto valor, porém a da gloria resultante do triumpho. Ella desperta o pensamento para o encontro de formulas novas e originaes que possam, não só alevantar mental e moralmente a humanidade, como incutir-lhe com mais força o culto do espirito que sempre vencerá a materia e indicar-lhe medidas tendentes a dissipar, pelo menos em parte, as dolorosas inquietações do cyclo em que vivemos. E' uma idéa magnifica, digna de ser levada por deante com fervor e capaz de rasgar novos horizontes. O seu alcance poderá ser incalculavel na historia do genero humano. Porque só as idéas dos sabios e dos escriptores têm força para apontar novos rumos á humanidade. E os imperios religiosos ou philosophicos erguidos pela palavra duram ainda quando aquelles que a espada talhou no mappa dos continentes já se arruinaram e perderam na poeira dos seculos.

JOÃO DO NORTE

Garça Branca

Severino Silva

Um dia, Garça Branca, eu te vi solitaria...
Eu te vi solitaria, á margem da corrente
de aguas turvas e tristes, que é a vida.
No pinturesco da paizagem varia,
surgiu tão sensitiva e singular
tua melancolia adolescente
que só tu eras fria e commovida
na alegria da terra e na alegria do ar.

Das moitas frescas, das ramadas remansosas,
da ondulante verdura dos juncaes
subiam ruidos de asas buliçosas,
vinham pipilos, alaridos nupciaes.

Dilatava-se o céo, diaphano e harmonioso,
numa algazarra lyrica de plumas,
na glorificação da pompa multicôr.
E as asas volitavam sem repouso,
— bohemias risonhas e vadias umas,
outras na ansia da luz e do calor.

Recolhida na tua soledade,
mal erguias o olhar para a festa das asas,
que andavam pelo céo, ingenuas, a cantar...
Doendo-lhe a tua dôr, sentiu minha piedade
que o sonho que te punge e em que te abrazas
é a esperança de um bem que nunca ha de chegar.

* * *

Lá longe, na planicie, havia um lago,
e á margem desse lago uma palmeira
fidalga, vertical, sentimental.
A palmeira soffreu comtigo. Num afago,
agitou sua fronde hospitaleira,
offertando-te abrigo fraternal.

A' terra e ao céo falou da tua magoa...
Estremeceu de amor pela tua belleza:
— quando te viu chorar, ella chorou tambem...
E tu só... E tu só, á beira dagua,
continuaste a mirar a correnteza,
sem nada ver e sem ouvir ninguem.

Todas as palmas da palmeira flabellaram...
Modulando-te o mais apaixonado idyllio,
palpitaram de amor suas velhas raizes.
E as palmas e as raizes te bradaram
— por que soubesses, no teu negro exilio,
do exilio dos que são, nesta vida, felizes.

* * *

Desciam da esmeralda ouriçada do monte
para a esmeralda velludosa da campina
rebanhos e rebanhos e zagaes.
Enchia o espaço a voz de Anacreonte,
cantando na cigarra peregrina
odes frementes, redolentes madrigaes.

A tudo estranha, quer na terra, ou no horizonte,
olhavas a agua triste, e nada mais...

Mas, um momento, alçaste o pensamento,
e em movimento preguiçoso, lento,
asas abertas num adeus, ou num afago,
lá voavas sobre as palmas da palmeira,
quasi beijavas o crystal do lago.

Mas não desceste á fronde da palmeira
e não beijaste, uma só vez, a agua do lago.

Minha fragil palavra não define
o desespero e a angustia da palmeira,
que te viu tão de perto, e te viu regressar
ao desterro da tua soledade.
O lago soluçou queixas de Lamartine
num pranto que se ouviu pela planicie inteira...
E ainda te implora a graça de um olhar
e a graça espiritual da tua claridade...

Sentimental, romantica — a palmeira
ha de esperar por ti a vida inteira...
Ha de clamar por ti, a vida inteira,
té que, um dia, piedosa e alviçareira,
busques a sua fronde amorosa e esquecida...

Ansiosa de rever tua sombra querida,
é um soluço a agua humilde, é uma prece a agua calma...

Garça Branca — tu voaste em minha vida...
Mas não pousaste, Garça Branca, na minha alma!

FAIANÇAS

ALMAS

— Bemdigo a distancia que nos separa...

— Por que?

— E' simples. Si eu estivesse sempre ao teu lado, de certo estaria longe do teu amor.

E Corina, num desalento estudado:

— Mas o meu amor reclama a tua presença. Elle te quer junto a mim.

— Já sei: "Longe dos olhos"...

— Não é isso, Flavio...

— "Perto do coração, longe dos olhos"...

— Que mania de inverter o sentido exacto das coisas!

Flavio esclareceu com amargura, inclinando a fronte para o chão:

— Quando um homem está junto da mulher querida, os olhos della só vêem os outros homens...

Corina protestou com vehemencia:

— Pessimista! Isso é horrivel!

Flavio ergueu o rosto moreno para fitál-a. Corina, porém, não o viu: ella sorria aos homens que passavam...

•

— Que diz o sr. da sinceridade feminina?

— Não falo de coisas abstractas.

— Oh, doutor! O sr. é cruel com as Evas!...

— Por que, senhorita Mura?

— Mura, não, Mara...

— Perdôe: senhorita Mara... Por que?

— Não tem uma palavra justa para nós... É feroz...

Neste momento, passa pelo salão a silhueta fina e petulante de uma dessas vampiros de olhos côr de lodo: nem verdes, nem escuros. Mulher-demonio. Mixto de Venus e Diana. A pureza e o peccado.

Vae pelo braço de um cavalheiro que tem ares de valete de pau.

A mulher-satanica e Mara cumprimentam-se. O doutor interroga esta ultima:

— Conhecem-se?

— Sim. E' a Ivonne... Uma creatura santa. Exemplo de sacrificio e sinceridade. Surge muito a proposito. E' noiva daquelle moço...

O doutor alarmou-se:

— Mas isso é uma villania!

— Por que? — inquire Mara, assombrada.

— E' a amante mais sincera do meu amigo Flavio...

Mara sorriu amarello.

•

Corina saltára do banho matinal. Ao entrar no seu *boudoir*, encontrou no marmore da penteadeira, entre o lapis de rouge, os potes brancos de crême e todas aquellas drogas do seu instituto particular de belleza, uma cartinha perfumada a caron. A letra, ella a conhecia. Uma graphia cheia de rabiscos e rasgos apressados. O papel de linho, lilaz — esmaecido... O carimbo postal... Era delle.

Nervosa, dilacerou o envelope. Dizia a missiva, num laconismo expressivo:

"Corina,

Até hontem eu me horrorizava com a duvida em que tenho vivido a teu respeito.

E' verdade que me amas? Acaso tu me enganas com outros? Ou não enganas? Em ti, o que acceito como uma coisa atroz e sublime, torpe e nobilitante, ao mesmo tempo, é o absurdo das intenções que revelas, através a leviandade dos teus actos.

Si me traes, si amas a um outro — por que então é que choras pelo meu amor? Si não és louca, és ignobil! Mas, si és uma coisa e outra — és divina. Divina, porque sabes ser fingida, comediante, embusteira, e me dás o doce consolo da incerteza. Da incerteza que alimenta, como a chamma votiva de um sacrificio vigilante, o fogo sagrado de um amor afflictivo.

Verás que tenho razão — quando lêres os versos de Campoamor:

"? Te juzgas una infiel? No, vida mia.
El amor se transforma, y no varia;
Un mismo amor puede tener mil nombres."

Quando eu tiver a certeza de que me amas, firmemente, é signal de que estás na dolorosa incerteza do meu amor... — Teu — Flavio."

Corina atirou, enraivecida, a carta para um lado. E murmurou, decepcionada e dramatica:

— Grosseiro! Como se diverte com a alma de uma mulher!

Yves

SOCIEDADE

Mlle. Lucy Tavares é uma figurinha galante da nossa alta sociedade, onde brilha pela graça esplendente da sua mocidade e pelos encantos de sua seducção pessoal.

EU tenho, sobre as janellas do meu quarto, uma paineira acolhedora.

Verdejando entre a mais casta indifferença e o mais superior desdem, a minha paineira é um perfeito symbolo humano.

Sorri sempre, guardando na alma vegetal das suas frondes um sentimento perpetuo de bondade incomprehendida.

E não se maldiz. Não se lamenta. Não se queixa de ninguem.

Soffre com a altivez dos fortes, resguardando apenas o seu amor das perfidias sombrias dos desventurados.

Essa paineira é o meu encanto de desalento.

Ao levantar-me, cêdo, acordando o sol, como a olhal-a, deslumbrada, recebendo os seus exemplos de abnegação e valor.

Os nossos dialogos têm alguma coisa de dogmaticos e profundos.

Reflectem a sabedoria singular dos grandes silencios que esmaltam as attitudes sagradas.

Tudo é mysterio em torno á vida.

Mysterio que não se desvenda, mysterio de milagre, de sortilegio, de desgraça ou de ventura.

Mysterio divino ou diabolico na eterna continuação de todos os destinos, de todas as desventuras, de todas as trajectorias.

Com os olhos abertos para a contemplação do idéal, eu recebo da minha paineira os mais formosos ensinamentos.

Amo-a com uma volupia de requinte, descobrindo cada dia, mais um motivo de querel-a, mais uma razão de imital-a.

Ella é a minha padroeira, a madrinha protectora dos meus sonhos de artista, das minhas fantasias de mulher.

Faço-lhe as minhas revelações confidenciaes. Conto-lhe dos meus desejos, das minhas visões, dos meus soffrimentos e das minhas ansiedades de estheta.

E ella, a dôce paineira, baloiçando nos seus ramos as minhas verdes esperanças e as minhas cinzentas desillusões, aconselha-me, ternamente:

"Soffre com a alma em extase. Suffoca as tuas ambições para offerecer ao universo e á humanidade a pureza dos teus sentimentos.

Sê verdadeira. Na gloria, na generosidade, no carcere das desditas e do mal, realiza sempre a conquista da verdade, sejam quaes forem os tropeços da tua victoria.

"Si, um dia, encontrares, na estrada ingreme da vida, a traição, a vingança ou a vilania, guarda e passa... Recorda o Dante...

Depois, apparecerá uma sombra divinatoria que será a consagração das tuas aspirações de triumpho.

"Despreza a ignominia que provem da inveja.

Lamenta os impulsivos e os fracos. São infelizes da mesma orbita.

Produzem o mal na inconsciencia dos seus desvarios. Mas, intimamente, são pobres creaturas ingenuas."

E a minha paineira é incansavel em argumentos logicos, prendendo-me á sua corrente de verdade limpida que define todos os movimentos de razão universal.

Descuidada, soffrendo a cicatriz da saudade, eu me debruço sobre mim mesma, para desatar o fio das minhas cogitações philosophicas com a dôce paineira do meu amor.

Porque pensar? Philosophar será remedio infallivel e endemias incuraveis?

Paineira... Minha amiga innocente...

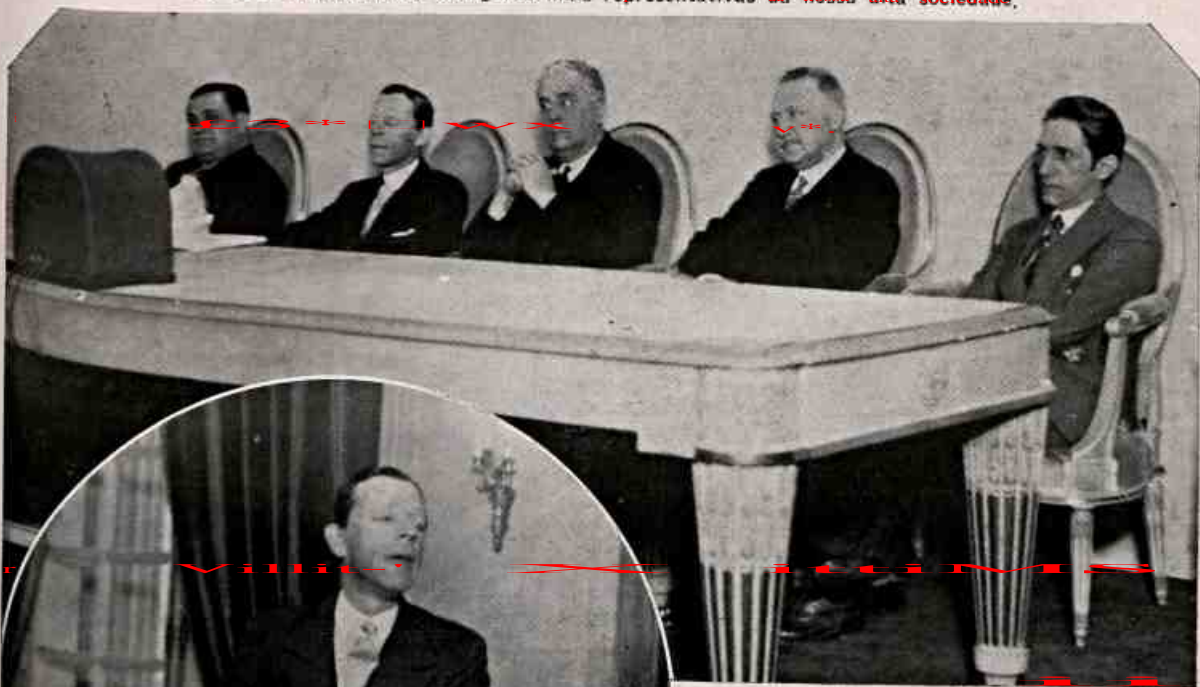
Tu és uma philosopha teimosa...

Deixa-te de ensinamentos pueris.

Cumpre o teu dever na terra e terás feito a mais linda de todas as conquistas.

Continua á vicejar, orgulhosa, incomprehendida e feliz.

Porque viveu mais aquelle que foi mais sabio na comprehensão integral das suas tendencias.

A segunda recepção de inverno offerecida pela exma. sra. Getulio Vargas realizou-se na tarde da penultima quinta-feira, no palacio Guanabara, onde se reuniu, em torno da esposa do chefe do governo provisorio, as figuras mais representativas da nossa alta sociedade.

Francis de Croisset, o burilador delicado de «L'epervier», o «blagueur» admiravel de «Le coeur dispose», realizou, a 7 do corrente, no Petit Trianon, a sua annunciada conferencia sobre o thema «Le miroir deformant («Les qualités et les defauts au theatre), em que o grande comediographo traçou, entre ironico e observador, a influencia do theatro como arte. Essa tarde, na Academia Brasileira de Letras, revestiu-se dum cunho de elegancia verdadeiramente brilhante. A sala, onde se viam, a par de galantes vultos femininos, os mais prestigiosos nomes da nossa vida literaria e artistica, cobriu de applausos o admiravel estheta francez, a quem essas rapidas horas de encanto devem ter deixado a mais deliciosa das impressões. A Academia Brasileira de Letras prestou, deste modo, uma homenagem justa e carinhosa a um dos maiores nomes da literatura dramatica franceza. A nossa gravura focaliza Francis de Croisset antes e durante a sua conferencia, vendo-se á mesa, ladeando o escriptor francez, o presidente da Academia Brasileira de Letras, dr. Fernando de Magalhães, o embaixador de França, conde de Dejean, e os academicos Adelmar Tavares e Olegario Mariano. Em nome da illustre companhia, saudou Francis Croisset o seu collega Claudio de Souza.

Balcão Florido

A "*FALSA BELLEZA*"...

— Era só o que faltava! Vê-se cada uma! ora, que idiota!

E o riso sadio, cantante, de Clara, modulado num estranho e bizarro rythmo de *fox* trepidante, encheu o ambiente do pequenino e artistico *boudoir* de que, ella, com a sua garridice de mulher bonita, era o mais rico e interessante *bibelot*, a mais linda e encantadora figurinha de Sèvres.

— Idiota! Sim, você não acha?

— Hein?

— Que? Então você não leu isto, este despropósito?

E, apanhando, novamente, o jornal que arremessara para um lado, num gesto de incontido aborrecimento, tão bem mimificado na linha irreverente de seus labios ensanguentados de *rouge*, Clara — a minha linda amiguinha de cabecinha tonta, emoldurada no oiro filigranado da sua cabelleira revolta de garota ultra-moderna — leu-me, quasi de um folego, num ardor de revolta, o seguinte:

"ROMA, 6 (U. P.) — As professoras desta capital foram admoestadas pelas autoridades competentes pelo facto de usarem cosmeticos ou qualquer "maquillage", deante dos seus alumnos, mostrando-lhes desse modo uma "falsa belleza".

Em carta dirigida a todas as professoras, o sr. Carmelo D'Agostinho, Inspector Escolar, ordenou que deixassem de usar qualquer artificio no rosto, quando na escola ou mesmo fóra della, declarando que assim procedia porque achava que os alumnos, ao verem as suas mestras com "maquillages", seriam levados a acreditar na "falsa belleza".

— Então, que diz? — perguntou-me Clara, ao ver que eu permanecera calado, a expressar-lhe, porém, no sorriso que me brincava nos labios, tudo que silenciava.

— Mas fale, pelo amor de Deus! Desfaça esse sorrisinho ironico, mordaz e mordente... — continuou, já meio indignada, batendo o pé pequenino e inquieto no fundo macio e fôfo de um tapete caro.

— Vá lá com o "mordente" do meu sorriso... porque, realmente, Clarinha, você nunca me pareceu tão perturbadoramente tentadora como neste momento... O fructo cheiroso e fresco da tentação, do peccado, desenha-se, nos seus labios *maquillés*, em linhas inquietas, de uma volupia nova, moderna, embora mais feitiça e traiçoeira que a com que as Evas de antanho tentavam os homens...

— Tentação... Peccado... Volupia nova... Meu amigo, você estará doido? Que série curiosa de coisas disparatadas!

— Se você começou disparatando...

— Eu, disparatando? Como, não me dirá?

— Enervando-se porque alguem — naturalmente um homem fóra do seu tempo — incapaz de sentir e comprehender a volupia nova que dá fórma, expressão e encanto á Belleza moderna, se insurgiu contra as mulheres que a exhibem nas escolas italianas...

— Continúo a não comprehender... Quererá dizer-me, sem essas fugas paradoxaes, o que entende por "volupia nova da belleza moderna"?

— Mas, minha amiga, é uma coisa simples, tão simples e tão *clara* como você: — a volupia da falsa belleza, que o professor italiano condemnou de modo tão irreverente, bem longe, talvez, de suppôr que iria levantar contra elle todas as mulheres do mundo...

— Ah! comprehendo. Então, finalmente... tambem você...

— Eu, o que?...

— ... condemna o *maquillage*, o *rouge*, o bistre — tudo isso de que usamos e, talvez, abusamos, com o intuito exclusivo de agradar a vocês, os homens?

(Conclúe na pag. seguinte)

Com uma festa de arte em que haverá theatro, musica e declamação, será inaugurado, brevemente, no salão do Studio Nicolas, o Atheneu de Cultura Artistica, fundado nesta capital por iniciativa da professora Maria Rosa Moreira Ribeiro e de sua filha, senhorita Lourdes Moreira Ribeiro, duas figuras bem conhecidas e applaudidas nos nossos salões, como directoras que são do Radio-Theatro da Radio Sociedade. O Atheneu de Cultura Artistica realizará mensalmente uma récita para os seus associados, representando peças theatraes e um acto variado, em que figurarão numeros de musica e declamação, com o concurso de nomes prestigiosos das nossas artes e das nossas letras. A senhorita Lourdes Moreira Ribeiro, cuja photographia illustra esta nota, como uma das directoras do Atheneu de Cultura Artistica, é diplomada pelo Curso de Declamação do Conservatorio de São Paulo.

O tenente João Alberto Lins de Barros, que exerceu, até ha pouco, o alto cargo de interventor federal em São Paulo, foi, sexta-feira penultima, homenageado por um grupo de amigos e admiradores, que festejaram, com um almoço, no Jockey Club, o seu nobre gesto renunciando ao governo do grande Estado. Tomaram parte nesse ágape, entre outras altas figuras da administração da Republica, todos os ministros de Estado e varias pessôas gradas.

BALCÃO FLORIDO

(Conclusão)

— Eu? Se, pelo contrario, acho que a mulher nunca foi tão mulher como é, hoje, adoptando como padrão e canon de belleza a "falsa belleza"!

— Nunca foi tão mulher?...

— Sim. Nunca, repito.

— Por que?

— Porque nunca foi menos real, menos verdadeira...

— Hein?...

— E quanto mais *falsa*, mais feitiça, mais, e melhor, a mulher realiza no mundo a suave missão que Deus lhe destinou...

— Que missão?

— A de enganar sempre, enchendo a vida de illusão e de sonho, de amor e da mentira...

O riso *fox-trot* de Clara encheu, de novo, o perfumado ambiente do seu lindo boudoir, e foi quasi compenetrada de si mesma, do prestigio e fascinação da "falsa belleza", que ella me disse:

— Você, meu amigo, tem p a r a d o x o s bem curiosos, ás vezes. Mas acabo sempre por lhe dar razão...

HELIANTHO

O almirante Protogenes Guimarães offereceu, no Club Naval, em nome da Marinha de Guerra Brasileira, um almoço aos aviadores argentinos e uruguayos que presentemente nos visitam. O grupo acima foi tomado por occasião desse ágape de cordialidade continental.

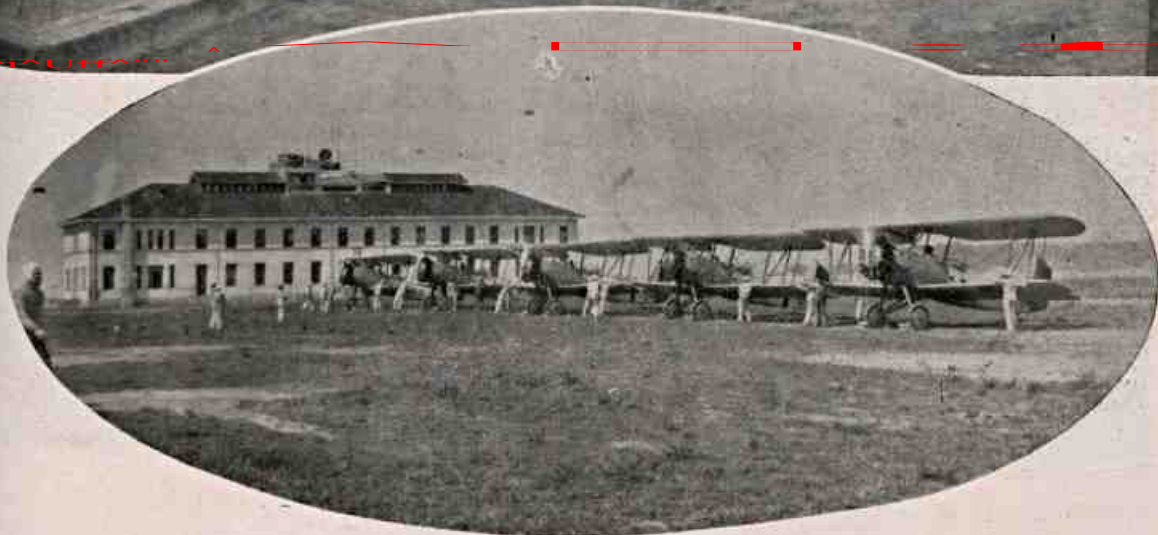
FILIGRANAS

Referindo-se a Mistral, Lamartine escreveu ha setenta e dois annos: «O' poeta de Maillane, aloés da Provença! Cresceste tres covados em um dia e florescestes em vinte e cinco annos. Tua obra poetica perfuma Avinhão, Orles, Marselha, Toulon... dentro em pouco perfumará a França. E, mais feliz do que a arvore de Hyéres, o perfume do teu livro não se evaporará em mil annos». Como Mistral encarnou a Provença, todo o paiz da lingua d'oc, Juvenal Galeno foi a encarnação palpitante e apaixonada da sua terra de sol e de dôr. Cantou as roceiras acanhadas e bellas, os carros de bois gemendo pelos tortuosos e asperos caminhos, as boiadas resfolegantes e vagarosas, os engenhos ronceiros e guinchantes, as farinhadas e vaquejadas, o cafezal da serra e o milharal do valle, o vaqueiro e o cangaceiro, o voluntario da patria e o jangadeiro, o luar prateando a areia das dunas ou a folhagem dos carrascaes, a coragem, a fé, a familia e o amor. Aloés do Ceará, o perfume de seus versos não se evaporará tão cedo!

AUTORES

Laudelino Freire é membro da Academia Brasileira de Letras. Mas não se resume nesse cubiçado titulo o merito intellectual do autor de «Notas e perfis». Laudelino Freire é um nome de relevo nos circulos culturaes do paiz, pelos seus vastos conhecimentos do vernaculo e pelo muito que tem feito em prol da pureza do nosso idioma. Ninguem lhe nega, por isso mesmo, autoridade para commentar e discutir a evolução da linguagem. Dahi o prestigio da sua opinião nesses assumptos e o grande valor de seus trabalhos desse genero, que sempre constituem preciosas e solidas contribuições para o estudo da lingua portugueza e formação do nosso vocabulario. «Graças e galas da linguagem», agora apparecido, não é apenas uma obra que vem augmentar as glorias e consagrar a actividade mental desse mestre da fórma de escrever; é, tambem, e sobretudo, um livro util a todos os estudiosos, a todos aquelles que, amando a sua terra, queiram aprender novas locuções idiomaticas, novas regras da bôa linguagem.

O dr. Laudelino Freire, autor do formulario orthographico approvado pela Academia Brasileira de Letras, realizou, no theatro Municipal, de Nictheroy, uma conferencia sobre a nova orthographia, attendendo assim a um convite que lhe fez o Collegio Brasil. Na presente gravura, o illustre escriptor e academico apparece ao lado dos drs. Fernando de Magalhães, Adelmar Tavares e Sylvio Julio e entre varios professores fluminenses que ouviram a brilhante palestra do autor de «Graças e galas de linguagem».

O Centro de Aviação Naval, na ponta do Galeão, recebeu, sexta-feira penultima, a visita dos pilotos militares da Argentina e do Uruguay que se acham nesta capital e que, acompanhados de vários collegas brasileiros, percorreram demoradamente todas as dependências daquelle departamento da Marinha. Os aviadores nossos hospedes foram alvo, ali, por parte dos officiaes brasileiros, de carinhosas homenagens, tendo os alumnos da Escola de Aviação Naval realizado brilhantes e arrojadas evoluções durante a visita dos pilotos argentinos e uruguayos. Esta pagina focaliza os detalhes mais expressivos dessa visita.

A "MULHER - VAMPIRO"

MARLENE Dietrich — a já famosa protagonista de "Marrocos", a linda vampiro de "Anjo Azul" — é uma mulher de sorte. Veiu ao mundo sob os auspicios mais alviçareiros de uma bôa estrella. E, "estreita", logo se fez, na arte difficil que abraçou, depois de irradiar a fulguração do seu ser deslumbrante no coração de Von Sternberg — o enamorado "creador" desse novo astro de Hollywood.

Victoriosa no amor e na cinematographia, faltava a Marlene, "vampiro-artistica", uma nota de sensação e de escandalo que consagrasse a mulher.

E a nota veiu, retumbante, a clangorar o seu éco dos "studios" de Hollywood ao resto do mundo, vehiculada, como quasi sempre acontece, pelo ciume e pelo odio de outra mulher, — a mulher mesma de Sternberg.

Querendo esmagar a rival, madame Sternberg diminuiu-a como mulher, ferindo-a na sua feminilidade, nos seus sentimentos, para nella apenas reconhecer a "vampiro".

Mulher, ella não é; vampiro, sim — bradou, revoltada, a zelosa esposa do venturoso amante de Marlene.

A vindicta, porém, não ficou ahi, e madame Sternberg já está agitando os tribunaes americanos num processo contra a fascinadora actriz allemã, de quem, a titulo de indemnização pela dissolução do seu lar, exige alguns milhares de libras esterlinas.

O caso em si, por commum demais, não teria a menor importancia, nem mereceria este commentario, se a attitude, de incontido despeito, de madame Sternberg não lhe houvesse dado uma nota original e bizarra: negar a Marlene Dietrich qualidades e sentimentos de mulher, para lançar-lhe em rosto, a titulo de desprezo, o epitheto de "vampiro".

E consagrou a rival, já victoriosa, coroando-a por suas proprias mãos com os loiros da maior gloria que uma mulher, em Holliwood, possa desejar: ser "vampiro" na sua arte e, pour cause, tambem na vida, para subjugar, suave e tout doucement, com seus beijos de mulher-morcego, o coração de todos os Sternbergs, que aspirem o seu amor.

Assim, madame Sternberg, mesmo que venha a ganhar as varias mil libras de Marlene, sempre terá jogado uma partida curiosa, em que quem ganha é que sahe perdendo...

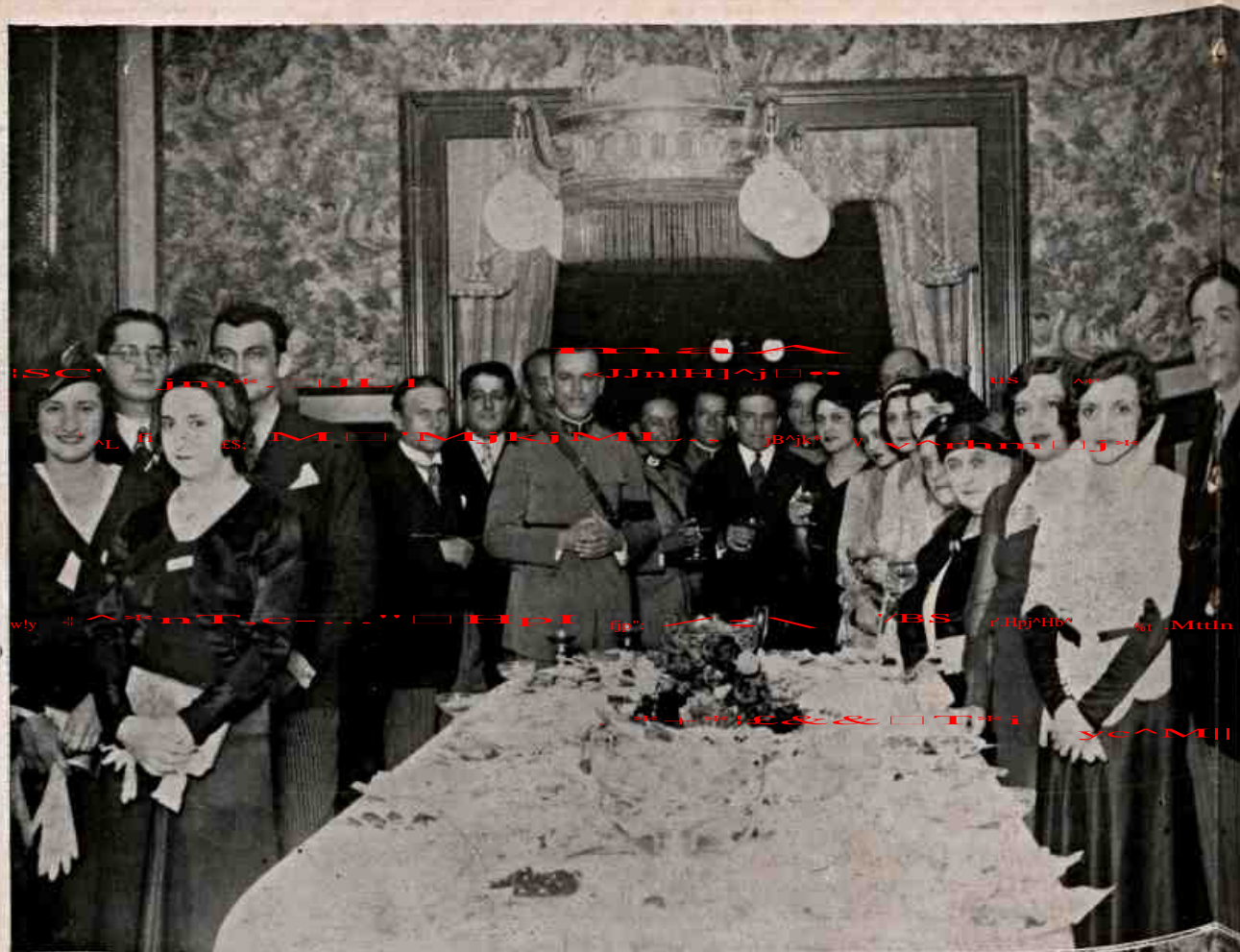
E, até ser julgado o seu caso, a linda "Vampiro", dominando a situação, poderá desafial-a á vontade, mais segura do seu fascinante prestigio do que nunca:

"Nós nos amamos e lutaremos pela justiça durante o processo."

MAX LINDER

Hernani de Irajá, o brilhante escriptor e scientista de tantas obras curiosas, acaba de offerecer ao seu publico mais um livro de estudos medicos. Intitula-se «Morphologia da Mulher», e nelle são estudadas as caracteristicas ethnicas e raciaes da mulher brasileira. E', assim, um trabalho que interessa ao clinico, ao pintor, ao esculptor, ao anthropologista, ao ethnologista, aos estudiosos em geral. A isso se alliam o brilho literario de suas paginas e a erudição com que o autor discorre sobre o assumpto que constitue a materia do livro. Delle falaremos com vagar na competente secção bibliographica. O presente cliché fixa uma «pose» de Hernani de Irajá num desenho de Kobus.

O novo director do Collegio Militar do Rio de Janeiro, general Esperidião Rosas, recentemente nomeado para aquelle cargo, tomou posse do mesmo na penultima quarta-feira, em presença do antigo director, general Augusto Pedro de Alcantara Junior, professores e funccionarios daquelle estabelecimento. Falaram durante a cerimonia, além dos dois directores, os srs. Oliveira Sá e dr. Emygdio Cabral.

Inaugurou-se quarta-feira penultima, á tarde, no salão do Palace Hotel, a quinta exposição de trabalhos femininos da Associação das Senhoras Brasileiras, tendo comparecido ao acto, que constituiu uma brilhante reunião de mundanismo, a exma. senhora Getulio Vargas e outras figuras distinctas da nossa alta sociedade.

A DATA DA BOLIVIA

Pelos seus representantes diplomaticos, foi commemorado, festivamente, o 10.º anniversario da Independencia da Bolivia. O sr. German Chavez, encarregado de negocios daquelle paiz amigo, offereceu uma recepção á sociedade carioca, ao corpo diplomatico e ás autoridades do paiz. Na Escola Bolivia houve, tambem, uma brilhante solennidade, que teve o comparecimento do representante do interventor do Districto Federal e de outras pessôas gradas. A nossa pagina offerece os principaes aspectos dessas cerimonias.

A SILENCIOSA CONFISSÃO

LIVIO Renault é um nome que se vem affirmando, brilhantemente, nos circulos intellectuaes da geração moça de Minas. E' um poeta novo, intensamente emotivo, espontaneo, colorido e vibratil, que ensaia, com segurança de azas, os remigios da sua inspiração.

E, pudéra não, se Livio Renault, de quem publicamos, nesta pagina, esta linda e Silenciosa Confissão, é digno irmão de um poeta de raça qual é Abgar Renault, nosso distincto amigo e illustre collaborador de FON-FON.

Amargura de te imaginar
para sempre perdida
dentro do meu sonho...
Imaginar amargamente
que as horas
que te trouxeram ao meu coração,
como um sonho dentro da minha vida,
passaram irrevogavelmente
no tempo immutavel...
Amargura das palavras de amôr
que estão
dormindo,
silenciosamente
tristes,
dentro do meu sêr...
Amargura de tudo
o que eu quiz te dizer...
Amargura da dôr
do que vou sentindo
no coração calado... calado...
— Ouve o que eu não te disse...

Livio Renault

O Touring Club do Brasil, o grande animador do turismo entre nós, inaugurou, sabbado á tarde, na rua do Mexico, esquina de Heitor de Mello, com a presença do interventor do Districto Federal, dr. Adolpho Bergamini, o seu primeiro posto de abastecimento, destinado exclusivamente aos socios daquella util aggremiação. Durante a solennidade, que decorreu brilhante, falaram o presidente do Touring Club, dr. Octavio Guinle, e o dr. Cerqueira Lima.

C I U M E

DEIXEI de pular corda e de brincar de roda. Deixei de tocar a campainha dos palacetes. Deixei de furtar flores. De comer muito.

Deixei de fazer uma porção de coisas que fazia antes... Isso tudo, pelo medo de ser observada. Pelo receio de ouvir o severo: «você é, decididamente, muito burgueza...»

Ah! antigamente nós éramos tão bons amigos... Eu era a tua camaradinha ingênua que te distrahia. Tu, o mestre diabolico que descerrava as cortinas dessa ingenuidade.

Onde aquelle espirito brincalhão, trocista, vagabundo, que tão bem combinava com o meu?

Hoje..., por qualquer coisa tens sempre uma palavra áspera que fere dolorosamente a minha sensibilidade. Eu percebo a tua irritação mal contida quando, extasiado ante um crepusculo de côres delicadas, tu reclamas a minha falta de enthusiasmo, o meu silencio...

Si tu soubesses que tudo o que brilha me fere a imaginação fazendo-me recordar o fulgor da tua pessoa e da tua intelligencia...

Hoje... envenenas as nossas horas com os teus ciúmes irreflectidos.

Será por que me queres mais ou por que estás en-[illegible] de mim?

Por que em tudo vês um crime que não commetti?

Ingenuidade tua, meu amigo! O ciúme é patrimonio dos irresolutos, dos fracos, dos que não têm confiança em si, no seu poder de seducção...

O ciúme... é uma especie de banho de agua fria no amor... E ha tantos amores que não se dão com agua fria...

— Porque — tu o deves saber — a agua fria tem a propriedade de matar os microbios...

E em vão procuro aquelle teu espirito irreverente que escandalizava as damas. Em vão. Só encontro ciumadas infantis de principiante...

* * *

Por isso, eu não tenho ciúmes.

Quando tu apertas as minhas mãos e me dizes: — «Meu amor, os teus olhos me recordam os de uma pequena que eu tive...», esse gesto de recúo instinctivo, esse odio surdo e repentino, não é ciúme, não...

Quando tu me confessas o desejo de ir a alguma festa, a tristeza que manifesto, a prohibição que me salta dos lábios, não é por ciúme, não...

Quando olhas com demasiada insistência para qualquer mulher bonita, os beliscões que te dou, não são por ciúmes, não...

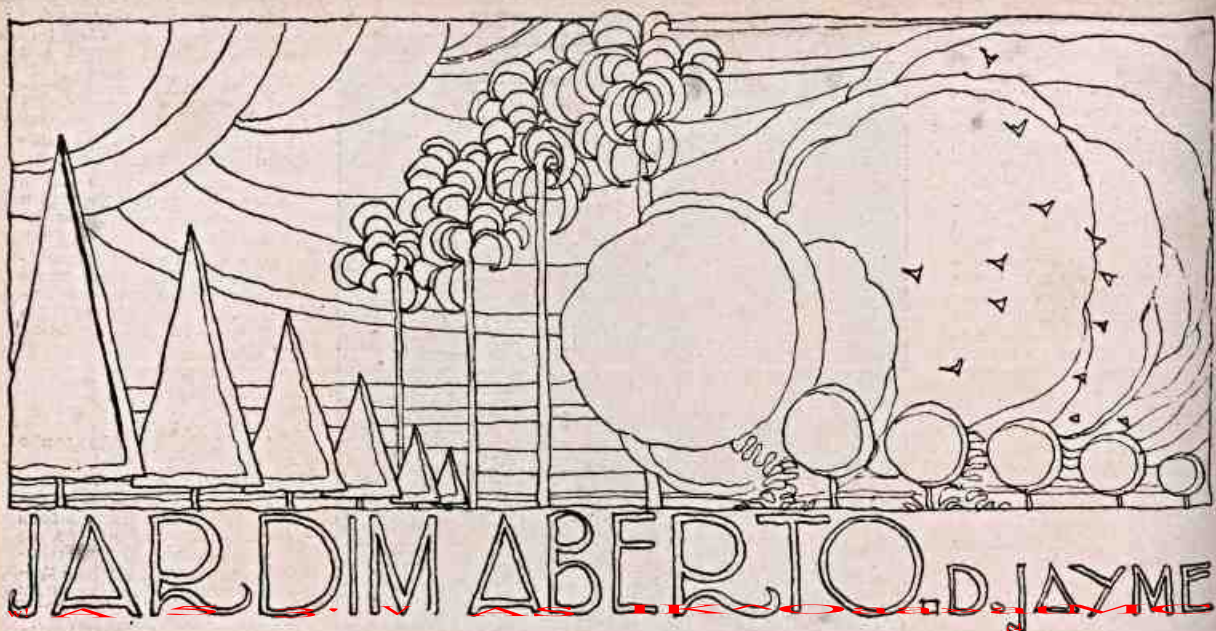
Quando falas de uma aventura passada, as minhas mudanças physionomicas não são por ciúmes, não...

Eu não tenho ciúmes...

Mas quero que tu sejas, eternamente, meu, só meu, unicamente meu!

Conchita Cid.

O dr. Laurence Bolks Thompson, de Los Angeles, California, em visita á Assistencia Dentaria Infantil Zeferino de Oliveira, onde foi recebido pelo illustre presidente dessa benemerita instituição, professor Frederico Eyer. Nessa visita, o dr. Bolks Thompson se fez acompanhar de sua exma. esposa, da senhora Mary Corbett, secretária da Associação Christã Feminina; do dr. Gustavo Lessa, do Departamento Nacional de Saúde Publica, e do dr. Alvaro Rodrigues, inspector do 8.º Districto Escolar, que tambem apparecem na presente photographia.

Um grupo de architectos promoveu, quinta-feira penultima, no Palace Hotel, um chá em homenagem ao seu illustre collega Lucio Costa, actual director da Escola Nacional de Bellas Artes e uma brilhante figura da classe. Deu motivo a essa homenagem a satisfação com que os nossos architectos receberam a nomeação de Lucio Costa para dirigir aquelle importante estabelecimento de ensino artistico e vêm acompanhando a sua actuação no alto posto.

O EVOCADOR DOS FARRAPOS

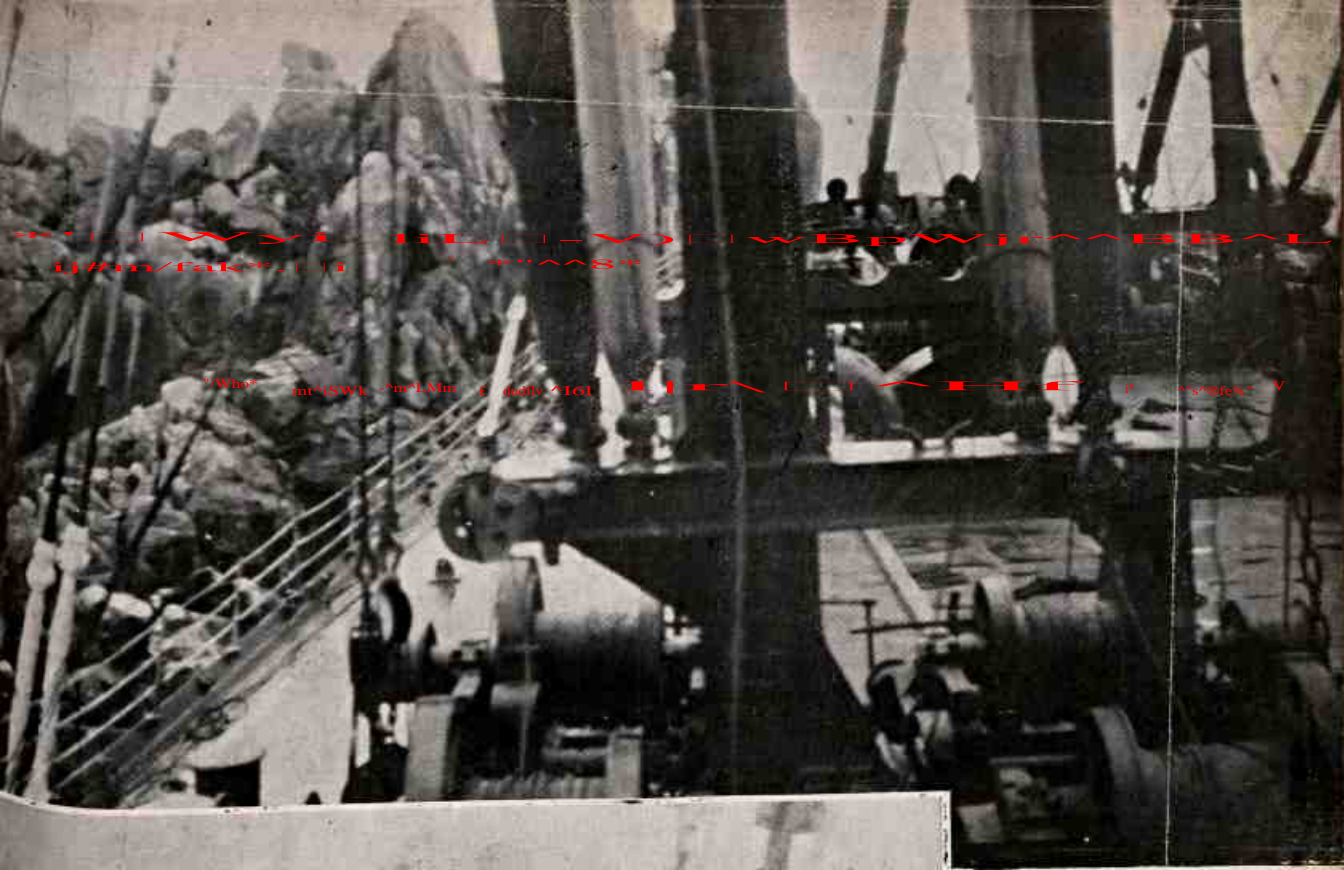
WALTER Spalding é um joven escriptor gaúcho que ultimamente se tem revelado nas letras historicas. Nascido e creado sob o sol que doura os pampas e coxilhas, mudas testemunhas das lutas dos centauros que defenderam as fronteiras meridionaes, traçando a ponta de lança os lindes de sua terra, que venceram os inimigos assanhados ou que denodadamente se bateram pelo ideal republicano, rende com a sua penna embebida de enthusiasmo um culto ardente á memoria dum passado glorioso.

A contemplação do meio physico em que se creou, a educação no trato da historia dos homens que nella nascêram e agiram, sua fervorosa solidariedade com seus maiores, formaram seu espirito no respeito e no amor dos tempos idos. E trabalha no jornal e no livro pela gloria de seu torrão natal — orgulho de seus filhos.

Entre os estudos na imprensa sobre coisas notaveis e varões illustres do grande Estado ponteiro, o moço historiador publicou recentemente, no Diario de Noticias de Porto Alegre, um que merece citação, referente ás Estancias na Formação do Rio Grande do Sul. A historia do povoamento do nosso paiz ainda está por fazer. O registo dos caminhos antigos effectuado pelo saudoso e douto Capistrano de Abreu traçou para elle novos horizontes. Os ensaios de Walter Spalding lembram quanto seria util o exame da fundação dos engenhos bahianos e pernambucanos, das fazendas de criar nordestinas e das estancias sulinas.

Walter Spalding, joven historiador e escriptor gaúcho, autor do livro «Farrapos!»

Farrapos! é um pequeno livro de contos e episodios da formidavel luta separatista travada na terra pampeana de 1835 a 1845, em que legalistas e republicanos se cobriram de gloria, infelizmente derramando sangue de irmãos. Apesar de ser uma guerra civil, não se podem e não se devem esquecer os actos de heroismo nella praticados e que a tornaram uma pagina de gloria da historia riograndense.

Walter Spalding evoca essa epopéa e o panache de seus guerreiros num estylo despretencioso e cheio de vida. Nas laudas do seu livro, dedicado á memoria de todos os heróes gaúchos, desde a conspiração de que brotou a luta até a indignação do grande Bento Gonçalves contra Onofre Pires, vivem, sentem, amam, odeiam, combatem, passam altaneiros nos seus corceis de guerra, os farroupilhas famosos. E, nesse volume que será completado por outro em preparação, já, como disse alhures Aurelio Porto, "é o Rio Grande que surge na plena maturação da sua gloria e da sua força." Bem haja, pois, o filho que patrioticamente o sabe cantar!

O DESASTRE DO «WESTERN WORLD»

Causou a mais dolorosa impressão nesta capital o desastre soffrido, na Ponta do Boi, pelo «Western World». O sinistro foi amplamente divulgado pelos jornaes. São conhecidas as condições em que elle occorreu. Felizmente, não houve victimas a lamentar. O «Western World» foi soccorrido pelo transatlantico allemão «General Osorio», que salvou os naufragos e os conduziu para esta capital. A nossa gravura reproduz o vapor sinistrado nos aspectos mais impressionantes do desastre. O «Western World» apparece montado sobre os arrecifes que occasionaram a lamentavel accidente maritimo.

COCAINA

Atraz do Amor esconde-se a Mentira.

*

Quando a gente tem o amor no coração, os olhos vivem boiando em lagrimas. Coisa ruim é o amor...

MARIOX

Trepações

O rapaz começou bem as suas aventuras de amar na mui leal e heroica cidade de São Sebastião.

Evidenciou qualidades mestras de franco atirador, pois chegou, viu e venceu.

Chegou do extremo sul, viu a bella dama, numa noite no Municipal, e venceu um coração que parecia de pedra.

Ao terminar o espectaculo, elle estava com o numero do telephone e hora marcada para a ligação respectiva.

Ao dia seguinte foi pontual, correndo ao telephone para ouvir a promessa desejada...

A dama dos sonhos delle foi além da espectativa. Talvez influencia astral... A' tarde do mesmo dia, eram vistos num restaurante *chic*, que tem pela frente o oceano magestoso.

Não sabemos explicar quaes os motivos do enthusiasmo que reinou nesse primeiro encontro.

Pareciam dois velhos camaradas, revivendo passagens de um passado feliz, prestes a ser renovado...

Entretanto, tinham se visto pela primeira vez, na vespera, no ambiente calido do nosso grande theatro.

Agora, vamos observar quanto tempo vae durar o romance...

Elle está deslumbrado com os encantos da cidade e por isso é muito possivel que sinta a necessidade de renovar emoções, colhendo aqui e ali outros sorrisos de mulher.

Ella, estamos certos, muito breve, experimentará a desillusão da sua aventura perigosa, voltando á tranquillidade do seu viver de outr'ora.

O jornalista, desde que viu *madame* no seu *maillot* maravilhoso, perdeu o senso da responsabilidade e atirou-se, como um louco...

Ella mostrou-se sensivel ao enthusiasmo do rapaz e passou a animal-o para maiores lances.

Resultou dessa approximação uma série de dias delirantes para ambos.

Davam a impressão que se queriam muito.

O nosso collega tornou a sua penna mais brilhante, bordando commentarios, historias encantadoras, pondo em tudo uma dóse de suave lyrismo.

Trazia a alma cantante e leve, pensando que *aquillo* ia durar eternamente. Mas... (sempre o fatal *mas!*) veiu um dia e a formosa dama afastou-se do Rio.

Elle ainda tinha a esperança de manter a illusão do amor que morria no coração della, pois, não comprehendia, não se apercebia da realidade das coisas. Ainda escreveu paginas intensamente vividas, espelhando duas almas que se haviam perdido num beijo, paginas que só ella comprehendia, embora tantas outras creaturas de Deus, as sentissem com emoção profunda.

Um dia, ella voltou ao Rio, e encontraram-se ao acaso. As mesmas confissões de amor, as mesmas palestras ao telephone, furtivas trocas de beijos, todos os pequeninos *nadas* que constituem o formidavel encanto dos dramas sentimentaes da vida.

Elle pensou continuar a viver aquelle sonho, dentro do sonho dos poetas: — horas delirantes de belleza, que o burguez não sabe que existem, nem scismam siquer...

Loucura vã do nosso collega, pois do outro lado restam apenas as cinzas de uma fogueira extincta.

Ella engana-o com a promessa da volta das horas côr de rosa...

Entretanto, ellas ainda não voltaram, nem voltarão jamais.

Léa Bach vae realizar, a 21 do corrente, o seu concerto de harpa. E a harpa, tangida por suas mãos finas, adquire a belleza do céo... As notas musicaes que ella arranca do seu instrumento recordam o fulgor das estrellas... E é por isto que a tarde do dia 21, no Casino Bela-Mar, deslumbrará a todos os que forem ouvir essa grande harpista catalã e as suas oito alumnas.

VERA Sergine, num lance dramatico, trazia suspensa a platéa do Municipal.

Uma profunda emoção dominava os espectadores que tinham o olhar fixo nos menores detalhes da scena.

Ao nosso lado, a elegante creatura, de espaduas núas, o collo arfante, orvalho de perolas de preços, tambem parecia dominada pela arte da grande actriz franceza.

Entretanto, qual não foi a nossa surpreza, quando percebemos o que se passava com o vizinho da esquerda.

Madame repousava o braço sobre a poltrona e o conhecido *garçon*, na mesma attitude, aproveitava o momento para acariciar as mãos fidalgas que estreitavam as suas...

A meia luz da sala permittia o gesto, sem que chamasse a attenção alheia para o caso.

Mas a nossa descoberta foi gozada, porque nem *madame* nem o sympathico vizinho perceberam que estavam sendo observados, e as *festinhas* continuaram pela noite a dentro.

Quando o velario corria e os applausos repercutiam em toda a platéa, elles tomavam uma posição recatada, como convinha a uma assistencia curiosa, por excellencia.

E quando o espectaculo terminou, cada qual partiu para o seu lado, ella na companhia do esposo, elle sonhando com a noite seguinte, para o encontro feliz das mãos que se affagam na esperança de melhores instantes...

Transportada a scena para o palco, e mantida a serenidade dos artistas, que magnifica peça theatral teria a elegante assistencia para o deslumbramento dos olhos e dos sentidos!

Que bellos comediantes! Como sabem representar, mesmo fóra da ribalta!

O ministro da Guerra, general Leite de Castro, esteve, ha dias, em visita ao quartel do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionario, onde foi recebido pelo respectivo commandante, coronel Octavio Pires Coelho, que levou s. ex. a todas as dependencias da séde daquella unidade do Exercito. Terminada a visita, o commandante do 1.º Regimento de Cavallaria Divisionario offereceu, no Casino dos Officiaes, um «lunch» ao general ministro da Guerra, que apparece nos aspectos photographicos desta pagina durante sua permanencia entre a officialidade do 1.º R. C. D.

Por motivo de sua investidura no cargo de juiz da 8.ª Vara Criminal, o dr. Afranio Costa foi homenageado, no ultimo domingo, pelos seus amigos e admiradores, que lhe offereceram um almoço, no Pão de Assucar. No grupo acima, tomado durante essa homenagem, vê-se o doutor Afranio Costa ladeado pelos desembargadores Nabuco de Abreu, presidente da Côrte de Appellação, e Alfredo Russell, e demais manifestantes.

DO CIUME

Ha quem diga que ter ciumes é ser ridiculo ou digno de compaixão.

Eu acho que essa asserção, assim tão categorica, é injusta e exaggerada.

O ciume verdadeiro não é isso. Mas, ao lado do objecto amado, a afronta ao amor-proprio de quem ama.

Quantas vezes não temos visto alguem provocar ciumes a outrem pelo simples prazer de o affligir. São pessôas que não amam nem deixam amar. Querem deixar a suspeita em quem só vive da ternura!... Não pensem que esse procedimento seja oriundo da perversidade, porque, quasi sempre, elle provém da ignorancia.

Nem todos os que se comportam daquelle modo sabem que, indirectamente, vão concorrer para a destruição lenta, ou momentanea, de idéas consubstanciadas no amor.

A duvida, para os que se amam, é como um tumulo que se vae abrir do destino a uma grande amizade, até fazel-a desapparecer de todo.

O ciume não é, pois, sentimento de desvairados; mas, quando justo, proprio de um espirito superior. Felizes dos que nunca o experimentaram com toda a sua força!

ALEXANDRE PASSOS

Engenheiro-electricista Luiz L. Lacombe, chefe do Departamento de Promoção de Vendas e Propaganda da General Electric, que acaba de seguir para os Estados Unidos, aonde vae tomar parte em varios congressos de publicidade e propaganda dos productos G. E.

A commissão promotora da fundação do Radio Club Fluminense, Estação de Broadcasting, que será installada em Nictheroy, e sua primeira directoria.

«Que significa isto?»

ESPOSAS DE MEDICOS

PRODUCÇÃO DA "FOX"

Direcção de FRANK BORZAGE

com Warner Baxter, Joan Bennett, Victor Varconi, Cecilia Loftus

O dr. Jude Penning, famoso medico, tinha por sua capacidade e dedicação á carreira que tão brilhantemente abraçára, uma enorme clientela.

Não tendo por especialidade sómente as molestias de senhoras, era comtudo mais procurado pelo belo sexo, dada talvez a sua captivante personalidade.

A volta ao peito amigo.

No Hospital Victoria, grande era o numero de clientes que o aguardava, sendo infructifero operal-o, pois que uma intervenção cirurgica fôra obrigado retêl-o no laboratorio. Terminada, caminhava o dr. Penning para sua clinica habitual, quando a sua tia Amelia o convida para jantar com ella, em sua casa,

Sentindo o bater do seu coração.

dicado affecto pelo distincto medico. Queixava se amargamente pela indifferença como era tratada pelo seu bemfeitor.

Comprehendendo o amor que lhe votava Annie, Jude propõe lhe casamento, o que se effectua rapidamente. Abnegado e fiel cumpridor de seu juramento, Jude era bem o escravo de sua profissão e tanto assim que mal entrava no talamo conjugal, vae attender a um chamado urgente. E assim foi sempre a sua vida de casado, com a qual Annie não se conformava.

Enciumada pela preferencia das mulheres sobre seu marido, ella par vezes lhe disse: "que se elle fosse chamado para ver um doente e não uma doente, talvez não attendesse com tanta presteza."

E num dos accessos de ciumes, Annie resolve abandonar o marido, certa de que elle não a amava.

Enganára-se a joven, porque Jude, embora o mesmo medico, o mesmo scientista, jamais deixára de amar tão nobre e bella creatura, que, ainda que um pouco tarde, se certificava que a esposa de um medico deverá sempre guial-o na estrada do dever, em proporcionar o lenitivo de sua intelligencia e do seu saber á humanidade soffredora. Desde ahi, sempre que era chamado, Annie só o deixava ir embora, com a condição de um beijo de despedida!

onde seria apresentado a uma gentil dama.

Seguia o seu caminho, quando, em meio da viagem, uma joven linda e muito loura pede para seguir no seu auto, porquanto seu pae morria, e era urgente a presença de um medico. Promptamente, elle se presta a soccorrel-a e qual não é a sua surpreza em vêr que o doente era um seu amigo. Não supportando os soffrimentos, o bom homem exhala o seu ultimo suspiro, deixando Annie entregue aos cuidados do dr. Calucci, tambem amigo do Jude.

Interpretando bem o pedido feito pelo seu fallecido collega, Calucci obtem de Penning que auxilie Annie, e é attendido, porque passou a trabalhar no laboratorio, como sua ajudante. Desta convivencia diaria, nasceu no fragil coração de Annie um forte e de

Apanhados... em situação «difficil».

"MINHA NOITE DE NUPCIAS"

Film da Paramount

com

Beatriz Costa

Leopoldo Fróes

Estevam Amarante

PARIS. Praça da Opera. Esquina do Café de la Paix. A formosa e elegante Gilberta, cortando o caminho entre milhares de transeuntes e com os olhos fixos nas taboletas das lojas, procura o «Instituto de Belleza» do dr. Pompadour. Procura-o, naturalmente, com a avidez feminina de quem se quer tornar ainda mais bella! Mas, desapontada por não o encontrar, Gilberta dirige-se a um policia.

— Por favor, diz-lhe ella. Pode indicar-me onde fica o Instituto de Belleza do dr. Pompadour?

O Policia sorriu com um ar meio desconfiado e respondeu amavelmente:

— E' para a senhora?

— Sim! Por que pergunta?

— Por que a senhora é bonita... demais!

— Lisonjeiro! Mas indique-me o caminho!

— Francamente... não sei. Eu não frequento Institutos de Belleza!

E o policia continuou seu caminho, retorcendo o grande e bem cuidado bigode.

Beijo roubado.

A resaca.

Um rapaz sympathico aproxima-se. Chama-se Raul! e pede-lhe desculpa por se tornar indiscreto, mas elle sabia onde era o Instituto de Belleza do dr. Pompadour.

— Está alli em frente, disse-lhe elle, á esquerda, e como eu não tenho nada que fazer em Paris, posso acompanhal-a.

— Não é preciso, redarguiu Gilberta.

— Muito bem! acompanhal-a-ei!

E acompanhou-a!

— E' aqui, indicou elle.

— Muito agradecida!

— Quer que a espere?... indagou elle.

— Não é preciso!

— Muito bem! Acompanhal-a-ei!»

E esperou-a! Mas quando Gilberta sahiu do Instituto de Belleza, uma hora depois, toda perfumada pelas essencias e glicerinas das massagens, não vinha só. Dona Jeronyma, com sua filha Julieta, vinham atraz della.

A surpreza foi grande para Raul... Havia alguns dias que elle pedira Julieta em casamento!

— Raul, que fazes aqui?... perguntou-lhe a noiva.

— Esperava-te!... respondeu cynicamente o descarado Raul.

— Mas como sabias que eu estava aqui?

— Eu tenho o dom de prever certas coisas! Tua mãe ainda tenciona levar-te para Czecho-Slovakia?

— Sim, vamos em viagem de férias! Iremos para uma praia de banhos frequentada por gente «non-plus-ultra». Millionarios que mascam «chicle», escriptores cosmopolitas, compositores de musica, cujas cançonetas são cantadas simultaneamente em Paris, Nova York, Berlim e Vienna, velhas damas que querem remoçar e rapazes que aspiram a fazer casamentos ricos...

— Não ha mais remedio, concluiu dona Jeronyma, do que irmos para Karlsvak! Raul, você não vem comnosco?

— Sim... mas somente daqui a uma semana! Conforme sabem, eu quero editar as canções do meu amigo Claudio, e tenho muito que fazer esta semana.

* * *

Claudio, o joven e elegante compositor de musica sempre requestado pelo bello sexo, tambem vae para Karlsvak. Raul acompanha-o, e, como sempre, o thema da conversa é o mesmo: A mulher! Claudio confessa que está sendo victima de demasiadas at-

tenções por parte do sexo fraco! Já está farto de beijar boccas francezas, boccas hespanholas, boccas de Berlim, boccas de cantoras celebres e de actrizes mais celebres ainda...

— Pois eu, replicou Raul, seria feliz se isso me acontecesse a mim!

— Julgas que sim?

— Naturalmente! A mulher sempre é para mim uma agradavel... aventura!

— Então toma os meus cartões de visita e dize a todo o mundo que tu és «eu» e que eu sou «tu»! Conseguirás assim todos as entrevistas femininas que desejares... e eu poderei descansar!

* * *

O trem pára numa estação. Raul apeia-se para comprar jornaes e contempla a paizagem, que é deveras original. Os habitantes falavam um dialecto incomprehensivel... porque elle não sabia falar checo! A villa onde elle se achava tornara-se celebre por facilitar... casamentos! O alcaide casava qualquer par sem exigir nenhum documento.

Está claro que Raul não sabia disso e também não sabia que no mesmo trem viajava a formosa Gilberta, que elle tanto admirara no seu encontro na Praça da Opera, em Paris. Gilberta tinha ido passar um telegramma e encontra-se com Raul.

— A minha «conquista» de Paris!... exclamou ella. Seremos nós, por acaso, companheiros de viagem?

— Por acaso, não! «Por amor!»

— Lisonjeiro! Mas... você sabe falar checo?

— Nem palavra!... Mas olhe, lá se vae o nosso trem!

O trem partiu e desappareceu num tunnel. Gilberta e Raul ficaram boquiabertos. Teriam que passar a noite num hotel e ella nem sabia quem elle era. Vira-o em Paris, mas nem sequer sabia o seu nome.

— Como se chama? — perguntou ella.

— Cláudio Mallet, compositor de canções populares!

— Ah! — exclamou Gilberta — você é o autor de minhas cançõea favoritas.

— E a senhorita é a autora de minhas inspirações!

— E' tão bonita a sua musica! suspirou Gilberta, lançando-lhe um doce olhar.

— Obrigado pelo seu elogio, mas nós temos que indagar quando sae o proximo trem. Vamos perguntar ao chefe da estação.

Ao ser interrogado, o chefe sorriu, e articulou varias palavras no seu idioma. Notando que nem elle nem ella o comprehendiam, fez-lhes signal para o seguirem. Atravessaram a rua e entraram num edificio que se parecia com uma repartição qualquer, cujo chefe lhes fez um discurso indecifrável e lhes pediu para assignarem seus nomes num grande livro. Feito isto, consultou um diccionario e disse:

«Passe de largo!»

— Estão casados e desejo que tenham muitos filhos!

— Ah, foi isso! Pois então trate de divorciar-nos! bradou Gilberta, indignada.

* * *

A noite é bôa conselheira, e Raul, depois de muito reflectir, resolveu entregar o seu a seu dono. No registo de casamentos figurava o nome de Claudio, por quem elle se fizera passar, e não o delle. Julieta, sua noiva, nunca lhe perdoaria, e o mais prudente era, portanto, entregar Gilberta ao seu legitimo marido.

Entretanto, Cláudio, que já estava em Karlsvak, teve uma surpreza que nunca poderia esquecer. Melusina, uma linda morena que gostava delle, entrou inesperadamente e disse-lhe:

— Lê a noticia do teu casamento neste jornal! Olha!

E Cláudio leu o seguinte:

«O nosso correspondente em Ostuzsil - Lungumare communica-nos que contrahiram hontem matrimonio naquella localidade a estrella de cinema Gilberta Landry com o maestro Cláudio Mallet.»

— Isto, disse Claudio sorrindo, não passa de simples publicidade. Foi Raul quem inventou isto! Como sabes, Melusininha, Raul é o meu editor.

— Não acredito! Você casou-se quando passou por lá!

(Conclue na pag. 52)

O pômo prohibido.

VIBRANTE!
AMOROSA!
JOVIAL!
DRAMATICA!
JOAN
CRAWFORD
COM
LESTER VAIL
CLARK GABIE
UKELELE IKE
(CLIFF EDWARDS)
e WILLIAM
BAKEWELL
em
"QUANDO O
MUNDO DANSA..."
(Dance Folls Dance)
QUINTA-FEIRA,
PALACIO-THEATRO
(da Companhia Brasil
Cinematographica)
O LEÃO DA METRO GOLDWYN MAYER
REAL MAGESTADE DA TELA

O QUE É PRECISO SABER...

Os descobridores da America

Se as actuaes ilhas atlanticas — Santa Helena, Ascensão, Gough, Tristão da Cunha e muitas outras são, realmente, as cúspides emergentes de um vastíssimo continente desapparecido, o Novo e o Velho Mundo já teriam estado em communicação por caminhos de terra firme. E' muito provavel, então, que as primitivas civilizações orientaes tenham tido noticias das terras que, mais tarde, permaneceriam ignoradas, durante seculos s seculos, á espera de que, alguém, europeu ou asiatico, sahisse ao seu encontro para annuncial-os ao mundo.

Quatrocentos annos antes da nossa era, Platão, em suas obras, fala da existencia de outras terras que se estendiam para além dos paizes conhecidos.

Bradford, estudando os monumentos americanos, anteriores á chegada de Colombo ao Novo Mundo, descobriu e reconheceu certas affinidades entre as populações destas terras e a civilização egypcia e a etrusca, na peninsula italica. Por outro lado, não se pode chegar a uma conclusão definitiva assegurando que os pelles vermelhas pertencem ou descendem das raças que povoaram a bacia do Mediterraneo, porque tambem se descobriram notaveis affinidades entre os indigenas da America do Norte, os chinezes e os mongoes.

Procedentes da Europa ou da Asia, o que é certo é que os primitivos habitantes do Novo Mundo ficaram esquecidos até nas lendas e na mythologia.

A quem, porém, cabe a gloria de haver descoberto a America?

Ao que parece, os primeiros europeus que novamente se puzeram em contacto com a America foram os norueguezes, os activos navegantes da peninsula escandinava.

Não ha duvida de que nos periodos iniciaes da Idade Média os norueguezes alcançaram a frigida Islandia, a inhospita ilha tangente do circulo polar arctico. Da Islandia, através do estreito da Dinamarca, chegaram á Groenlandia, a Terra Verde dos gelos e dos musgos. Alli, então, Leif, filho de Henrique, o Vermelho, ouviu da bocca de Biorn, filho de Eriulo, a descripção de logares ignorados que havia descoberto em suas viagens. A partir daquelle momento, Leif quiz conhecer aquellas paragens e adquiriu o barco de Biorn, pondo-se logo em marcha com trinta e cinco companheiros.

Os audazes descobridores navegaram rumo ao sul, procurando as aguas mais difficeis do globo, naquelle tempo, e, ainda hoje, quando, apesar de todos os progressos nauticos conseguidos, as difficulades que esses mares offerecem á navegação ainda não foram totalmente eliminadas. O filho de Henrique, o Vermelho, e seus companheiros de aventura tiveram que lutar desesperadamente contra o vento, o frio, os gelos, os icebergs monstruosos e a neve, dando á sua empresa todos os caracteres de uma nova odysséa.

Vencidos todos os obstaculos, chegaram ás terras novas e, ao desembarcar, reconheceram que se achavam numa ilha immensa, a que os gelos cobriam de uma tonalidade opalina. Verificaram que ahi não havia nem homens nem animaes, e que sequer não existiam vestigios de vegetação: estavam sobre terras inhospitas, authenticos e silenciosos dominios da Morte. A região foi denominada Helluland ou Terra Alta.

Assim, Leif seria o primeiro europeu que conseguiu alcançar as costas da America. Ainda que admittissemos tal conclusão, calcada em mera hypothese, mais ou menos bem fundamentada, porém de modo algum comprovada como irrefutavel, não poderiamos, mesmo a titulo de pilheria, attribuir ao navegante norueguez o merito do descobrimento da America.

— Vim buscar outro exemplar do mesmo livro que levei hontem. Deve ser maravilhoso, porque meu pae, assim que o viu, atirou-o ao fogo.

— Não costumo dar esmolas, mas dar-lhe-ei um bom almoço, si me limpasse bem este tapete...

— Não teria outro menorsinho?... Para falar a verdade, não estou com tanta fôme assim...

Escriptores e Livros

HA quem affirme existir uma crise de escriptores e de livros. Entretanto, o commercio de livros não cessa, prova da existencia de escriptores...

Consequentemente, existe tambem leitores. A criação desta secção está justificada, e ella apparece de accordo com a feição ligeira de FON-FON.

O nosso intuito, porém, não reside no exercicio da critica pura. A critica literaria, á maneira antiga, tornou-se intoleravel.

Por isso, limitaremos a nossa funcção a um registro acerca do movimento literario nacional e estrangeiro.

Seguindo os processos modernos, havemos de orientar os leitores de FON-FON, na procura dos livros de sua predilecção.

E' claro que essa orientação será feita através do senso critico, tarefa ardua, mas, possivel de ser executada com escrupulo.

Benjamim Lima, uma intelligencia das mais cultas que têm exercido, no jornalismo carioca, a critica literaria, certa vez fez-me uma observação interessante, a proposito dos muitos aborrecimentos experimentados na sua profissão.

Em regra, o cavalheiro que escreve um livro, deseja que o critico escreva outro volume sobre o escriptor, disse-me elle.

E' facto. Principalmente os amigos...

Dizer muito em poucas palavras, eis o nosso proposito. E' difficil, bem o sabemos. Porém, o espirito moderno não admitte outra coisa.

MARIO POPPE.

Adonias Lima — A VICTORIA DO FEMINISMO. (O problema sexual.) — Editora Moderna — Rio — 1931.

A necessidade sexual, nos mais variados aspectos, é um estudo attrahente. As fórmas superiores do amor seduzem, despertando a curiosidade de quantos têm da vida a comprehensão da sua sublime perfeição, aos que se habituaram a pesquisar os phenomenos á luz da meridiana verdade.

Adonias Lima, um *emancipado* dos preconceitos sociaes, escrevendo o seu livro, não quiz, evidentemente, pôr-se em contacto com o grosso publico, preferindo entreter relações com o reduzido numero de estudiosos da nossa terra.

Frisando a ousadia das idéas do autor, devemos acentuar tambem que o meio brasileiro, infelizmente, ainda não está preparado para recebel-as.

A primeira parte do livro contém os seguintes capitulos: I, Origem do casamento e da familia; II, A Mulher; III, Amor e paixão; IV, Monogamia livre.

A segunda parte (elementos de sociologia applicada) está assim dividida: V, A caridade; VI, A estatua; VII, A bandeira; VIII, Megalomanos e cabotinos; IX, O atheu e o crente em face da morte.

Adonias Lima, magistrado illustre, é o actual presidente da Academia de Letras do Ceará.

**Teofilo Leal — FREI MIGUELINHO
Rio — 1931**

O autor appareceu em 1922 com o livro *Adalgiza*, romance doutrinal e allegorico, como aprouve denominar o seu trabalho, que reconstitue episodios da independencia do Brasil.

Agora, estudando os aspectos politicos e moraes do tempo de D. João VI, explora a novella historica, com suggestivos commentarios á margem.

Tanto no primeiro volume como no actual, o autor faz apreciavel exhibição da sua cultura, mostrando-se um apaixonado dos acontecimentos que marcam a nossa evolução historica, a par do perfeito manejo da lingua.

Isto não surprehende, pois o sr. Teofilo Leal é filho do Maranhão, terra que tem sabido manter os primores do portuguez escripto e mesmo falado.

Frei Miguelinho não será um livro do agrado da geração actual, desfibrada, quasi amorpha...

Entretanto, será lido por quantos se interessam pelos destinos da nacionalidade.

**Beatriz Ferreira — AZAS — Recife
1931**

SÃO uma realidade as letras femininas no Brasil. As mulheres entenderam provar aos homens a nenhuma razão dos que proclamavam a sua inferioridade no campo da actividade mental.

Beatriz Ferreira, no pequeno livro que encerra os seus poemas, revela a belleza da sua alma de mulher animada de forte talento.

Sonhei um dia com a Subida,
quiz sentir a volupia
da Escalada...
e vi que do Alto como de baixo é a mesma
a vida
— azas, anseio, sonho, nada!...

Este doce pessimismo desapparece, entretanto, no decorrer do livro, e a leitura de *Azas* deixa-nos a impressão derradeira da encantadora sensibilidade da poetisa pernambucana.

Custodio de Viveiros — AS EVASIVAS DO CAPITAL ANTE A INVESTIDA DO TRABALHO — Rio — 1931

CUSTODIO de Viveiros, autor de dois romances, jornalista, apresenta, no recente trabalho, uma nova face do seu talento. Trata-se de um ensaio sobre materia demasiadamente complexa e que, por isso mesmo, exigia criterio mais seguro na exposição dos diversos assumptos explorados. Eis o summario do livro: A questão social e o problema do trabalho no Brasil. — As grandes industrias do Brasil... — Trusts, Cartels e Syndicatos. — A lei dos Syndicatos. — Os falsos mandatarios do povo. — O Brasil é um grande hospital. — Brasileiros hospedes do Brasil... — O trabalho de menores e um codigo que nunca foi applicado. — A mulher e o trabalho que a inutiliza para a vida. — Accidentes no trabalho. — Lei de férias. — O Communismo, isca de imbecis, e a Realidade que ninguem quer ver...

Martha de Hollanda — DELIRIO DO NADA — Recife — 1930

OS poemas em prosa, de Martha de Hollanda, constituem uma revelação. A autora conseguiu escrever um livro original, onde ha traços do seu temperamento pessoal, livro encantador, cuja leitura é feita de uma assentada.

Martha de Hollanda se destaca nitidamente entre as grandes talentos femininos ultimamente apparecidos.

Talento e cultura, belleza e mocidade, se reflectem nas paginas do *Delirio do Nada*.

E para maior encanto do livro, as illustrações de José Borges (Zuzú) aprimoram a edição.

**Mario Brandão — ALMAS DO OUTRO MUNDO — Graphica Ypiranga — Rio
1931**

EM um volume de cento e dez paginas, o autor reuniu dez contos typicos regionaes, escriptos com relativa facilidade. Mario Brandão é da Bahia, apparecendo pela primeira vez o seu nome em livro.

O genero explorado requer talento, pois, caso contrario, a leitura torna-se monotona.

O autor consegue interessar, o que, sem duvida, é uma grande victoria para um estreiante.

Mario Poppe

NOTAS DE ARTE

DE OSCAR D'ALVA

GUIOMAR NOVAES — Mais uma vez Guiomar Novaes commoveu, emocionou, arrebatou o publico e a critica do Rio de Janeiro, interpretando, como só ella sabe interpretar, com arte excepcional, composições de autores varios: classicos, romanticos e modernos. Ouvimol-a no T. M., na tarde de 8 de agosto em — *Preludio em sol menor*, para orgão, de Bach-Siloti; *Sonata em lá*, de Mozart; *Sonata em si bemol menor*, *op.* 35, de Chopin; *Minha Terra*, de Barroso Netto; *A fada do bosque*, de Lorenzo Fernandez; *Suite* (a Guiomar Novaes Pinto), de Francisco Mignone; *10.ª Rhapsodia*, de Liszt. Além dos numeros do programma, tocou ainda, como extra, *Estudos* e *Mazurkas* de Chopin, *Gaivota* de Gluch-Brahms, uma peça de Debussy e, afinal, a *Fantasia sobre o Hymno Nacional Brasileiro*, de Gottschalk.

Tudo foram primores. Mas, se, no meio de tantas bellezas, em que a interprete tornou ainda mais bellos os poemas que interpretava, é licito destacar algumas, destaquemos as *Sonatas* de Mozart e de Chopin. Era de ouvir-se a phrase mozartina abrolhar do teclado pura, purissima, com a perfeição requintada de uma joia antiga. E se as houve foram manchas de nada. Nem uma falha; nem uma sol. E que incomparavel esplendor fulgurou na *Sonata* de Chopin, a celebre sonata da *Marcha Funebre*! A pianista excedeu-se a si mesma. Foi sem favor collaboradora do grande poeta do som, tornando mais bello, mais sublime o maravilhoso poema. A opinião dos que discordam modifique o interprete as obras dos musicos, dando-lhes feição nova, é perfeitamente acceitavel, quando se trata de enxertos da mediocridade executante, mas não das collaborações geniaes. Para estas não foi, nem podia ter sido escripto o conselho de Schumann, segundo a traducção de Liszt: " *Considerer comme quelque chose d'odieux de changer quoi que ce soit aux oeuvres es maitres, d'y rien omettre ou d'y ajouter du nouveau. Ce serait la plus grande injure que vous puissiez faire a l'art.*" Por isso só temos louvores para os empolgantes effeitos accrescidos á *Sonata* de Chopin pela genial pianista. Presente ao vesperal, Chopin têl-a-ia applaudido. Diria como Saint-Saens vendo Pavlova dançar o *Canto do Cysne*: Guiomar Novaes deu mais belleza ás bellezas do meu poema.

Outra opinião que nos parece improcedente é a de censurarem alguns profissionaes a execução do *Hymno Nacional*, de Gottschalk, depois de cada audição da grande artista, e de ouvil-o de pé todo o auditorio, como se fôra a propria composição de Francisco Manoel. Além de ser, no genero, peça digna da fama que a exorna, a *Fantasia* de Gottschalk é de inestimavel valor, quando executada pelas mãos cantantes de Guiomar Novaes. Ouvindo-a parece que os Estados Unidos e o Brasil, entrelaçados pela inspiração creadora de Francisco Manoel e pelo estro fantasista de Gottschalk, recebem e retribuem as homenagens da grande musa do teclado. E nesse instante festivo, nesse momento cultural, nada mais natural que toda a sala fique de pé, homenageando as duas patrias, e á medianeira que nos extasia, que nos empolga com o seu genio pianistico.

E' escusado dizer que o Municipal apresentava grande concurrencia e que foram abundantes as palmas e os bravos á excepcional, á divina interprete do piano.

ROBERTO TAVARES — Na tarde de 5 de agosto, no T. M., apresentou-se pela primeira vez á platéa do Rio o joven pianista Roberto Tavares, discipulo no Brasil de d. Heloisa Tavares e Leão Velloso, e, na Italia, de Carlos Zecchi. Executou este programma: Scarlatti — 2 *Sonatas*; Bach-Bussoni — *Chaconne*; Schumann — *Fantasia em dó maior*, *op.* 17; H. Oswald — *Chauve-Souris*; Debussy — *Les Collines d'Anacapri*; Pick-Mangiagalli — *Dança d'Olaf*; Chopin — *Scherzo em si menor*, *op.* 20; *Ballada em sol menor*, *op.* 23; *Poloneza em lá bemol maior*, *op.* 53.

Auspiciosa estréa. Sob todos os aspectos mostrou-se o pianista capaz de ser amanhã notabilidade na sua arte. Sempre correcto, sobresahiu desde o primeiro ao ultimo numero. Mas agradou-nos especialmente na technica e na expressão que revelou nas *Sonatas*, em *Chauve-Souris*, *Las Collines d'Anacapri*, no *Scherzo*, e sobretudo na *Dança d'Olaf*, que arrancou do auditorio os mais ruidosos e expontaneos applausos que recebeu em todo o recital. Ouvindo-o, sente-se logo que o moço virtuose é essencialmente uma pianista de bravura. Mostrou-o bem a execução da *Poloneza*. Talvez pelo genero da peça, e não pelo processo interpretativo, não agradou como devera agradar a *Fantasia* de Schumann, não obstante o pianista ter-se esmerado em sua execução.

Não ha duvida de que o Brasil conta mais um pianista de escól; o que não é muito commum. Entre nós o que mais floresce são *as bôas* e não *os bons* pianistas. Roberto Tavares *faz* excepção á regra.

LUIZ EDMUNDO E EROS VOLUSIA — Não fugindo á chapa para não fugir á verdade, começamos dizendo que era numeroso o auditorio que superlotava o salão nobre da E. N. B. A. na tarde de jovedia, 5.ª-f., 6 de agosto, para ouvir Luiz Edmundo historiar e ver Eros Volusia executar — *As danças do Brasil antigo*. Foi bella festa de arte. Luiz Edmundo, revelando mais uma vez os estudos historico-estheticos a que se tem consagrado, deu-nos numa rapida vista a evolução choreographica, e em particular o que se dançou no Brasil de 1500-1800. A *pavana*, a *goivota*, o *minuetto afandangado*, o *jongo*, o *fandango*, a *fôfa*, o *lundú*, e uma *dança indiana* — foram descriptas com vigor pelo conferente e vividas com belleza pela dançarina. Eros Volusia dançou com muita arte, e arte intuitiva, arte pessoal, todos os bailados. Foram bisados a *dansa indiana*, o *jongo* e o *lundú*. E o mereceram pela perfeição com que os interpretou o talento moço da juvenissima bailarina. Mas, francamente, não nos enthusiasma ver e ouvir como typos da dança brasileira, os choréas do selvagem e do africano, as danças do populacho. A dança, como a musica brasileira, a arte emfim do Brasil não é só a arte dos incultos; de indios e pretos. O que fez a civilização brasileira foi o elemento occidental. Basta lembrar que o brasileiro não fala nem *guarany*, nem *mandingo*, ou outras quaesquer linguas de caboclos e de negros mais ou menos incultos, mas lingua de civilizados, lingua occidental, o portuguez. De sorte que nunca é demais accentuar que as manifestações inferiores da arte brasileira são apenas arte plebléa, mas não caracterizam toda a arte brasileira. Assim o *lundú*. Através das interpretações de Eros Volusia tivemos a visão da marcha retrograda da dança. Da *pavana* ao *lundú* ha involução em vez de evolução. E como as danças dos civilizados contemporaneos — estão mais proximas da ultima, que da primeira — a dança retrogradou em vez de progredir. Por isso mesmo o publico applaudiu mais o *jongo* e o *lundú*, do que a *gaivota* e a *pavana*.

Essas restricções — é inutil dizel-o — nada têm que ver com a narrativa verdadeira e brilhante de Luiz Edmundo nem com a interpretação eloquente de Eros Volusia. A ambos applaudimos com sinceridade e fervor. O conferente e a dansarina, deram-nos momentos de agradaveis, de fortes impressões estheticas. Assignalamos especialmente a digressão de L. Ed. sobre o *minuetto*, illustrado com versos de Julio Dantas, e sobre procissões coloniaes, onde as crenças christãs e fetichicas se amalgamavam no mesmo cerimonial; e as danças de E. V. a *pavana*, a *indiana* e a *fôfa*, executadas com bella expressão rythmica e plastica.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL — Na tarde de 26 de julho, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, realizou o C. A. M. o seu 84.º concerto.

A pianista senhorita Laura Bevilacqua Barroso Netto, a quem ouvimos pela primeira vez, revelou sentimento e gosto, tocando — *Impromptu*, 2 *Mazurkas* e 1 *Preludio*, de Chopin; *Serenade of the doll* e *Golliwogg's cake walk*, de Debussy; *Tango*, de Albeniz; *Rhapsodia n.º* 13, de Liszt.

O violinista sr. Romeu Ghipsmann emocionou mais uma vez os que já o sabem violinista de escól, executando *Melodia* e *Cançoneta*, de Tchaikowsky; *Fantasia Oriental*, de Wieniawsky; *Fantasia de concerto*, de Rimsky-Korsakow.

A cantora, senhorita Luiza de Lacerda, patenteou os seus bellos dotes vocaes, em *O cessate de piagarmi*, de Scarlatti; *Danza, danza fanciulla*, de Durante; *O jours bénis de l'âge d'or*, de Brahms; *Les cloches*, de Debussy; *La bas vers l'église*, de Ravel; *Canção da saudade*, de Barroso Netto.

Mario de Azevedo brilhou, como sempre, nos acompanhamentos ao piano.

Todos os interpretes receberam muitas e merecidas ovações. Destacamos especialmente a interpretação das peças de Debussy e do *Impromptu*, de Chopin; da *Cançoneta*, de Tchaikowsky e de *Danza, danza fanciulla*, de Durante.

— Bello capote de pelles! De que animal é?

— Meu, homem! De quem queria que fosse?

UMA HISTORIA

De Pierre Valdagne

João Froidard é mais velho do que eu. E eu experimento um certo prazer em conviver com elle, porque, com esta natureza que possuo (estão vendo que nada lhes occulto), me sinto orgulhoso de haver nascido depois de João Froidard. Ah! ...

Mas, si eu me alegro de ser um pouco mais moço do que João Froidard, este, no emtanto, tem orgulho de ser velho. Sustenta, por exemplo, que conhece muito mais a vida do que eu, porque viu muito mais coisas do que eu, e tira disso argumento para contar-me uma infinidade de historias que succederam a pessôas que elle conhece.

A ultima historia de meu velho amigo é esta. E' preciso que remontemos a quinze annos atraz. Era, pois, em 1916.

Foi durante um banquete que Froidard se encontrou com o casal Rouval (M. André Rouval e Luisa Rouval, sua joven esposa) que conhecia com grande intimidade. Conhecia, sobretudo Luisa Rouval. Fôra amigo de seus paes, vira-a pequena e continuára vendo-a depois de casada. Ella o divertia muito. Luisa era viva, espiritual e, sobretudo, bonita. Seu marido, André Rouval, não era nem alegre nem triste, mas não deixava de ser um bom rapaz. Um casal commum.

Mas, nesse banquete, quando era servido o café, no salão, Froidard divisou Luisa Rouval, que palestrava com outras mulheres e parecia particularmente alegre. Estava mais bonita que nunca, com um ar de rapaz (as mulheres, entretanto, ainda não cortavam o cabello, nesse tempo...) desenvolto e um pouco provocador.

Luisa Rouval fez um pequeno signal a seu velho amigo Froidard, que foi sentar-se no grupo. Bem depressa as mulheres se dispersaram. Luisa e Froidard ficaram sós. Conversaram um momento e, depois, Luisa Rouval disse, com um encantador sorriso nos labios:

— Agora, meu querido amigo, quero apresentar-lhe meu noivo.

— Hein? — exclamou Froidard.

— Vae conhecêl-o — continuou madame Rouval. — E' um homem bastante agradavel.

Froidard riu e falou:

— Você tem as sahidas mais inesperadas que conheço, querida Luisinha. Apresente-me, pois, a seu noivo, como diz. Terei muito prazer em conhecêl-o.

Então, madame Rouval assestou seus olhos nos olhos de Froidard, e disse:

— Pensa você que estou pilheriando?

— Não. Absolutamente!

— Pensa, pensa... Você suppõe que é uma pilheria minha.

— Não, não — protestou Froidard. — Apresente-me a esse noivo, querida senhora Rouval. Já o apresentou a seu marido? Parece-me que isso é indispensavel. Elle tambem não tem voz e voto no capitulo?

Luisa Rouval, porém, não dissimulava sua impaciencia. Batia no chão com o pé e parecia procurar alguem entre as pessôas que a cercavam. Afinal, deu a entender que o havia encontrado.

— Decididamente, não quer acreditar em mim? Pois bem. Vae ver.

Fez um pequeno signal, e Froidard viu avançar para elles um moço de cerca de trinta annos, elegante e solicito.

— Meu querido amigo — disse Luisa, dirigindo-se a Froidard — permitta-me que lhe apresente o senhor Sigismundo Lerat, **meu noivo**.

E, voltando-se para o rapaz:

— Meu velho amigo, João Froidard, que quasi me viu nascer.

M. Sigismundo Lerat inclinou-se. Tinha o rosto extremamente serio.

Novamente a sós com Luisa, Froidard perguntou:

— Emfim, que quer dizer tudo isto?

— O que lhe disse. Fiquei noiva de Sigismundo. Adoro-o.

— Mas você tem um marido, Luisa.

— Sim. Vou prevenir-lhe esta tarde.

— Elle não sabe nada de seus projectos?

— Nada, absolutamente nada, até agora. Divorciar-me-ei e casar-me-ei com Lerat.

— Diabo! Não o deixa para amanhã?! Divorciar-se e casar-se de novo!...

— E por que não? Então ainda se espera, quando se tem toda a vida á nossa frente?

— Pois bem — disse-me Froidard. — Occorreu tudo como havia decidido essa louquinha da Luisa. Não sei como arranjou as coisas; mas o facto é que se divorciou. Seu marido ainda pagou as custas. E ella casou com seu bom Sigismundo.

— E' tudo — perguntei a Froidard.

— Não, porque ahi só está o principio. E vae você, afinal, encontrar a prova de como é excellente ser velho, pois assim podemos conhecer o fim das historias.

"Embora Luisa se tenha transformado em madame Lerat, nem por isso deixei de continuar a vêl-a frequentemente. Ainda mais: tornei-me intimo de Lerat. Haviamos encontrado um gosto commum pelas velhas estampas. Visitavamos as casas de antiguidades.

"O tempo decorria. Luisa parecia muito feliz em seu casamento. Continuava bonita, embora se lhe notasse que envelhecia um pouco. Santo Deus! Pouco a pouco, eu percebi que meu amigo Sigismundo, sob o pretexto de que ia á procura de velhas gravuras, sahia de casa bem cêdo e só voltava muito tarde. Convidava-me menos que antes.

"Um dia (eu havia almoçado em casa de Luisa), Sigismundo me pareceu ainda de melhor humor do que de costume. Luisa acabava de sahir para algumas compras. Sigismundo terminava seu cigarro. Bruscamente, se levantou e, presa de uma expansão de amigo, me bateu nas costas e me disse:

"— Meu velho amigo Froidard: eu gosto muito de você. Assim, quero que participe de todas as minhas alegrias... e, desde que é um homem de gosto, me seria agradavel conhecer sua opinião a respeito de algo que me interessa. Trata-se de uma joven preciosa que lhe quero apresentar: mlle. Etiennette Ragarry. Vamos a sua casa?

"— Mas, Sigismundo... E sua mulher?

"— Eu gosto muito de Luisa, creia. Mas Etiennette... você vae ver!"

João Froidard concluiu:

— Assim, a quinze annos de distancia, eu fui testemunha de circumstancias semelhantes, embora as coisas houvessem mudado. Desse modo, pense, meu amigo, que adquiri um certo scepticismo. Qualquer coisa que succeda, é melhor esperar, para julgar de um acontecimento e tirar consequencias delle, por isso que é provavel que, um bello dia, occorra o contrario.

— Juro-te que não! Felizmente, ainda estou solteiro!

Mas Melusina não acreditou, e para desafogar seus nervos, principiou a quebrar tudo que encontrava. Tres jarras de porcelana voaram contra a parede e fizeram-se em fanicos. Uma grande lampada electrica teve o mesmo fim. E se o seu amigo Isão Pestana não tivesse entrado naquelle momento, Melusina teria destruido a casa inteira. A Isão coube a gloria de acalmal-a, mas não sem levar com um jarrão pelas costas.

Foi neste momento critico que entraram Raul e Gilberta.

— Que te aconteceu na estação?... perguntou Claudio, ao ver Raul.

— Toda uma historia, contestou Raul.

— Conta-me tudo!

— Trata-se de uma senhora casada...

— Casada com quem?... interrogou Claudio.

— Comtigo! Aqui está ella! Chama-se Gilberta!

Claudio, primeiramente zangado, principia a rir. Notara que Gilberta era formosissima.

— E tu, Raul, que papel representas nisto tudo?... indagou Claudio.

— Eu sou um amigo da familia!

— Seu amigo Raul, disse Gilberta, explicou-me tudo! Eu sei que você, Claudio, é um celebre compositor de musicas populares! Pelos seus olhos posso ver que você tem inspirações divinas!

— Mas agora os meus olhos, redarguiu galantemente Claudio, estão olhando para a senhora.

Raul, porém, não estava satisfeito. Gilberta e Claudio demonstraram logo á primeira vista que gostavam um do outro. Isso não lhe convinha. Julgou que Claudio se zangaria ao ver uma esposa desconhecida entrar-lhe assim, sem mais nem menos, pela casa. E depois de zangados, elle, Raul, teria bastante tempo para consolal-a. Aconteceu, porém, o contrario, e Raul tomou a resolução heroica de declarar que Claudio não poderia gostar della, porque seu coração pertencia a outras.

— Seja como fôr, declarou Gilberta, eu tenho que passar a noite no domicilio conjugal. Por favor, Raul, vá buscar a minha bagagem que ficou na estação.

MINHA NOITE DE NUPCIAS

(*Continuação da pag. 46*)

Raul foi, e Claudio foi preparar o quarto de dormir. Gilberta principiou então a examinar a sala, e a primeira coisa que viu foi o retrato de Melusina, com a seguinte dedicatoria: «A Claudio, com o melhor dos meus beijos!»

* * *

Raul chega com a bagagem de Gilberta e ella declara que, por estar cançada da viagem, deseja ir dormir. Raul conduz a bagagem para a alcova e Claudio toca a campainha para o criado trazer o chá.

— Na presença do criado, segredou Claudio ao ouvido de Gilberta, você não pode mostrar que é uma esposa indifferente. Quando elle trouxer o chá, eu vou abraçal-a e beijal-a. Mostre ao menos que sabe ser uma bôa comediante.

— Mas só na presença do criado, contesta Gilberta. Quando estivermos sós, você tem que respeitar-me. Eu casei-me por engano e o nosso casamento vae ser annullado.

Chega o criado com o chá, e Claudio abraça e beija Gilberta, mas Raul volta novamente para a sala, e o doce idyllio termina precipitadamente.

— Bôas noites para os dois, disse Gilberta, dirigindo-se para a alcova.

— Já vae deitar-se?... perguntaram ambos, ao mesmo tempo.

— Sim, estou muito cansada.

E, ao dizer estas palavras, Gilberta encerrou-se na alcova, só, completamente só.

Mas Isão, com a faina de ajudar seu amigo Claudio, complicou ainda mais a situação.

* * *

No dia seguinte, á hora do almoço.

Mesa bem posta, café bem forte e laranjas bem maduras criavam agua na bocca. Gilberta e Claudio sentaram-se e elle perguntou-lhe:

— Muito assucar, senhora esposa?

— Dois torrões, senhor marido!

— Gilberta, eu amo-a cada vez mais!

— Bem sei! E áquella outra?... perguntou Gilberta, apontando para o retrato de Melusina.

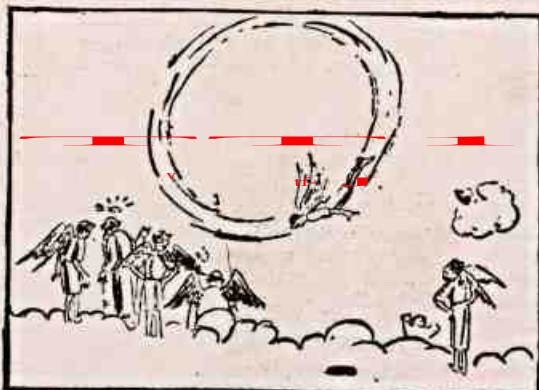
— Ora, aguas passadas não móem moinhos!

— E áquella outra?... insistiu Gilberta, apontando para o retrato de Eva.

— Ella já me esqueceu completamente!

— E áquella outra?... aquella de cabellos louros?

— Nem sei onde ella está. Juro-lhe que ia romper hoje todas essas photographias, que já não são, para o meu coração, nada mais que uma recordação melancolica da minha mocidade. A quem eu adoro é a você, Gilberta! As outras não foram senão experiencias de um homem que procura...

Gilberta, porém, continuou a desconfiar e Isão Pestana continuou a auxiliar Claudio, mas não sem atrapalhar as coisas ainda mais, dando assim um desenlace «sui generis» a este vibrante film, que nos apresenta, com surprezas agradaveis, novas maravilhas da cinematographia moderna.

NO CÉO. — *São Pedro.* — Que significa isto?
O outro. — Não é nada; parece-me que este, na terra, foi aviador...

SINO DA TERRA NATAL

DE MARY DE AZEVEDO

FOI ha tres annos atrás... A primavéra, na frementte e enthusiastica alegria da chegada, pendurava festões de trepadeiras aqui, suspendia ramalhetes de rosas ali, corria, além, a cortina de parasitas... Foi sob os affagos da primavéra que nós dois partimos...

Tres annos apenas se escoaram...

E, cansada, amargurada, o coração abandonado aos pedaços nos espinhos e nas desillusões da vida, retórno ao solar velho e amigo de meus paes...

Volto para a vingança... O esposo infiel que falhou e mentiu ás suas juras de noivo, ha de ter saudades da minha ternura... das minhas lagrimas... do meu amor...

Ha de voltar a meus braços, como o passaro, saciado de azul, de luz, de liberdade, retorna ao ninho occulto nas dobras de um galho...

Será então a minha vingança, deliciosamente saboreada... Tel-o-ei humilde, rendido, confuso a meus pés; gritar-lhe-ei a minha dôr, o meu abandono e, com orgulhosa indifferença, mandarei que elle volte sozinho, sem a sombra do meu affecto, aos braços pelos quaes elle me olvidou um dia...

— Dlin-don... Dlin-don...

E' o sino da ermida... Ave-Maria!

Que saudades, meu Deus!... Eu tinha dez... doze annos... A vida era um vergel florido dos beijos de meus paes e das petalas de séda das borboletas multicores...

— Dlin-don... Dlin-don...

A voz do sino, longa como o velho cruzeiro da ermida, cae lenta, lenta, como si cada badalada annunciasse um puxão a mais na cortina de nevoas da tarde... Suffoca-me este crepusculo machucado, arroxeado...

Foi aqui que elle disse que gostava de mim... Tomou-me as mãos e, como si ellas fossem uma flôr delicada e esguia, depôz-lhe, nas petalas brancas e tremulas, o sello falso de um juramento mentiroso...

— Dlin-don... Dlin-don...

E o sino joga no crepusculo, que uma estrella, apressada, ponteia de oiro, uma procissão lenta de lembranças adormecidas...

Parece que, no collo alado da grande flor de bronze dormem o oiro dos risos, o gorgeio da felicidade, a lagrima de prata da saudade, como no calice da rosa se aninham, o pollen, o perfume, o orvalho...

— Dlin-don... Dlin-don...

Cala a bocca, sino velho, que me queres tornar bôa, ingenua e confiante, como outrora! Cala a bocca, porque, si continúas a tocar assim, quando elle vier — elle que é o meu amor, o meu orgulho, a minha ventura — não terá para recebêl-o sinão as lagrimas da minha ternura e os beijos do meu perdão...

A carta

DE ALBERT JEAN

LUCIANO Josserand, o celebre escriptor, abriu a gaveta de sua secretaria, e entre o chaos de papeis e papeluchos, acções, cartas e envelloppes, encontrou a cabeça de Odette, coroada de cabellos negros profundos.

Tomou a photographia em suas mãos e contemplou, longamente, os contornos marcados, maravilhosos do rosto dessa mulherzinha de quem já era escravo havia seis mezes. De repente, a atirou na gaveta e fechou esta, porque Solange sua esposa, entrára inesperadamente.

— Incommodo-te?

Elle mentiu:

— De maneira alguma. Cheguei a uma parte bem difficil em minha novella, que muito me está preoccupando.

— E que é?

— Micaela, minha heroina, se desespera pela infedilidade de seu esposo, e quer se matar. Mas, antes, escreve uma carta de despedida a seu marido. Tres vezes já comecei essa carta, mas não acerto. Para isso, necessitava ter nervos femininos.

Solange olhou seu esposo e corou um pouco.

— Si tu não risses de mim — começou — eu poderia escrever essa carta.

— Tu?...

— E por que não?... Não dizias que só uma mulher poderia...?

Mas elle ria, o que alterou a vergonha de Solange.

— Eu ainda não conhecia esse teu talento! — exclamou o escriptor.

— Ha alguma coisa muito differente em mim que ainda não conheces — replicou ella, entre dentes.

Luciano levantou-se de sua secretária e foi até a porta.

— Aonde vaes?

— Vou sahir.

Ella baixou a cabecinha. O retrato de Odette Najac vinha á sua memoria.

* * *

Mal o esposo havia sahido, Solange tomou uma folha de papel e começou a escrever:

"Meu adorado:

"Aproveito a tua ausencia para dar-te um adeus prematuro.

"Ha pouco, quando te despediste, para ir, como todos os dias, ao encontro com tua amiga, não notaste nem o tormento que reflectia meu rosto, nem o tremor de minhas mãos.

"Graças a Deus!... Si me houvesses perguntado, talvez eu não tivese a força de occultar meu segredo: ter-te-ia revelado minha dôr e o desespero que me atormenta desde que começaste a manter relações com essa mulher que diariamente separou nossa felicidade. Quando, esta noite, regressares á tua casa, não terás que procurar um novo pretexto para justificar tua demora. Eu já não estarei para fazer-te estremecer e indignar com minhas perguntas. Ter-te-ei dado liberdade.

"Não deverás censurar-te. Para que? Viveste tua vida como homem. Eis tudo. Tua vida horrivel de homem. No fundo, sou eu a mais culpada, por não ter sido capaz de levar a vida como as outras mulheres.

"Quando acabares de ler esta carta vae a nosso quarto.

"Encontrar-me-ás estendida na cama, e pela primeira vez não abrirei os olhos á tua entrada.

"Espero que a morte não me desfigurará muito, pois não quero que guardes de mim uma recordação infiel á realidade.

"Havia já muito tempo que estava resolvida a dar este passo, e faz algumas semanas que escondi o frasquinho no *toilette*: o frasquinho que logo encontrarás ao lado de minha cama."

* * *

A porta do gabinete abriu-se e no humbral appareceu Luciano Josserand.

— Que maluco! — dizia elle aborrecido. — Esqueci a chave.

Avançou uns passos para a secretária e perguntou a sua esposa:

— Que fazes aqui?

Solange cobrira o papel.

— Nada... Absolutamente nada!...

— Não mintas!

Elle se aproximou della e descobriu o papel.

— Eu te explicarei — balbuciava Solange. — Tu me havias falado numa carta para tua novella... Não a leias! Está ridicula!... E' a primeira!

Elle franzia as sobrancelhas, e, com o semblante desfigurado pela attenção, lia, palavra por palavra, as confissões de Solange.

— Tu... tu escreveste isto?! — perguntou Luciano, com voz alterada.

— Sim.

De um salto, elle alcançou a porta e entrou no quarto, dirigindo-se ao *toilette*.

— Luciano! Luciano! — gritou Solange, que cahira ao lado da secretária e chorava, chorava, suffocando-se pelos desesperados soluços que ameaçavam romper-lhe o peito.

Quando Luciano a levantou, ella notou, com espanto, que suas mãos seguravam um frasquinho com etiqueta colorida.

— Solange! Fala! A carta?... Havias pensado seriamente no que escreveste?...

Com um suspiro, ella moveu a cabeça:

— Sim.

Quando elle se ajoelhou deante della, Solange disse:

— Terás que corrigir alguma coisa nesta carta... Litterariamente não está bem... E', apenas, um acontecimento da vida...

Mulheres que nunca tiveram Adão

De ADAUCTO FERNANDES

FOI ao cahir da noite, em Copacabana. Silvério dos Reis, bacharel mineiro, transpoz, nervoso, o humbral da porta do "bungalow". Dentro de sua alma de literato moço, ainda cheia de fé, audacia e confiança no prestigio politico dos amigos, agitava-se, confusa, nesse instante, toda a vaidade que lhe grangeára, em poucos dias, a ruidosa estréa de seu decantadissimo poema em prosa, — "Evas Modernas", — e, com o qual, o novel escriptor se destinaria á primeira vaga da Academia.

Era uma obra prima, havia declarado, arbitraria e discricionariamente, a critica da imprensa carioca. O moço estreante, depois de tudo que os jornaes disseram, sentia-se mais á vontade, um pouco maior, e até mesmo alguma coisa differente do commum dos outros. Era, afinal de contas, um "immortal", um homem de estrella. Nessa subida, porém, o doutor Silvério arrojára-se demais vertiginoso, e fôra, sem saber como, nesse vôo de gloria, demasiadamente alto. Estava certo de que vencera a carreira espinhosa das letras; e não era para menos. A opinião publica, orientada pela ignorancia da critica julgadora, sem a menor noção de arte, como de costume, pela voz do povo, consagrára-o definitivamente. A fama do literato, então, maior se avolumou, como si em verdade, toda a sua obra de estylo e ficção fosse, entre as dos outros, a creação mais perfeita da literatura indigena. E quando elle ia subindo, confuso, vagaroso, deselegante, os degraus de marmore da escadaria do "bungalow", a sua ansia amorosa crescia suffocante.

— Sou o mais feliz dos homens! No emtanto, sou um timido. Especie acanhada de criança anemica, sem vontade, sem energia, — pensou, afinal, parando em frente á porta. — Mas, é preciso terminar de vez com esta commoção, — concluiu, de si para si, num esforço supremo, apparentando calma.

Na sua illusão momentanea, tocou o tympano electrico, repetidamente, uma, duas, tres, quatro, cinco vezes... Era demais! Nunca havia acontecido aquillo. Nesse instante, uma criada hespanhola, ainda moça, provocante, de olhos redondos, negros, requebrados, lascivos, prometedores, cheios de meiguice e traição, flirtante e amiga de "notas", assomou rapida á entrada da "marquise".

— Ah! sim, é o senhor doutor, o joven escriptor da predilecção particular de madame Camelia — disse-lhe, perversa, ironica, tentadora, curvando-se numa reverencia ridicula, maledicente, peccaminosa, affectando os modos, as phrases, com um timbre de voz melliflua, em que se notava um pouco de affronta e falta absoluta de respeito.

— Madame Camélia está?

— Está, senhor doutor... Faça o favor de entrar... Um segundo apenas... E' só emquanto eu vou prevenir... Um instante...

E, numa gargalhada crystallina, denunciante, sahiu rapida.

* * *

Ali, dentro do "hall", o doutor Silvério dos Reis começou a passear de um canto para o outro, indo, agitado, da porta de entrada á sahida da "marquise", de extremo a extremo. Naquella noite, para elle, até o céo estava um pouco differente. Havia mais estrellas e a aragem branda do mar era, em tudo, mais fria.

— Que coisa esquisita! Eu nunca fui assim! — pensou Silvério, indo, mais uma vez, da entrada da "marquise" ao fundo do "hall". — Mas, isso é uma molestia propria a quem estréa nas letras. Deve ser um ataque de literatice nervina, — concluiu, certo de que o seu organismo enfermára, subito. Depois, num disfarce cabotino, ficou-se deante do espelho do porta-chapéos, a concertar o nó fôfo da gravata. Estava estonteado. Por diversas vezes, parou deante do espelho, revendo-se todo, e andou de um canto para outro, com o sangue em febre, a se agitar descompassado, dentro das veias, fluindo e refluindo, como si todo o seu organismo bailasse, suffocante, a dança vermelha, galopante, das arterias. Era singular tudo aquillo! Nunca madame Camelia o havia feito esperar tanto. Offendido em seu valor immortal, diminuido em seu orgulho de homem, pensou que o melhor seria retirar-se. Mas sahir assim como quem foge, depois de se ter feito annunciar?! Não! Essa attitude não era propria a um homem de sua elegancia moral. O melhor era ficar esperando. Nessa alternativa permaneceu mais durante alguns segundos. Como foi longo todo esse tempo! O seu olhar, curioso, perdeu-se deante das lampadas, dos candelabros, das columnatas, dos jarros, dos quadros... Tudo aquillo era muito distincto, muito raro, muito "chic". Os moveis estofados, com frisos doirados, agrupavam-se artisticos por entre estofos esculpidos e matames de prata cinzelada, realçando, em meio desse conjuncto de esthesia e de bom gosto, toda a pureza finissima do ambiente, como si, em verdade, alli houvesse resuscitado o esplendor deslumbrante da Grecia antiga.

* * *

Um murmurio brando, abafado, assim como qualquer coisa parecida com o arrastar de passos em tapeçarias, veiu, finalmente, perder-se em seus ouvidos. A criada hespanhola, cada vez mais leviana, prometteddora, falou-lhe da porta, risonha:

(Continúa na pagina seguinte)

(continuação) MULHERES QUE NUNCA TIVERAM ADÃO

— Madame Camelia está um pouco adoentada. E' um pequeno ataque de grippe. No emtanto, o senhor doutor pode entrar... Faça-me o favor de acompanhar.

* * *

Camelia era uma linda e perfeita mulher de juventude já gasta, intelligente, culta, farta de carnes, vestida sempre com esmero, e trabalhada por idéas modernistas, libertas, sem preconceitos, com o coração sempre voltado á pratica do Bem. Em toda a sua mocidade, feita de riso e de candura, a sua alma fôra sempre tão pura como um raio de sol cearense, e tão bella como a superficie tranquilla de um lago do Amazonas. Os seus olhos redondos, azues, scismarentos, eram como um naufragio de luz em mar de anil, brilhando á chamma intensa dos sonhos infinitos. E o seu porte, airoso, aberto, franco, communicativo, esbelto, era de uma elegancia firme, cheia de encanto e de vivacidade. No mais, era ironica e reservada. Dada ao estudo, admirava os romances de hoje, as poesias de hontem e os cantos do futuro. Era em tudo de uma simplicidade commovedora, impressionante, e, ao seu contacto, a gente se inflamava e se accendia.

O naufrago escuta o apparelho portatil de radio, com o auxilio do qual logrou salvar-se, nadando até uma ilhota: — "O professor Fletcher iniciará, agora, uma conferencia sobre "os arrecifes que desapparecem de um momento para outro".

— Entre, doutor... Entre...

A criada hespanhola, á frente, por entre o meandro deslumbrante dos moveis dos aposentos, ia, com Silvério, pisando, ligeira, sobre a tapeçaria que lhe abafava os passos. Um mundo de presentimentos estranhos tumultuava dentro de seu cerebro moço, que, alli, com elle, contornava pelo dédalo perfumado das alcovas. Por fim, pararam.

Silvério dos Reis, apesar da situação especialissima em que se achava, experimentou, sem saber como, deante da ultima porta que se ia abrir á sua passagem, um instinctivo choque nervoso. Tambem era aquella a primeira vez que trahia a fidelidade conjugal de um homem. Nesse ponto, a amizade é um entrave armado á consciencia.

— Mas que fraqueza é esta? — perguntou a si mesmo, envergonhado de tão banal repulsa. Em verdade, elle era como outro homem qualquer, capaz, em tudo, de praticar os mesmos actos. Depois, não era o primeiro Silvério dos Reis, e nem tambem seria o ultimo.

— Vou á frente, doutor... E' sempre bom que annuncie... E' um instante... Mais um segundo apenas... Espere.

Uma voz clara, crystallina, vertendo doçura, chamou do interior do aposento:

— Conchita!

O doutor Silvério dos Reis sentiu que o sangue lhe subia do coração á cabeça, latejando, febril, furiosamente, todas as arterias. Deante da exaltação do seu organismo, pensou que ia ser victima de um ataque de apoplexia fulminante, antes de vêl-a. Mas, a onda emotiva passou célere, trazendo um pouco desse allivio mentiroso que faz a gente sonhar com esse céo feito para os anjos, e que Deus creou para enganar os homens. A esperança voltou. Como era grande a sua felicidade! Tudo aquillo estava muito além de suas forças. Camelia, a mulher que mais elle amava no mundo, ali estaria esperando pelo notavel escriptor, dentro da alcova, sozinha, toda entregue á grandeza do seu amor. A noção do meio ambiente, nesse instante, para Silvério, foi, em tudo, como a noção exacta da realidade que o cercava. Agora elle era, verdadeiramente, apenas, o autor consagrados de — "Evas Modernas", a obra que a critica tanto exaltára. Para Silvério, esse livro deveria ser o maior do mundo, e, elle, um pouco maior que o Fausto de "Goethe", conquistando uma nova Margarida. Como lhe parecia deliciosa essa aventura galante de amor criminoso, semelhante aos perigos e circumstancias, a um quadro vivo de D. Quixote, disputando esquivas Dulcinéas. Havia no ambiente, e nos personagens, até uma certa semelhança. Depois, para que não dizêl-o? D. Quixote era uma creação feita por delicado phenomeno de producção mental, puramente ficticio, sem outro valimento além do ridiculo a que deixou exposto o *cavalheirismo* da idade média. Era uma chimera que a arte immortalizára, emquanto que elle, Silvério dos Reis, era uma vibração sentimental, verdadeiramente humana, formando, dentro da vida, um quadro de acontecimento real.

Essas idéas passaram-lhe como relampagos dentro do cerebro; e uma sensação inteiramente estranha, inexplicavel, dominou-o todo. Ao seu lado, tudo que ali se encontrava parecia ter a grandeza de um symbolo. Até os cortinados, os stores, eram, aos seus olhos, como sombras vivas, buliçosas. O silencio morno da alcova e a penumbra tenue do "abat-jour" cinzento ostentavam meiguices velludosas de somno e grandezas de vertigens amorosas. Junto á porta, em cima de um marmore negro, uma estatueta de Hercules, nú, defendia a entrada. Que ironia maravilhosa!

MULHERES QUE NUNCA TIVERAM ADÃO (conclusão)

E elle ali estava, em pessôa, para entrar, profanando a pureza do quarto! E' que os deuses da Belleza antiga já não defendem a honra do céo!

* * *

Conchita voltou. Em voz baixa, como quem cumpre uma recommendação, falou risonha, erguendo o reposteiro:

— A' vontade, doutor... á vontade...

E desappareceu.

Silvério, confuso, atrapalhado, entrou.

Um zumbido intenso, assim como o rumor de uma colmeia de Jandaira, cantava-lhe dentro dos ouvidos. A impressão que recebêra, ao penetrar nos aposentos privados de madame Camelia, foi, não ha duvida, por demais suffocante. Tudo era deslumbramento e conforto. Em meio daquella maravilhosa ostentação de riqueza e de peccado, distinguia-se o cheiro caracteristico de rosas frescas e essencias de violetas derramadas. De entre as sombras que damascavam os cortinados, Silvério dos Reis poude ver a imagem viva de uma linda mulher em meio do leito, rindo para elle, ao mesmo tempo que lhe dizia, estendendo as mãos:

— Mil vezes obrigada, meu bom amigo! Não imagina você como me sinto feliz neste momento. Não quero que se afflija. Estou um pouco melhor, não está vendo? Foi apenas um ataque de grippe.

Silvério, na sua timidez, avançou até as bordas da cama, tonteando a cabeça e os passos. Aquella claridade cinzenta e verde do "abat-jour" era, para o amor de ambos, como uma agonia debil, extinguindo-se á vertigem fulminante dos beijos desejados. Tudo o mais desapparecia deante de seus olhos para ficar somente o amor. Camelia sorria, radiante, dominadora, e elle a fitava, contente, dominado. Com a cabeça sumida na pennugem macia dos travesseiros, ella era como a estatua viva da Belleza e da Carne, bolando á claridade frouxa, pelo franjado aberto do "kimono". Luminosa tentação de amor! A côr roseo-branco da carne não era menos provocante, nem mais denunciadora. Os angulos externos das palpebras sombreadas, pestanúdas, confrangiam-se no estreitamento accentuado das olheiras, muito vivas, muito intensas, como si vertessem machucamentos dolorosos de insomnias prolongadas.

Naquella posição, Camelia, de quando em quando, arfava, e estremecia. E, no olhar de ambos, sem que se falassem, começou a brilhar um fulgor estranho. A chamma do amor deveria clarear as trevas divinas do peccado.

* * *

Quando Silvério dos Reis a teve, assim, tão mulher e tão sua, sentiu que fôra arrebatado na vertigem dos sonhos.

— Camelia! ...

— Silvério! ...

E ficaram a olhar, embevecidos, um para o outro. Elle, radiante de amor e ventura, e ella, ainda tremula, procurando acalmar a sua mais profunda e mais doce emoção. Como fôra sublime a sua quéda! E como era immensa a sua paixão!

A posse da coisa querida traz sempre, depois, o tédio. Silvério dos Reis não seria, decerto, o primeiro homem que deveria trahir o amor de uma mulher. E assim foi. Guiado pelo instincto, mais do que pelo coração, cinco mezes passados, após o primeiro encontro, elle casava com a filha unica de um rico banqueiro. E, logo no outro dia, na ocasião do almoço, recebeu, pelo correio, a seguinte carta:

"Silvério, eu sabia que, antes de você, Minas tinha produzido o da "Inconfidencia". Mas, nunca suppuz que você fosse tão perfeito na arte de trahir.... Que bella especialidade!.... Não me maldigo, porém, como seria de crer. Não. Ao seu lado, partilhando do seu amor, está a minha vingança.... Ella deve ser, em tudo, como eu.... Uma esposa, mesmo honesta, tambem sente nôjo e tédio! E' nesse momento que apparecem os Silvérios dos Reis. E é até melhor. Com isso experimentamos as duas maiores emoções que o amor produz.

"O prazer da nossa quéda, e o horror de termos cahido! As Camelias, no jardim da vida, são, em tudo, como as Violetas. Perdem logo o encanto e o perfume. E as mulheres de hoje, meu amigo, não têm mais Adão. Ha muito que tomaram conta do Paraiso, para expulsál-o. Da sua — Tiradentes do Amor."

* * *

E, a olhal-o, surpreza, cheia de ciumes e de verganha, a joven esposa, desvencilhando-se-lhe do braço, ruborizada e altiva, aventurou, perversa:

— Felizes as que sonharam com a serpente, mas, que nunca comeram do fructo prohibido! ...

— Queria um retrato destes dois meninos gemeos.

— Com todo o prazer, minha senhora! Mas, juntos, é impossivel. Qualquer um acreditaria tratar-se de uma chapa tremida.

A GRANDE ACTRIZ

AO entrar em seu dormitorio, de regresso do theatro, a gentilissima actriz Aurelia Romagosa sentiu-se paralyzada de espanto em virtude de um ruido estranho, que lhe pareceu ouvir dentro mesmo do aposento. Com a mão na chave do commutador, sem se atrever a fazêl-a girar, Aurelia Romagosa permanecia immovel em seu logar. Espantada com a hesitação de sua patrôa, a criada sentiu-se tambem possuida de um grande mêdo. Mas, refazendo-se immediatamente, perguntou:

— Está sentindo alguma coisa, patrôa?

Aurelia pareceu saturada de coragem pelas palavras de sua criada.

— Nada, Genoveva — respondeu-lhe. — Não sinto nada.

Fez girar a chave do commutador e o aposento se encheu de luz. Anciosamente, transfigurada, Aurelia lançou rapidamente a vista em torno de si, como que procurando alguem: o supposto ladrão que, na imminencia de ser surprehendido em flagrante, talvez houvesse corrido a esconder-se atraz de um movel, derribando outro na sua precipitação.

O rapido olhar da actriz acalmou em parte sua inquietude. Tudo apparecia deante de seus olhos ávidos na mesma ordem de sempre. Foi ao guarda-roupa e o abriu. Nada lhe faltava. Nem siquer notou uma só peça movida de seu logar. No resto do aposento, a mesma coisa. Não havia, em parte alguma, o menor signal de ladrão. Indubitavelmente, seu medo não podia ser mais ridiculo. Como é que havia tremido deante de uma vaga suspeita e não tremeu outras vezes deante do verdadeiro perigo? Aquelle ruido insolito e não muito forte não podia ser uma simples illusão de seu ouvido? Como é que um ladrão podia entrar em seu appartamento? Para roubar o que? Porque, embora fosse verdade que ella ostentava algumas joias, sempre procurára manter bem viva a duvida de que taes joias eram simples fantasias. Mas, como na realidade não eram fantasias, o ladrão não o teria suspeitado, e isso lhe movia dar o golpe? No emtanto, fôra logrado pensando apoderar-se de suas joias na sua ausencia, pois que Aurelia as usava sempre, sobretudo á noite, quando é mais perigoso deixal-as em casa. Pois bem: o ladrão podia estar ao corrente de todas essas coisas e ter entrado em sua casa com o proposito de aguardar seu regresso para despojál-a de suas joias, chegando até o crime, si fosse necessario. Ao chegar a esse ponto de suas reflexões, um calefrio lhe correu todo o corpo. Espantada, voltou a olhar Genoveva, que, em pé um pouco mais atraz, parecia assombrada do estado de inquietude de sua patrôa.

Então, como havia pouco, a empregada tornou a perguntar-lhe:

— Está sentindo alguma coisa, patrôa?

E Aurelia reagiu novamente.

— Não, Genoveva. Não estou sentindo nada. Deixa-me. Pódes ir deitar-te... Hoje quero despir-me só.

— Está bem, senhora. Mas, si precisar de mim, é só chamar-me.

— Sim, sim. Vae!

A criada ia sahir, quando Aurelia, como que illuminada pela luz de uma recordação, a deteve:

— Não, Genoveva, não vás. Esquecia-me de que esta noite preciso muito de ti. Vou receber uma visita.

— Uma visita?!

— Si... a do coronel Vergara. Prometteu-me que viria hoje aqui. Até acho estranho que ainda não tenha chegado.

— Ah!... Mas a patrôa o espera?! — exclamou Genoveva, com surpresa.

— Cala-te. Como sempre, já sabes que só te cumpre obedecer. Quando chegar o coronel, discretamente te retirarás, pois já o conheces muito bem. E tu, falemos a verdade, não lhe és muito sympathica.

— Eu?!...

— Basta. Emquanto não chega o coronel, entretém-te em ondular-me o cabello.

Aurelia tirou seu agazalho, que atirou, displicente, sobre um sofá, e foi sentar-se deante do espelho de seu pequeno toucador. Alvoroçou-se o cabello com os afiados dedos de unhas rosadas e a criada, habilissima na manipulação da cabeça, começou a trabalhar. Um relogio proximo deixou ouvir a pancada longa, sólida, que annunciava a primeira hora do novo dia.

— Uma hora já, e o coronel não chega! Sem duvida, demorou em alguma parte com os amigos que o acompanham.

De José M. Braña

— Mas, elle vem com amigos?

— Sim: quatro ou cinco. Militares tambem. Gente muito alegre, mas muito terrivel. Por meu gosto, não os receberia. Mas o coronel ficaria indignado...

— E a patrôa gosta delle, não é?

— Sim. Para que negál-o? Seu genio brusco e seus modos nada cortezes agradam-me. O coronel é um homem de verdade e não uma caricatura de homem. Mas... vamos ver!... Cala-te. Parece-me que bateram. De certo já estão ahi.

— Irei ver.

— Espera. E' possivel que me haja enganado. Si forem elles, com effeito, baterão de novo. Talvez tenham batido ao lado.

Guardaram um momento de silencio. Ouvir-se-ia, naquelle ambiente, o ruido das azas do mais insignificante diptero. Afinal, como que convencida de que fôra uma simples illusão de ser ouvido, Aurelia Romagosa declarou:

— Não foi aqui. Mas não devem tardar.

— Tenho uma idéa patrôa, para não continuar esperando talvez inutilmente. Por que não toca o telephone para a casa delle?

— Tens razão, Genoveva. Não me lembrava disso. Liga ahi...

— Immediatamente, patrôa.

A criada dirigiu-se á mesinha onde se achava o telephone, e pediu o numero que sua patrôa lhe havia indicado. Não tardaram, muito em dar-lhe a ligação. Feita esta, Aurelia correu ao apparelho.

— E' da casa do coronel Vergara?... Quem fala aqui é Aurelia... Sim, eu mesma: a senhorita Romagosa... O coronel já sahiu?... Ah! Ha muito tempo? Não, não chegou ainda... Ah! Vem com oito amigos? E champagne? E doces?... E' verdade! Não me recordava de que hoje é uma data nossa. Bem, muito obrigado, e bôa noite!

Desligou o telephone e voltou á sua cadeira deante do espelho do toucador. Genoveva perguntou-lhe:

— Foi o assistente do coronel quem a attendeu, patrôa?

— Exactamente.

— Pela voz, me pareceu que seria elle. Anda um pouco apaixonado por mim, mas eu não lhe dou attenção... E diz que o senhor coronel vae vir com tantos amigos? E que vae haver aqui uma pequena festa? Pois palavra como não a esperava.

— Nem eu tampouco.

O relogio do vizinho deu uma hora e meia, e depois duas. Nem Aurelia nem Genoveva deixaram, um momento, de commentar a estranha demora dos esperados. Durante esse tempo, Aurelia, já penteada, novamente assanhava o cabello com seus dedos afilados, nervosa, inquieta, allegando não estar penteada a seu gosto. E Genoveva, paciente, tornava a arranjar o cabello de sua patrôa, afim de satisfazêl-a.

Soaram tres horas e depois quatro. Nem o coronel nem seus amigos deram signaes de vida. Muitas vezes, durante a noite, parecem ás duas mulheres escutar passos na escada, e gargalhadas; mas tudo isso não passavam de méras illusões de seus ouvidos á espreita.

Quando chegaram as seis horas, quando uma e outra já se sentiam rendidas de cansaço, soaram na porta pancadas precipitadas. Patrôa e criada ergueram-se de seus assentos, sobresaltadas, e foram abrir. Era a mulher do porteiro, que, com o semblante transfigurado, exclamou, tremendo:

— Ainda não souberam? Occorreu um facto horrivel! Ha pouco, a sahir ao pateo, para o banho, meu marido tropeçou com o cadaver de um homem. Está com a cabeça arrebentada. Foi dado aviso á policia, e o commissario que veiu o reconheceu como o de um temivel ladrão. Acha a policia que o ladrão, ao procurar fugir por uma das janellas deste pavimento, ou do andar superior, perdeu o pé, e foi cahir em baixo.

E a mulher do porteiro sahiu a correr, afim de dar a noticia aos outros habitantes da casa.

A bella actriz e sua criada entreolharam-se cheias de assombro. Genoveva disse:

— Livrámo-nos de bôa! E graças á senhora, que esteve magnifica inventando a visita de um coronel e uns amigos imaginarios.

— Ah! Mas tu me comprehendeste?

— Creio que sim. Como a senhora, ao abrir a porta, ouvi um ruido suspeito. O ladrão, certamente, nos teria aggredido, não o fazendo com medo do coronel. A senhora é uma grande actriz, mesmo fóra do theatro.

— E tu tambem, Genoveva, porque estiveste impagavel...

O CHEFE DE ESTAÇÃO

Por essa época, já bem longinqua, da pequena cidade, ainda com sua feição campesina — hoje tão differente — onde eu morava em companhia de minha mãe, os trens e omnibus realizavam o trajecto até Paris em menos de meia hora. Actualmente, com a electrificação da linha, essa travessia deve estar reduzida á metade daquelle tempo.

Quasi todos os dias, meu irmão e eu, e, por vezes, alguma de minhas irmãs tomavamos uma passagem de 2ª classe, ida e volta, para podermos fazer o nosso curso, nós numa escola publica, e minha irmã num instituto religioso proximo ou em casa do seu professor de piano. Neste ultimo caso, minha mãe nos acompanhava. A meio caminho, minha irmã manifestava uma agitação de que nós, tambem, participavamos. Apenas, porem, sua curiosidade era mais evidente, mais demonstrativa, por mais intensa do que a nossa.

— Vamos vêl-o! — dizia. Vamos vêl-o, já!

— E viamol-o, realmente, sem falta, a ir e a vir. Elle sempre ali estava. Talvez passasse, mesmo, toda a noite, se lh'o permittissem, porque havia, tambem, trens nocturnos.... Mas, ás seis horas da tarde, um guarda vinha buscál-o e o conduzia bondosa e pacientemente.

Era um homem alto e magro, de cabellos grizalhos, e barba, tambem, grizalha, aparada com um certo cuidado. Sem duvida, a "casa" fazia-o aparar os cabellos e a barba dentro de periodos relativamente curtos. Era uma boa "casa", de reputação firmada. Não se divisava bem a habitação. Apenas se distinguia o parque, muito vasto, com seu ar de mysterio, onde, com raras excepções, jamais se via quem quer que fosse, a não ser elle e, algumas vezes, seu guarda. As arvores, ahi, cresciam á vontade e a herva dos canteiros só era ceifada quando já estava bastante crescida. Então, contavam-na para fenar. Os muros que o cercavam eram altos, salvo defronte da via-ferrea, onde eram substituidos por uma valla profunda, da especie das que se chamam "saltos de lobo". Era uma casa de saúde, o que existia ahi. Um asylo particular para alienados.

E *elle* sempre estava lá, no seu posto, quando passava o nosso trem. O nosso e os outros!... Trazia á mão uma especie de bandeira vermelha, presa a um pau, e feita de um pedaço de étamine; cortada de uma almofada, de uma cortina, de qualquer coisa. Com essa bandeira elle fazia signaes desesperados, agitando-a de toda maneira, como se quizesse dar a entender "Parae! Parae!".

Nós, as creanças, divertiamos muito com isso. Minha irmã, porém, sentia uma impressão mais confusa, mais ardente, mais exaltada. Minha mãe, censurava-nos, fazia o signal da cruz, e, murmurava:

— Pobre homem! Pobre homem!

Era um louco. Um pobre louco, não havia duvida. Mas qual a razão de sua loucura? Porque se manifestava por tal fórma a sua allenação? Era isso que excitava a nossa imaginação. Sem duvida estaria "possuido" do perfido demonio que, mais tarde, tambem fez de mim um realizador de romances e novellas. E imaginei-me que o "louco" fosse um antigo empregado de estrada de ferro, prejudicado nas ambições de sua carreira, desgraça que lhe perturbara as faculdades mentaes. Esta hypothese, á falta de outra melhor, acabou por ser a geralmente acceita. Chegámos, mesmo, a fazel-a admittir pelos demais passageiros e, de tal maneira, que, quando annunciavamos, no carro, "eis o chefe de estação. Ali está elle!", todos elles corriam ás portinholas, persuadidos de que falavamos com pleno conhecimento de causa.

Esse incidente longinquo da minha vida muito contribuiu para estimular a minha precoce inclinação para a fabulação. Quando minha mãe e minha irmã não se achavam no carro, eu ajuntava á minha ficção um sem numero de detalhes, que, eu proprio, acabava por acceitar e admittir como verosimiveis. E havia, tambem, uma mulher na historia. Uma mulher que seria a esposa legitima de um alto funccionario da companhia, que se apaixonara por elle... O funccionario chegara a comprehender tudo, e matara a infiel ferindo seu cumplice que, depois de restabelecido, fôra afastado para longe, para bem longe... E a morte de sua amante, ao mesmo tempo, — que a situação a que foi arrastado, é que determinaram a sua loucura. Todo mundo acceitava, convictamente, esse dramalhão perfeitamente estupido, e, talvez, por isso mesmo que era estupido. Algumas mulheres diziam, pensativas e impressionantes:

— Vê-se ainda que elle deve ter sido um bello homem!

Eu — não nego — sentia-me bem orgulhoso e envaidecido com o meu successo — o meu primeiro successo literario que, como se vê,

De Pierre Mille

estava bem longe de me honrar o nome.

Cada semana eu inventava novos detalhes. Aliás entreguei-me de corpo e alma á minha "creação". Perguntavam-me: "E o marido? O marido enganado e assassino". E eu respondia: "O marido? Depois de julgado e absolvido, como era natural, entrou para uma ordem religiosa, não sei bem se a dos trapistas". As mulheres, ante esse final romantico, ficaram emocionadas e, commovidas, lamentavam o infeliz marido. Eu, então, perfida e cruelmente, accrescentava: "Mas, vendo que não tinha verdadeira vocação, annos depois abandonou a ordem e casou-se de novo." As mesmas vozes ,então, não perdoavam: "Os homens não tem coração!".

No emtanto, havia velho senhores scepticos que balançavam a cabeça, incredulos. — E observavam, desconfiados: "E's muito novo para conhecer coisas que, segundo dizes, se passaram ha já tantos annos..." Isso feria meu amor proprio e eu logo replicava: "Mas, muitas innumeras vezes, ouvi meu pae, minha mãe, meus tios e tias falarem a respeito desse caso!".

Não ha mentira, nem, mesmo, crime, de que não seja capaz um creador de ficção, ainda que imberbe, como eu, para sustentar sua reputação e dar uma cor de verosimilhança ás fabulas que imagina. Alem de que, como sempre acontece, eu acabei por viver esse máu romance — figurando-me que "tudo tivesse acontecido." Meu irmão e, mesmo, minha irmã ajudaram-me. A' tarde, quando estavamos sós no jardim, longe de nossos paes, cada um procurava reconstituir um dos elementos da existencia real do "chefe de estação", antes da sua desventura. Estranha piedade, uma especie de pudor, nos havia feito repellir a hypothese de que elle tivesse filhos. Talvez porque fossemos creanças ou adolescente repugnavamos admittir que creaturas iguaes a nós pudessem ter soffrido nessa aventura, para nós apenas meio-fantastica. Porque, realmente, o "chefe de estação" vivia na nossa imaginação, com a sua historia de dor e de loucura, tantos nós a repetiamos. E, sempre que iamos a Paris ou de lá vinhamos, elle ali estava, deante do "salto de lobo" do parque da casa de saude.

— Por fim — lembro-me bem, era no começo do mez de maio — não o vimos mais! Estaria doente? Nunca, parece incrivel, desejámos com tanta fervor, o restabelecimento de alguem. Fazia-nos falta sua presença. Ausente, era nos impossivel accrescentar alguma coisa á interminavel historia que crearemos em torno delle, para contal-a aos nossos companheiros de viagem. Mas, a juventude logo esquece. O "chefe de estação" não appareceu mais de fronte do "Salto de lobo". Durante uma ou duas semanas em vão procurámos avistar sua silhueta familiar, enquadrada no fundo das velhas arvores do parque, e, depois, não mais pensámos no seu desapparecimento...

* * *

Decorreram dez annos! Eu me fizera quasi homem, senão um homem de verdade. Certa noite, num lindo salão, a dona da casa apresentou-me a um personagem já bastante edoso: "o doutor B...., disse-me, que, ha mais de vinte annos, dirige a casa de saude de X..."

Era a casa onde estivera internado aquelle que, durante muito tempo, tanto occupara e absorvera o meu espirito. Minhas reminicencias accorreram-me céleres. Passei a fazer perguntas sobre perguntas ao dr. B. E fazia-o com tal ardor, que trahi a minha ingenuidade.

— Que é feito, doutor, do "chefe de estação?"

— O chefe de estação? — perguntou elle, espantado. Que "chefe de estação"?

— Sim.... — respondi um tanto confuso — quero dizer um dos vossos doentes, doutor, que se via todos os dias, por occasião das passagens dos trens, empunhando uma bandeira vermelha, em frente ao "Salto de lobo" do vosso parque...

— Ah Morreu, o pobre diabo! Fez dez annos agora em maio, se não me engano.... Não comprehendo, porem, porque o chama de "chefe de estação". Era um rico industrial e um homem muito distincto. Mas sua mulher, seu filho e sua filha haviam morrido num accidente de estrada de ferro. Enlouqueceu, então, o infeliz! E uma das manifestações de sua loucura era, precisamente, collocar-se á passagem dos trens com aquella bandeira vermelha para chamar a attenção dos passageiros e gritar-lhes: "Parae! Parae! E para a morte que correis! Correis para a morte!"

Foi assim que, para vergonha minha, que conheci que a realidade é terrivelmente mais cruel — e tambem mais bella — que a mediocre e sempre deficiente imaginação dos homens.

(*Continuação do numero anterior*)

O Dedo pollegar

(Sherlock Holmes)

— Ora! acudiu com desassombro, temos um processo especial. Comprimimos a terra em ladrilhos, a fim de podermos transportal-a sem que se saiba o que é. Pouco importa, porém, essa questão secundaria. Agora, sr. Hatherley, acha-se inteirado de tudo, e póde avaliar a confiança que me merece.

Emquanto falava ergueu-se.

— Lá o espero, pois, em Eyford, ás onze e meia.

— Não faltarei á hora aprazada.

— E nem palavra seja a quem fôr.

Fitou em mim um derradeiro e insistente olhar cheio de desconfiança, e, apertando-me a mão com uma pressão fria e humida, sahiu a passos rapidos.

Assim que recuperei o sangue frio e reflecti em tudo aquillo, causou-me estranheza o genero de trabalho que me propunham de semelhante fórma.

Por um lado, estava satisfeito, visto que os honorarios eram dez vezes superiores ao que eu poderia exigir e a encommenda podia acarretar-me outras. Mas, por outro lado, o semblante e os modos do meu cliente haviam-me impressionado de modo desfavoravel, e naquella sua historia da grêda não conseguia encontrar explicação sufficiente, quer para uma jornada nocturna, quer para um segredo tão absoluto. Em conclusão, puz de lado as minhas apprehensões; jantei com optimo appetite, e embarquei em Paddington, sem ter desvendado fosse o que fosse do meu segredo.

Em Reading, tive que mudar não só de carruagem, mas tambem de estação. Subi para o primeiro comboio que ia para Eyford, e cheguei á estação, pequena e mal allumiada, já depois das onze horas.

Era o unico passageiro com destino a Eyford, e não vi pessôa alguma na plataforma, á excepção de um carregador que estava a dormir, ao pé da respectiva lanterna. A' sahida, porém, encontrei o meu cliente á minha espera, na escuridão. Sem proferir uma palavra, travou-me do braço e ajudou-me a subir para uma carruagem, cuja portinhola estava aberta. Correu os vidros de ambos os lados, bateu no da frente do carro, e o cavallo partiu a trote largo.

— Um cavallo, unicamente? perguntou Holmes.

— Um, só.

— E viu que côr tinha?

— Vi, á luz das lanternas. Era alazão.

— Pareceu-lhe cançado, ou folgado?

— Folgadissimo. Tinha o pello muito luzidio.

— Obrigado. Peço desculpa pela interrupção. E, se me faz favor, prosiga na sua interessante narrativa.

— Partimos pois e rodamos durante uma hora, pelo menos. Dissera-me o coronel Lysander Stark que a distancia era de sete milhas, eu, porém, no passo em que iamos e pelo tempo que mediou entre a partida e a chegada, creio bem que andariamos umas doze milhas. O meu companheiro não falava e eu sentia-lhe os olhos pregados em mim. O caminho devia estar em mau estado, a julgar pelos solavancos da carruagem. Tentei vêr através dos vidros, mas como eram fóscos apenas consegui avistar vagamente as luzes que iam passando de relance. De vez em quando, aventurava uma observação, no intuito de quebrar a monotonia da viagem, mas o coronel, apenas respondia com monosyllabos, e a conversa cahia por si. Finalmente, aos solavancos substituiu-se o rodar mais sereno por uma veréda ensaibrada, e parou a carruagem. O coronel Lysander Stark foi o primeiro a apear-se, e, como eu lhe seguisse no encalço, fez-me entrar muito á pressa por uma porta aberta na nossa frente. E o caso é que passei, por assim dizer, de um pulo, da carruagem para a sala de espera, e por conseguinte, não pude sequer de relance, differençar a fachada do predio. Assim que transpuz os humbraes, fechou-se a porta com força, e ouvi rodar a carruagem, retrocedendo caminho.

"Lá dentro estava escuro como breu, e o coronel ás apalpadellas, procurava os seus phosphoros, a resmungar surdamente. De subito, abriu-se uma porta no extremo opposto do corredor, e veio ferir-nos a vista um raio extenso de luz. Appareceu immediatamente uma mulher, erguendo um lampeão acima da cabeça, e debruçando-se para nos enxergar. Pareceu-me muito bonita. Trajava um vestido de riquissimo estofo, estofo, segundo pude avaliar pelos reflexos da luz nos "plissés" e bordados. Proferiu interrogativamente algumas palavras em lingua estrageiras, ás quaes respondeu o meu companheiro com outras breves e asperas, que a fizeram estremecer a ponto de quasi lhe escapar das mãos o lampeão.

"O coronel Stark segredou-lhe o quer que fosse ao ouvido, e, tendo-a impellido para o quarto de onde ella sahira, veiu outra vez ter commigo, de lampeão na mão e disse-me, abrindo outra porta:

— Tenha a bondade de esperar aqui, alguns minutos.

O quarto para onde me conduziu estava mobiliado com sobriedade; ao centro, uma mesa redonda, e, espalhados em cima, livros allemães; ao pé da porta um harmonium, sobre o qual o coronel Stark collocou o lampeão.

— Conceda-me um instante, apenas — disse, e afastou-se, sumindo-se na escuridão.

Observei os livros, e, a despeito da minha igno-

do Engeheiro

Por Conan Doyle

rancia no tocante á lingua allemã, certifiquei-me de que dois eram tratados de sciencias, e os restantes, obras poeticas.

Fui á janella, esperando ver o campo, mas a janella estava fechada por um postigo de carvalho, seguro com uma grossa tranca de ferro. Era estupendo o silencio daquella casa. Afóra o tic-tac de um velho relogio de parede, no corredor, tudo parecia morto em torno de mim. Principiei a sentir-me invadido por um vago mal-estar.

Quem seriam estes allemães, e que fariam naquellas paragens tão ermas e singulares? E qual era a situação exacta do logar?... Achava-me a dez milhas, ou coisa assim, de Eyford, é quanto eu sabia. Ao norte, ao sul, á leste, á oeste? Impossivel de verificar!... No intuito de recuperar o socego, dizia commigo que Reading, e talvez outras grandes cidades, se encontrariam nesta orbita, e que, sabidas as contas era possivel que o edificio não fosse tão isolado como eu a principio o suppuzera.

E comtudo, a julgar pelo socego, era o mais certo acharmo-nos num descampado. Puz-me a medir a casa a passos largos a trautear uma canção para me animar, e a dizer commigo que estava fazendo jús, a valer, ás sessentas libras esterlinas.

De subito, e sem que, em meio do silencio sepulcral, eu tivesse presentido o mais subtil rumor, abre-se a porta, de mansinho. Appareceu a mulher que eu já tinha visto, emoldurada pela escuridão. Illuminado em cheio pela luz do meu lampeão, aquelle rosto formosissimo, a par de intelligente, denunciava um pavor intenso, e o caso é que m'o transmittiu. Acenou-me com um dedo a tremer, que não fizesse bulha, depois segredou-me ao ouvido algumas palavras em mau inglez olhando constantemente para a porta atraz de si.

— Eu, no seu caso, ia-me embora daqui, disse ella tentando impôr firmeza á voz. Não me deixava ficar aqui nem mais um instante! O senhor não foi talhado para a empreza que o espera.

— Mas, minha senhora, observei eu, se ainda não dei conta da tarefa! Não posso retirar-me sem ter visto a machina.

— Acredite no que lhe digo, insistiu ella. Vá-se quanto antes. Póde sahir por aqui, que ninguem o vê.

Vendo-me abanar a cabeça com um ar de riso, deu de mão a toda a reserva, e avançou um passo a estorcer as mãos, murmurando:

— Pelo amor de Deus, vá-se embora emquanto é tempo!

Eu, desgraçadamente, sou teimoso por indole, tanto mais disposto a atirar-me de cabeça para qualquer negocio quanto maiores sejam as difficuldades. Lembrei-me das minhas sessenta libras, da enfadonha jornada que trazia no corpo, e da desagradabilissima noite que com todas as probabilidades estava ainda á minha espera. E no fim de tanto trabalho, tres vezes nada coisa nenhuma?! Porque havia eu de fugir, no fim de contas sem cumprir a minha missão, nem cobrar a remuneração a que tinha direito? E quem me affirmava que não estaria doida a creatura? Que sabia eu a tal respeito? Abanei pois a cabeça com resolução, comquanto o procedimento daquella mulher me tivesse sobresaltado a um ponto que eu nem queria confessar, e declarei categoricamente as minhas tenções e ficar onde estava. Ia repetir-me a objurgatoria, quando se ouviu fechar uma porta no primeiro andar e alguem descer a escada. Escutou por instantes, ergueu as mãos para o céo com desespero e sumiu-se tão silenciosa e apressada como tinha entrado.

Appareceram o coronel Lysander Stark e um homemzinho gordo, de barbas grisalhas a repontarem-lhe dos refegos da dupla barba. Este ultimo foi-me apresentado na qualidade do sr. Ferguson.

— E' meu secretario e meu gerente, declarou o coronel. Mas, a proposito, quer-me parecer que eu quando sahi tinha fechado aquella porta? Quem sabe se estave exposto a uma corrente de ar?...

— Pelo contrario! respondi eu. Abria-a, por sentir muito calor.

O coronel deitou-me uns olhos desconfiados e disse:

— E se nós tratassemos do nosso negocio? Eu e o sr. Ferguson, vamos lhe mostrar a machina.

— Será preciso levar o chapéo?

— Não, senhor. Tenho-a aqui mesmo, dentro de casa.

— Ora essa! Com que então, extrahe a grêda do proprio predio?

— Ora, qual!... Aqui apenas a comprimimos. Mas não é disso que se trata. O que desejamos tão sómente é que o senhor examine a machina e que nos diga se tem alguma peça partida ou fóra do seu logar.

Subimos ambos, indo adeante o coronel, conduzindo a luz, depois o nutrido gerente e eu atraz delle. Aquelle vetusto casarão era um verdadeiro labyrintho, todo cheio de corredores, enesgados passadiços, escadas de caracol, portinhas baixas, com as soleiras muito gastas pelos pés das gerações transactas. Nem signaes de alcatifas, nem de mobilia além da que guarnecia o rez do chão. A caliça soltava-se das pa-

(*Continúa na pagina seguinte*)

redes manchadas pela humidade de nodoas verdoengas e insalubres. Tentei assumir uns modos indifferentes, mas não se me apartava da idéa o aviso daquella mulher, comquanto eu me houvesse negado a dar-lhe ouvidos, e ia sempre com o olho nos meus dois companheiros. O Ferguson parecia-me calado e taciturno, mas pelas poucas palavras que pronunciou, nem sequer ao menos percebi se era inglez como eu.

Afinal o coronel Lysander Stark parou em frente de uma porta baixa e abriu-a. Dava accesso para um recinto quadrado e pouco espaçoso onde caberiamos com bastante difficuldade todos tres. Ficou do lado de fóra Ferguson, e o coronel fez-me entrar atraz de si, e declarou:

— Eis-nos na prensa hydraulica, e digo-lhe que não seria muito agradavel para nós, alguem lembrar-se de a pôr a funccionar. O tecto deste cubiculo é, ipso-facto, o embolo de compressão que vem premer este pavimento metallico com uma força de varias toneladas. Existem exteriormente uns columnelos lateraes contendo agua; recebem a força e transmittem-n'a, conforme deve saber. A machina ainda está a andar, mas parece offerecer tal ou qual resistencia, e tem a força perdida. Tenha a bondade de examinal-a e de nos declarar o que será necessario fazer.

Peguei no candieiro e procedi a minucioso exame. Era um machinismo gigantesco e com capacidade para exercer pressão descommunal. Sahi para fóra, em seguida, e abaixei as alavancas de movimento. Verifiquei logo, pelo som que existia uma leve fuga, pela qual se escapava a agua. Descobri tambem que a guarnição de borracha de uma das rodas do embolo estava encolhida e já não preenchia o espaço que devia obstruir. Era aquella, certamente, a causa da perda de força, e indiquei-a aos meus companheiros, que me escutaram com a maxima attenção, fazendo-me varias perguntas technicas sobre o modo de proceder ao concerto. Dadas as competentes explicações, voltei para a camara do cylindro, com o sentido em satisfazer novamente a minha curiosidade. Estava-se mettendo pelos olhos que a tal historia da grêda era pura e simplesmente uma invenção, pois que effectivamente representaria o proprio absurdo empregar-se um engenho de potencia tão desproporcionada para semelhante fim. As paredes do recinto eram de madeira, mas o tecto e o chão eram de ferro, e, ao examinar este ultimo notei que estava coberto por uma crosta de deposito metallico. Abaixei-me, e estava a raspal-a com a unha para lhe verificar a natureza, quando ouvi uma exclamação surda em allemão, e vi o rosto cadaverico do coronel, debruçado sobre mim.

— Que está fazendo? perguntou elle.

Ao que eu, zangado por me ter deixado embahir por semelhante mentira, respondi:

— Estava admirando a sua grêda, e afigura-se-me que poderia dar-lhe conselhos mais efficazes, se tivesse sabido o verdadeiro destino da sua machina.

Mal tivera tempo de pronunciar estas palavras, e já estava arrependido do meu desatino. O semblante do meu interlocutor tomára aspecto feroz, e nos olhos lampejava-lhe um funesto clarão.

— Ah! muito bem, disse o coronel. Já vae ficar perfeitamente inteirado.

Recuou um passo, atirou com a porta com força e deu volta á chave.

Investi para o botão, mas por mais esforços que fizesse, não fui capaz de o mover.

— Olá! brami. Olá, coronel! Abra a porta!

No silencio da noite, ouvi, um ruido que me gelou o sangue nas veias! Era o ranger das alavancas, e o cylindro, em que havia uma fuga, que principiava a mover-se. O coronel tinha posto em acção a machina! O candieiro ainda para ali estava no chão, onde eu o tinha collocado para examinar o sedimento metallico. A' luz que emittia, vi o tecto lobrego a descer, vagaroso sobre mim, por sacudidellas successivas mas... e quem melhor que eu o poderia avaliar?... com uma força que, em menos de um minuto, devia reduzir-me ao estado de polpa informe. Arremetti contra a porta bradando por soccorro, mas esfolei os dedos na fechadura. Implorei ao coronel que me deixasse sahir, mas o implacavel tilintar das alavancas abafava-me a voz. O tecto, agora, achava-se apenas a um ou dois pés acima da minha cabeça. Levantando a mão, já me seria possivel tocar-lhe na superficie dura e aspera. Então, já que a morte era inevitavel, urgia tomar uma posição que a tornasse o menos dolorosa possivel. Deitado de borco, o peso desde logo assentaria todo na espinha dorsal... Estremeci com a idéa da horripilante fractura que dahi resultaria. Por outro lado, se me deitasse de costas teria coragem para ver aquelle esmagamento medonho vir-se aproximando de mim?

Já nem sequer podia estar em pé, eis se não quando, me assalta uma visão e com ella um raio de esperança.

Disse já que o tecto e o chão eram de ferro, e de madeira as paredes. Ao lançar pela ultima vez um rapido olhar em volta de mim, avistei um tenue fio de luz, coando-se entre duas taboas, e, a breve trecho, abriu-se um postigosinho. Um segundo de hesitação, o tempo sufficiente para verificar que era com effeito uma porta de salvação e investi como louco para a abertura, indo cahir quasi sem sentidos, do outro lado da parede. Fechára-se atraz de mim o postigo, e sentiu-se no mesmo instante, o ruido do candieiro esmigalhado, e das duas molas de metal contundindo uma com outra, provando-me que eu tinha escapado de bôa.

Recuperei os sentidos mercê de violenta pressão no pulso. Abri os olhos e achei-me estirado no chão em um estreito corredor. Debruçada sobre mim uma mulher, com um castiçal na mão, esforçava-se por me arrastar com a mão que tinha livre. Verifiquei ser a mesma fada bemfazeja cujos conselhos eu desprezára tão incautamente.

— Venha, venha! gritava ella, fóra de si. Elles não tardam por ahi. Vão dar pela sua falta, no sitio em que o deixaram. Então! Não perca um tempo tão precioso! Venha!

Desta vez, não lhe desprezei o aviso. Levantei-me a muito custo, e corremos ambos até o fim do corredor, onde ficava uma escada de caracol que nos deu accesso a um passadiço mais amplo. No momento em que o alcançavamos, sentimos passos apressados e o éco de duas vozes, trocando perguntas e respostas de um para outro andar. Estacou perplexo o meu guia, mas lôgo abriu de golpe uma porta que

dava accesso para um aposento, em cuja janella vinha refranger-se o luar.

— Ahi tem a sua salvação, disse ella. E' grande a altura, mas creio que poderá saltar.

No mesmo instante assomava uma luz á extremidade do corredor, alumiando a comprida e delgada silhueta do coronel Lysander Stark, que empunhava uma lanterna e corria brandindo um instrumento á laia de cutello de magarefe.

Investi para a janella, abri-a de repellão e olhei para o exterior. Que socego o daquelle jardim alumiado pela luz do luar! Achava-me a uma altura de trinta pés, quando muito: galguei o parapeito, mas não quiz dar o salto antes de ter ouvido o que se passava entre a minha redemptora e o miseravel que vinha a perseguir-me. Se elle por acaso a maltratasse, eu estava decidido a arrostar com tudo para soccorrel-a.

Mal tivera tempo de pensar neste alvitre, e já o meu algoz transpunha a porta, repellindo a mulher afim de passar á viva força. Ella, no emtanto lançou-lhe os braços em redor do corpo, na ansia de o deter.

— Fritz, Fritz! bradou em inglez, lembra-te da tua ultima promessa... que não tornarias a fazer semelhante coisa! Elle não diz nada... nada... tenho a certeza!

— Estás doida, Elisa! exclamou o coronel, tentando desvencilhar-se. Queres deitar-nos a perder a todos nós? Viu de mais. Deixa-me passar!

Empurrou-a com força, e arremettendo para a janella, vibrou-me um golpe com a arma. Eu tinha-me pendurado da janella para fóra e ficára suspenso por um braço, aferrando-me ao peitoril. Senti uma dôr surda, soltei a mão e baqueei no jardim.

Atordoado, mas não magoado da quéda, levantei-me e deitei a correr com quanta força tinha através das moitas, pois sentia que não estava ainda livre de perigo. De subito, porém, faltaram-me as forças. Olhei para a mão, na qual sentia um latejamento dolorosissimo. Tive então a certeza de que me havia sido cortado o dedo pollegar, e que o sangue jorrava da ferida aos borbotões... Tentei ligal-a com o lenço, mas puzeram-se-me os ouvidos a zunir, e cahi sem sentidos entre as roseiras.

Não sei dizer por quanto tempo permaneci desmaiado. Para alli estive um bom pedaço, visto que já se havia sumido o luar, e o dia começava a romper quando voltei a mim. Tinha o facto humido do orvalho e a manga ensopada em sangue. A dor da ferida veiu de subito recordar-me os minimos incidentes daquella noite, e ergui-me de um salto perante a idéa que poderiam ainda vir perseguir-me.

Qual não foi, porém, o meu espanto, ao lançar a vista em derredor, não vendo já a casa, nem o jardim. Achava-me ao abrigo de uma sébe, na estrada real. Ao pé, erguia-se uma extensa construcção, que, ao approximar-me, verifiquei ser a propria estação de caminho de ferro, onde eu me apeaára na noite anterior. A não ser o terrivel ferimento, quando decorrêra durante aquellas horas tremendas, podia muito bem ter sido apenas um sonho mau.

Atordoado de todo, entrei na estação a informar-me do horario dos comboios. Havia um apenas para Reading, dali a menos de uma hora. Reconheci o empregado porque já o tinha visto á chegada. Perguntei-lhe se já ouvira nomear o coronel Lysander Stark, e se tinha reparado em uma carruagem que viera esperar-me a noite passada. Respondeu-me que não, que não tinha reparado em nada. Perguntei-lhe então onde era a estação policial mais proxima. Disse-me que havia uma distante dali tres milhas. Era muito longe para mim, em vista do estado de fraqueza em que eu me encontrava. Tive, pois, que esperar pelo meu regresso á cidade para me queixar. Quando lá cheguei era um pouco mais de seis horas. Primeiro que tudo tratei de que me curassem a ferida, e depois o doutor teve a bondade de me acompanhar aqui. Entrego-me nas suas mãos e farei tudo o que me aconselhar".

Concluida tão extraordinaria narração, permanecemos em silencio algum tempo. Depois Sherlock Holmes sacou da estante um volumoso registo onde guardava os textos que recortava nos jornaes.

— Aqui está um annuncio que não deixará de o interessar, disse elle. Appareceu em todos os jornaes, haverá coisa de um anno. Escute: "No dia 9 do corrente mez, desappareceu Jeremias Hayling, da edade de 26 annos, engenheiro hydraulico. Sahiu de casa ás 10 horas da noite. Nunca mais se soube delle. Trajava, etc." Isto, imagino eu, corresponde á ultima vez em que o coronel precisou de concerto na sua prensa.

— Santo Deus! exclamou o ferido. Mas então ahi está explicado tudo o que me disse aquella mulher!

— Exactamente. E' certo que o coronel é um homem frio e resoluto e que se não prende com coisa nenhuma. Está absolutamente decidido a não consentir jamais que lhe devassem os seus planos, como aquelles piratas que não deixam sobreviver viv'alma nos navios aprezados. Pois bem! Cada instante que passa, representa para nós uma preciosidade. Se por ventura se sente com forças, vamos immediatamente á estação central de Scotland Yard e dali a Eyford.

Tres horas depois iamos nós todos no comboio que em Reading devia levar-nos á aldeiola do Berkshire, theatro do drama em questão; todos, quero dizer, Sherlock Holmes, o machinista, o inspector Bradstreet de Scotland Yard, um agente á paisana e eu. Bradstreet estendera um mappa militar do condado em cima dos joelhos, e traçára a compasso um circulo com o centro em Eyford. — Vejamos, disse elle. Este circulo tem raio dez milhas. O sitio de que andamos em procura deve achar-se aqui dentro, algures. O senhor affirmou que eram dez milhas, não é assim?

— Eu o que disse foi uma hora bem medida, de carruagem.

— E suppõe que o fizeram galgar outra vez todo esse trajecto, emquanto esteve sem sentidos?

— Assim devia ser. Restam-me, aliás, umas confusas reminiscencias de me haverem erguido e carregado commigo.

— O que eu não posso perceber, accrescentei, é o terem-no poupado quando o encontraram desmaiado no jardim. E' possivel que o miseravel se deixasse enternecer pela tal mulher.

(Continúa na pagina seguinte)

— Não me parece que esteja provado. Não me recordo de ter visto nunca semblante mais implacavel.

— Deixe lá, tudo isso se ha de esclarecer, digo-lh'o eu, affirmou Bradstreet. Pois bem! Aqui tem o meu circulo e não se me daria de saber onde, dentro deste espaço, se encontrará essa gente de que andamos em procura.

— Quer-me parecer que poderei designar-lhe o sitio, disse Holmes, com todo o socego.

— Devéras! exclamou o inspector. Com que então já tem opinião assente a esse respeito? Vamos a ver qual de nós se achará de accôrdo com o senhor. Eu, por mim, digo que foi para o sul, visto que a região para essa banda é menos povoada.

— E eu, inclino-me a que foi para léste, declarou o meu doente.

— Opino pelo oeste, disse o individuo á paisana. Para essa banda existem muitas casas isoladas.

— E eu, pronuncio-me pelo norte, aventurei por minha vez, visto ser o lado da planicie e o haver affirmado este nosso amigo não ter galgado a minima ladeira.

— Diz muito bem, exclamou a rir o inspector. Linda diversidade de opiniões, não haja duvida. Repartimos entre nós quatro os quatro pontos cardeaes. A quem outorga o seu voto, sr. Holmes?

— Nenhum dos senhores tem razão.

— Mas não podemos todos deixar de a ter.

— Ora essa! Perfeitamente. E ahi vae o meu ponto, e poz o dedo no centro do circulo. E' por aqui que o havemos de topar.

— E a tal carreira das doze milhas? impugnou Hatherley.

— Seis á ida e seis á volta. Nada mais simples. Affirmou o senhor que o cavallo estava folgado. E como é que elle o poderia estar, trazendo já no lombo doze milhas por caminhos ruins?

— E o caso é que não deixa de haver verosimilhança quanto a essa artimanha, observou Bradstreet, pensativo. Naturalmente, não póde existir duvida quanto á natureza da tal quadrilha.

— Nenhuma, affirmou Holmes. São falsos moedeiros em grande escala e a prensa serve-lhes para fabricarem o amalgama que substitue a prata.

— Ha muito tempo que sabiamos da existencia de um bando muito habil, que fabricava moeda falsa. Têem cunhado libras aos milhares. Seguimos lhe o rastro até Reading, mas não fomos mais longe. Tinham enredado a pista de modo que attestava serem uns praticos callejados no officio. E agora, graças a tão feliz acaso, creio que os teremos na unha.

Enganava-se o inspector. Aquelles malfeitores não tinham que cahir nas mãos da justiça. Ao chegar a Eyford, vimos uma immensa columna de fumo a surgir de uma moita de arvoredo na vizinhança, e a alastrar-se pela paizagem, qual penna disforme de avestruz.

— Um predio a arder? perguntou Bradstreet ao chefe da estação, quando ia partir de novo o comboio

— Sim, senhor.

— Quando principiou?

— Ouvi dizer que esta noite, mas, pelos modos, aggravou-se, e agora está tudo a arder.

— A quem pertence o predio?

— Ao doutor Becher.

— Ora diga-me, interrompeu o machinista, esse tal doutor Becher não será allemão, magrissimo e de nariz muito comprido e muito bicudo?

O chefe da estação desatou a rir:

— Isso sim! O doutor Becher é inglez, e em toda a parochia, creio que não haverá homem mais gordo. Mas tem comsigo um sujeito, um doente, creio eu, que é estrangeiro, e a quem não deixavam de fazer conta umas boas doses de carne de boi de Berkshire.

Palavras não eram ditas, e já nós lá iamos a caminho do incendio. A estrada galgava uma porção de terreno, e avistavamos pela nossa frente um predio grande, branco, a deitar fogo por cada janella e por cada fenda, ao passo que tres bombas assestadas do jardim combatiam o fogo, mas sem resultado algum.

— E' isto mesmo! exclamou Hatherley, no auge do sobresalto. Cá está a alameda ensaibrada, e as roseiras onde cahi, e foi daquella janella do segundo andar que saltei.

— Bom! Ao menos está vingado, disse Holmes. E' fóra de duvida ter sido o seu candieiro esmigalhado pela prensa que pegou fogo ás paredes de madeira. Não deram por isso no anseio de o caçarem ao senhor. Repare bem naquella multidão e veja se no meio della não estarão os seus amigos da tão celebre noite: mas receio muito que a estas horas já se achem daqui a uns bons centos de milhas.

Os receios de Holmes deviam realizar-se, por quanto desde aquelle dia ninguem mais teve novas da linda mulher, nem do sinistro allemão ou do sombrio inglez. Um camponio pela manhã cedo, topára uma carreta que levava diversas pessôas, e uns grandes caixotes, a rodar com velocidade na direcção de Reading. Ali, comtudo, perdia-se de todo o rastro dos fugitivos, e o proprio engenho de Holmes nunca foi capaz de descobrir o minimo indicio que o collocasse na pista dos malandrins.

Os proprios bombeiros ficaram pasmados em presença das estrambolicas disposições do predio, e muito mais quando descobriram no peitoril da janella do segundo andar um dedo pollegar recentemente cortado. Finalmente, naquella mesma noite, viram coroados de bom exito os seus esforços e conseguiram dominar o incendio: o tecto, porém, desabára, e com elle uns tubos de ferro do tal machinismo, que tão caro havia custado ao nosso amigo. Encontraram-se grande quantidade de nickel e de estanho, armazenados em um telheiro ao lado da casa, mas quanto a moedas, nem uma unica, circumstancia que explica a presença dos grandes caixões atraz mencionados.

Umas pégadas bem conservadas vieram desvendar-nos o modo por que tinham transportado o ferido do jardim para o sitio onde recuperára os sentidos. Era manifesto que fôra levado por duas pessôas, das quaes uma tinha o pé de notavel pequenez, e a outra, pelo contrario, de tamanho descommunal. Era provavel, portanto, que o silencioso inglez, menos afeito ou menos barbaro que o companheiro, tivesse, com a ajuda da mulher, arredado para longe do perigo o homem desmaiado.

— Em summa, disse com tristeza o machinista, voltando para o comboio, digo-lhes que fiz um negocio de costa acima! Fiquei sem o meu dedo pollegar e as minhas cincoenta libras!

— Ganhou experiencia, disse Sherlock Holmes, a rir. E ha nisso ainda outra vantagem, embora indirecta; onde quer que narre a sua aventura, ficará com a fama de ser o narrador mais interessante de todo o mundo.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor

O desapparecimento do campeão

SUPERETTE

RCA VICTOR

PEQUENO EM TAMANHO!

GIGANTE EM RESULTADOS!

SUPERETTE. — O primeiro receptor Super-Heterodyno RCA Victor de grande potencia, em um movel miniatura. Equipado com 5 radiotrons, Alto-falante conico-dynamico, movel compacto e resistente — Preço 2:000$000.

SURGE, finalmente, o primeiro receptor Super-Heterodyno com uma reproducção igual a dos radios mais possantes, em um movel miniatura. Trata-se de um apparelho de radio magnifico, que reune em si as duas maiores virtudes RCA - Victor: a mão de obra impeccavel e a perfeição acustica.

SO' depois de longos annos de experiencias é que os engenheiros da RCA - Victor conseguiram concluir tal apparelho, digno de ser considerado como mais uma gloria para a famosa fabrica RCA - Victor.

O seu preço é modico, e com o nosso systema de vendas á prazo, V. S. não poderá se privar de possuir um "bom" radio.

PEÇA-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO — O MAIS BREVE POSSIVEL!

Á venda nas bôas casas do ramo, ou nos

DISTRIBUIDORES GERAES:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98
Rio

S. Bento, 35
S. Paulo

O radio Superette póde ser facilmente transportado para qualquer logar. Adquira um destes instrumentos e leve-o, no proximo verão, para a sua casa de campo.